

COMO
CONSERVAR
UM
CORACÃO

Parte I

*Para todos aqueles que carregam o
peso de um sonho.*

“Existe uma fração minoritária de psicopatas com uma insensibilidade
tamanho que suas condutas criminosas podem atingir perversidades
inimagináveis.”

Mentes perigosas: O psicopata mora ao lado
- Dra. Ana Beatriz Barbosa Silva

PRÓLOGO.

Sentada em um pequeno sofá bege seguindo os mesmos tons neutros da sala, Aurora balança inquietamente com uma das pernas. Com as mãos apoiadas e cruzadas sobre os joelhos, as cutículas roídas e os olhos verdes acinzentados com bolsas de olheiras ao redor percorrendo todo o ambiente. Ela fita o relógio mais uma vez, sete minutos para o fim da sessão. O cabelo ruivo está preso em um alto rabo de cavalo, e ela apoia o cotovelo no braço do sofá respirando fundo outra vez, coçando entre as sobrancelhas. Aurora vê os lábios da médica em sua frente se movendo, mas não faz a mínima ideia do que a mulher está falando. O balançar das pernas fica mais intenso e ela troca de posição novamente. Aquela não é a aparência que a jovem promotora Aurora Padilha exhibe normalmente, mas é a que qualquer um teria se tivesse o mesmo trabalho que ela, a mulher mais jovem a conquistar o cargo de promotora criminal no estado de São Paulo, apenas com vinte e sete anos, ela já trilha o caminho jurídico do falecido pai, o renomado juiz Christopher Padilha.

- Aurora? – a doutora ajeita o óculos de lentes grossas a fitando – Podemos retomar?

- Claro – responde a paciente com o entusiasmo de quem não tem alternativa.

- Sei que você não acredita no trabalho que estamos fazendo e que está aqui apenas pela ordem judicial que o Ministério Público emitiu, porém quanto antes você colaborar com as nossas sessões, mais cedo você poderá retornar a sua rotina normal.

- Normal?! – Aurora repete cética. Os olhos apertados e o cenho franzido. Ela se curva apoiando os cotovelos sobre os joelhos encarando a psiquiatra com desdém – Não existe normal depois do que eu vi, doutora!

- Não foi o que eu quis dizer...

- Oitenta e dois corpos! – Aurora interrompe dizendo – Tinha oitenta e dois corpos enterrados na merda daquele lugar! – continua com tom impetuoso – E entre eles... um dos meus amigos!

45 DIAS ANTES.

CAPÍTULO 1

O primeiro de oitenta e dois.

Aurora está em frente ao espelho ajeitando o cabelo ruivo que herdou do pai. Ela usa uma longa calça social preta e uma camisa branca fechada até os pulsos para o primeiro dia de trabalho no escritório da promotoria. Qualquer novato estaria com os nervos à flor da pele, mas não Aurora. Ela entrou no curso de direito na Universidade de São Paulo assim que completou dezoito anos. Passou pelos cinco anos da graduação ficando sempre entre os três primeiros alunos da sala. No fim da faculdade, aos vinte e três, se formou com glória com a apresentação de seu trabalho de conclusão de curso sobre o papel fundamental dos defensores públicos na defesa das vítimas de violência doméstica no Brasil. Passou pela prova da Ordem dos Advogados em quarto lugar no ranking do Estado entre quase quatrocentos mil estudantes que prestaram a prova naquele dia, e há cinco meses, havia recebido a notícia de que foi aprovada no concurso para o cargo de promotora criminal, se tornando a mulher mais jovem a conseguir tal feito.

Desde os primórdios, Aurora sempre se mostrou curiosa pelo direito, talvez porque fosse para onde a atenção de seu pai estivesse voltada mais de vinte horas por dia. Muitas das memórias dela de quando criança, são de quando observava o pai trabalhando em seu escritório onde ela costumava entrar escondido e tentar entender os casos e apelações em que Christopher Padilha trabalhava na época. A primeira palavra de Aurora, quando completou um ano de idade, foi “processo”.

Vinte e sete anos depois, a jovem promotora sorri confiante. Ainda em frente ao espelho analisando a roupa que havia escolhido, sente a verdadeira sensação da mais profunda realização da qual pouco aproveitará. A advogada, agora oficialmente funcionária pública e membro do Ministério Público, deseja com todas as forças que em seu primeiro ano no cargo receba um grande caso, com uma grande condenação que coloque seu nome nos holofotes e a ajude em seu objetivo final, um assento na corte do Supremo Tribunal Federal. Mas aqui sinto que devo fazer uma pausa e relembrar, cuidado com o que deseja, pois pode se realizar.

- Você vem ou não? – grita alguém da cozinha.

Aurora deixa o quarto se deparando com João Victor, ou como os amigos o chamam, JV que tem vinte e oito anos, um metro e oitenta de altura, cabelos cor de avelã, um magnífico sorriso e é o cozinheiro do grupo. Ele está por detrás do balcão que separa a cozinha da sala e

finaliza as torradas as levando até uma bela mesa oval de marfim. JV é praticante de box e exhibe os belos ombros através da regata. Ele trabalha como jornalista em uma agência na avenida Paulista, junto com outros dois integrantes da família de amigos e um deles é Leonardo, que chega com o cabelo preto encaracolado esvoaçado jogando o casaco em cima do sofá e indo direto a mesa atacando as torradas.

- Vai com calma! – JV diz enquanto Léo segura duas torradas na mão e uma na boca.

- Bom dia, gente! – diz outra voz abrindo a porta e também jogando o casaco em cima do sofá. É Sofia.

- Vocês todos moram aqui agora? – Aurora pergunta saindo do quarto e indo até a mesa do café da manhã. Ela toma uma torrada da mão de Léo – Só estou perguntando porque aí eu posso redigir um contrato e começar a cobrar o aluguel e a comida.

- Não seja uma advogada essa hora da manhã, Aurora! – Sofia responde servindo-se de café – Estamos aqui para celebrar o seu primeiro dia no prédio dos engravatados – ela faz um gesto como se amarrasse uma gravata no pescoço.

- É isso mesmo! – Léo diz abraçando Aurora do seu lado – E além do mais, você é a que ganha mais de todos nós, agora. Dá para pagar um café da manhã para os seus melhores amigos.

- Concordo total! – JV diz caminhando da cozinha até a mesa segurando uma jarra com suco de laranja – Com a Aurora... – finaliza sorrindo.

- Oi, galera... – uma voz fina e acolhedora também abre a porta. É Jonas, que chega pegando o casaco de Léo e Sofia e o colocando nos pinos presos à porta.

- É por isso que ele é o meu preferido – Aurora diz.

- Eu trouxe torta! – Jonas diz.

- E é por isso que ele é o meu preferido! – Sofia arrasta a cadeira vazia ao seu lado a oferecendo para Jonas.

- Então... Você está nervosa? – ele pergunta a Aurora.

- Por quê?

- Porque é o seu primeiro dia! – Jonas responde sorrindo – Como acha que vai ser?

- Você acha que eles vão te dar aquele caso que vimos no jornal ontem? Ouvi dizer que o último promotor se demitiu... – Léo diz.

- Que caso? – Aurora pergunta e finaliza o copo de suco.

- Dos garotos desaparecidos... – Léo e Jonas respondem juntos.

- Qual é, Aurora! Você precisa se atualizar! – Léo exclamou levantando-se para ir até a cafeteira.

- Eu ouvi os rumores. Mas não sei... Parece ser só um caso de desaparecimento, o que tem de grande nisso?

- Isso, meus queridos... – diz Sofia – É a incrível sensibilidade de um advogado!

- Cala a boca... – Aurora responde com uma careta – Só estou dizendo que espero receber um caso importante! Preciso de um caso complicado que me traga uma bela condenação e eu possa ficar nos radares para...

- Ser a mulher mais jovem a ter um assento no Supremo Tribunal Federal... – os amigos respondem todos juntos com a mesma empolgação de alunos da quarta série que precisam terminar a sentença da professora de português.

Jonas sorri encarando os amigos e Aurora exhibe os dois dedos do meio para o grupo.
Jonas continua:

- Como você acha que não é um grande caso?! Pessoas estão desaparecendo! Crianças! Podemos estar falando de um assassino em série...

- Ei, ei, ei! – Sofia o interrompe sem ainda ter engolido a comida fazendo um gesto de negação com o dedo indicador – Nenhum corpo foi encontrado!

- A polícia deveria saber se tivéssemos um assassino em série! – Aurora encara Sofia que é uma das sargentos da polícia militar da capital, e também faz parte da equipe de investigação no caso dos meninos desaparecidos.

- Sem corpo, sem assassinato! – afirma a policial.

- E essa é a grande sensibilidade de um policial! – Aurora se levanta – Preciso ir agora! Não quero causar uma má impressão e chegar atrasada no primeiro dia.

- É... – Léo murmura – Como se a má impressão não fosse acontecer quando eles descobrirem a megera que você é – ele sorri.

- Cala a boca, Léo! – JV diz dando um leve tapa na cabeça do amigo – Pegou o casaco? – pergunta encarando Aurora na porta.

- Sim, mãe! – ela sorri se despedindo com uma piscadela e fecha a porta.

- Opa!

- Me desculpe! – Aurora diz. Havia esbarrado com uma mulher no estreito corredor do prédio.

- Esses corredores são tão apertados! Olá... – a moça a encara com um leve rubor e então estende a mão para um cumprimento – Sou a Thabata – diz a mulher dos longos cabelos pretos ondulados que vão até a cintura – Me mudei para o vinte e três na semana passada.

- Sou Aurora – responde a promotora selando o aperto de mãos.

- Ei! Só queria te lembrar da festa surpresa do Jonas... – JV diz abrindo a porta – Você pode buscar o bolo a hora que voltar do trabalho? Vou ter que ficar até mais tarde para atender um cliente e atrasar o Jonas para dar tempo do pessoal chegar.

Aurora o encara acenando com a cabeça indicando a presença da vizinha.

- Oh! Não vi você aí! – JV aperta os olhos como se a reconhecesse – Já te vi em algum lugar?

- Acho que não... – ela sorri – Sou a Thabata, me mudei recentemente para o 23.

- Ah, bem no final do corredor – JV sorri – Prazer, sou o JV.

- Seus pais te nomearam com duas letras? – ela pergunta sorrindo – Brincadeira! É abreviação para João Vitor?

- Victor... Com o C...

- Não vou esquecer o bolo! – Aurora diz interrompendo o mísero diálogo com os lábios apertados e um sorriso impaciente.

- Obrigado – ele dá uma última olhada nas duas mulheres e repara que Thabata encara Aurora como se estivesse hipnotizada – Você deveria vir! – diz.

- O que?! – as duas exclamam juntas.

- Você acabou de mudar, não é? Vai ser legal fazer novas amizades e acredite em mim, somos os melhores moradores do prédio! – ele se afasta – Te vejo às oito! – JV fecha a porta.

- Ele está certo! – Aurora diz.

- Sobre vocês serem as melhores pessoas no prédio? – Thabata a encara sorrindo.

- Definitivamente não sobre isso! Mas você deveria vir, vai ser divertido! – Aurora diz enquanto caminha em direção ao elevador – Espero que possa aparecer! – diz entrando e se ajeitando entre dois outros moradores atentos às telas de seus smartphones – Tchau! – se despede com um aceno.

- Tchau... – Thabata permanece parada segurando uma caixa de papelão observando Aurora enquanto a porta do elevador se fecha e ela desaparece.

O prédio do Ministério Público onde a promotoria criminal mantém seu escritório na Rua Riachuelo, fica a trinta e cinco minutos da residência de Aurora em Pinheiros, contando o tempo que leva para estacionar o Corolla 2018 preto na garagem para funcionários no subsolo. Aurora estaciona na vaga que tem seu nome, desce do carro pegando a bolsa, a pasta com seu notebook, deixa o casaco no banco do carona e fecha a porta indo em direção a mais um elevador que será parte integral de sua rotina.

- Vossa Excelência, Padilha? – um homem pergunta quando o elevador abre no terceiro andar – Meu nome é Phelipe Marcondes, sou um dos investigadores – ele estende a mão – É um prazer finalmente te receber conosco.

- Prazer em te conhecer, Sr. Marcondes. – Aurora responde sorrindo e guardando o celular na bolsa – Muito obrigada. E por favor, me chame de Aurora... – diz enquanto eles caminham pelo amplo corredor do prédio – Pensei que falaria com alguém da Procuradoria Geral antes de começar...

- Normalmente seria assim... – Phelipe responde simpático, embora pareça claramente cansado – Mas estamos com uma bomba prestes a explodir e precisamos te colocar a par da situação o mais rápido possível.

Aurora franzi as sobrancelhas encarando o homem alto e magricelo que tem o terno solto do corpo e anda rápido como um quero-quero.

- Qual é o caso? – ela pergunta quando eles param em frente a uma porta metálica.

- O delegado responsável te aguarda para te dar todas as informações – ele abre a porta da sala de conferência.

Aurora se depara com mais de vinte homens sentados em volta de uma longa mesa. Um deles, que está na cadeira da ponta, parece ter mais de sessenta anos, exibe uma cabeleira grisalha e conta alguma piada com voz típica de fumante. Dois homens ao seu lado riem e ele então encara a jovem promotora.

- Achei que tinha pedido para você trazer a promotora, Phelipe. E não a estagiária! – diz.

Phelipe abaixa o olhar constrangido.

- Meu nome é Aurora Padilha – ela responde com voz firme caminhando pela sala até a cadeira da ponta onde o senhor sentado exibe uma pança protuberante – Sou a nova promotora do estado e embora aparento ser jovem, de acordo com a minha pontuação no concurso sou mais do que qualificada para o trabalho – ela permanece com a expressão serena e um leve sorriso e então repara que ele está sentado na cadeira que tem “promotoria do estado” escrito em uma plaquinha logo em frente – Pode me chamar de Vossa Excelência e eu acredito que você está sentado no meu lugar.

Phelipe sorri disfarçando de cabeça baixa fingindo tirar um cisco do olho. O rapaz de trinta anos é o mais jovem entre os investigadores e entende muito bem o que é ter sua idade confundida com sua capacidade.

O velho homem se levanta ajeitando o paletó e a calça envolta da barriga enquanto Aurora calmamente se aproxima da cadeira sentando-se.

- Ótima entrada – ele diz baixinho em seu ouvido – Meu nome é Alexandre Souza, sou o delegado encarregado por esta investigação. Bem-vinda ao seu primeiro caso, Vossa Excelência! – com um controle, Alexandre liga um projetor.

Espero que não me levem a mal, mas neste momento, Aurora estava pulando de alegria por dentro. Seu primeiro caso como promotora. O primeiro passo para o assento no Supremo.

- Bom... – Alexandre começa com uma das mãos no quadril enquanto a outra segura o controle – Para começar tudo o que acreditávamos está errado! – suspira passando a mão pela cabeça – Como os senhores sabem, no começo deste mês recebemos a denúncia do desaparecimento de três garotos. Eles residiam na zona sul e a idade variava de onze a dezesseis anos. O desaparecimento foi registrado com dois dias de diferença cada e a polícia do 13º

distrito estava tratando o caso seguindo os protocolos de pessoas desaparecidas. Entretanto, um dos corpos acaba de ser encontrado – Alexandre troca a imagem no projetor para a do garoto morto. O corpo pequeno está coberto por sujeira e grama, deitado, ou melhor, abandonado em um lugar úmido. Suas mãos estão ao lado do abdômen, as unhas estão sujas e os lábios roxos, o rosto está pálido e os olhos brancos abertos sem vida – Lamento informar que agora estamos trabalhando com um caso de homicídio – ele encara todos os olhares voltados a imagem.

Aurora respira fundo. A euforia desapareceu. É tudo real demais.

- O corpo foi encontrado nesta madrugada às quatro e meia da manhã e levado para o IML, conseguimos preferência para autópsia e o médico legista percebeu durante o exame que... – o delegado suspira – Os ferimentos batem com um caso bizarro que foi arquivado três anos atrás.

- Que caso? – Aurora pergunta.

- Crianças de rua desaparecidas – Phelipe responde. Ele entrega a Aurora o arquivo do caso.

- A descrição dos ferimentos bate perfeitamente com a do caso anterior – Alexandre diz. – E...

- Espere um minuto... – Aurora o interrompe – Aqui diz que as vítimas tiveram alguns dos órgãos removidos. Como nunca vi isso na mídia?

Os policiais se encaram ansiosos. O delegado ajeita o paletó respondendo:

- Considerando que as crianças desaparecidas eram crianças em situação de rua, onde não obtivemos sucesso na busca de qualquer DNA, ou evidência que nos levasse ao assassino ou aos responsáveis pelas vítimas, o caso foi arquivado. Isso foi há três anos. Mas agora...

- Agora crianças brancas e ricas desapareceram – Aurora o encara.

- Isso não tem nada a ver com classe – Alexandre responde – Mas é verdade! – ele suspira e muda a foto no projetor para uma imagem do garoto na mesa de autópsia. – O garoto na foto tinha onze anos, estava desaparecido há três dias e foi encontrado nesta madrugada. Como vocês podem ver, ele sofreu uma forte lesão bem no topo do crânio que o legista acredita tê-lo desmaiado instantaneamente. Há ferimentos na pele condizentes com o ato de ter sido arrastado, há uma incisura no abdômen dele como vocês podem ver nessa imagem, entretanto não encontramos uma gota sequer de sangue no local.

- O assassino moveu o corpo – murmura Aurora enquanto lê os detalhes do caso passado no arquivo que Phelipe a entregou.

- A boa notícia é que não há sinais de abuso sexual, entretanto ainda precisamos aguardar o final da perícia para concluir se... – Alexandre engole em seco. Não acreditava que aquela merda estava de volta para assombrá-lo bem no ano em que teria a tão sonhada aposentadoria – Se algum dos seus órgãos também foi retirado. Entretanto, por essa incisão, acredito que esteja bastante claro qual será o resultado – o delegado conclui.

- A família já foi notificada? – Aurora pergunta.

- Já sim, Vossa Excelência – responde Alexandre.

- O assassino criou confiança – Aurora murmura encarando a imagem no projetor.

- O que disse? – Alexandre pergunta.

- Se é realmente o mesmo assassino, então talvez ele tenha começado com crianças em situação de rua porque sabia que ninguém sentiria falta e abriria um boletim de ocorrência. Mas isso foi há três anos e agora ele partiu para crianças de bairros nobres porque criou confiança no que está fazendo e acredita que não será pego.

- O que significa que ele vai ficar cada vez mais violento – Phelipe adiciona.

- E os crimes terão uma incidência menor de tempo – Aurora completa – E logo vamos encontrar os outros dois corpos.

- Não sabemos se eles estão mortos... – diz o delegado.

- Você é o delegado aqui, mas pelo o que eu sei em casos assim, depois de setenta e duas horas do desaparecimento, sem contato do sequestrador para resgate ou algo do tipo, as vítimas são consideradas mortas... – Aurora o encara – Olhe para este garoto... Você realmente acha que os outros terão alguma chance?

Alguém bate à porta. É um dos estagiários do IML que traz consigo o relatório da autópsia. Phelipe recebe o envelope e o agradece. Já ansioso, ele o abre e engolindo a seco encara todos na sala.

- É exatamente o que pensamos – informa passando a mão pela testa – Rim direito faltando, sem registro médico de qualquer tipo de cirurgia desse tipo.

O delegado abaixa a cabeça, uma gota de suor escorre pelo lado direito de seu rosto. O escarcéu que a mídia fará quando colocar as mãos nesta notícia... Alexandre já consegue imaginar todas as manchetes.

- Senhores e senhora... – diz encarando a promotora – Nós temos um assassino em série!

O corpo inteiro de Aurora estremece.

CAPÍTULO 2

O aniversário de Jonas.

Jonas Cavalcante é um jovem sonhador nascido e criado em São Paulo. Desde pequeno demonstrava ter uma personalidade amável, carinhosa e sensível. O que às vezes o metia em problemas já que muitas crianças gostavam de zombar do garoto pela facilidade que ele tinha de chorar no dia-a-dia. No jardim de infância, quando Jonas tinha cinco anos, uma das professoras contou a seus pais as brincadeiras e o bullying que Jonas vinha sofrendo, ele foi seriamente repreendido pelo pai e transferido para uma escola pertencente à igreja que a família frequentava. Lá, ninguém brincava nem de bola e nem de boneca e Jonas se sentiu excluído por muito tempo até o ensino fundamental, quando no sexto ano ele conseguiu uma bolsa de estudos para um colégio particular onde conheceu Aurora, JV e Léo e foi quando formaram a sua família de amigos.

Jonas vem de uma família que leva à crença religiosa extremamente à risca. Por ser filho único, cresceu sozinho e passava a maior parte da tarde com a mãe, que era contadora e conseguia trabalhar de casa. Mas o garoto escondia um grande talento. Jonas era um ótimo desenhista. Ele ocupava seu tempo sentado no chão em seu quarto desenhando modelos de vestidos sonhando em um dia talvez ser como Karl Lagerfeld, um grande estilista que ele conheceu vendo uma das revistas de moda que Léo levou para a escola.

O que lhes contarei agora, é uma das memórias mais tristes de Jonas do seu aniversário de oito anos.

O garotinho dos cabelos cacheados pretos e olhos castanhos manuseava a máquina de costura da mãe usando apenas o conhecimento que adquiriu a observando. Com um sorriso no rosto e mordendo os lábios, Jonas se concentrava para que a agulha não atingisse nenhum de seus pequenos dedos enquanto costurava o seu primeiro vestido que ele mesmo desenhou. Demorou três dias para acabar a peça, pois Jonas só podia usar a máquina de costura durante os pequenos intervalos quando a mãe saía para ir ao banco ou aos correios. A peça era um vestidinho preto com rosas na barra. Ele o segura pronto em sua frente, o erguendo contra a luz com os pequenos braços gorduchos. Em sua inocente imaginação, Jonas pensa em usá-lo para o jantar de seu aniversário naquela noite, achava que quando os pais vissem o trabalho árduo dele e o resultado excepcional, ficariam orgulhosos e o deixariam livre para estudar moda quando

crecesse. Era mais de sete da noite quando ele desceu as escadas usando o vestido o combinando com um chapéu da mãe.

- Mamãe? – grita, o sorriso no rosto era enorme, e em seu olhar nada mais do que orgulho – Feche os olhos, tenho uma surpresa!

- Jonas! Já são sete e meia, logo o pessoal estará aqui para o jantar, pare de brincadeira e vá se arrumar!

- Já estou pronto e com uma roupa que eu mesmo fiz, mamãe! – diz olhando-se no espelho que havia no meio do corredor do segundo andar do simples sobrado – Feche os olhos, por favor!

A voz doce do garoto a convence e então Rosa fecha os olhos. Jonas desce as escadas e ao se aproximar da mãe, toca em seu joelho para que ela os abrisse. Rosa tem uma reação que Jonas não consegue desvendar. Seus olhos arregalam instantaneamente, e ela solta um leve soluço assustado quando ouve o pai do menino abrindo a porta retornando do trabalho. Rosa rapidamente pega Jonas no colo se direcionando para a escada.

- O que estão fazendo? – Francisco pergunta entrando em casa e soltando a gravata.

- Não é nada! – a esposa responde apertando Jonas no colo. Eles estão no terceiro degrau.

- Mamãe, fiz com rosas iguais ao seu nome! – Jonas diz com a voz abafada – Não vai dizer nada?

- Ele está usando roupas de mulher de novo?! – o homem pergunta desabotoando as mangas da camisa.

- Ele é só uma criança! – Rosa diz.

A expressão no rosto do pai de Jonas se transforma. As narinas abrem conforme ele bufava esgotado e impaciente. Francisco encara Rosa por alguns segundos, percebe as mãos da esposa tremendo enquanto segura o filho. Ela se prepara para correr, mas é abordada pela pesada mão de Francisco que a puxa para o chão. Ele aperta o braço da mulher com muita força, e Jonas grita caindo no chão. O menino tenta se levantar, mas é logo alcançado pelo pai furioso com expressão de cachorro louco. Francisco ergue a criança pelo braço, Jonas grita e chora e então é jogado contra o sofá. Ele se volta para o pai e, sem tempo de reagir, é atingido pelo punho de Francisco. Jonas cai no chão. Os joelhos estalam com a queda e Francisco o levanta o

segurando pelo vestido o rasgando em seguida. Jonas ouve o tecido partir ao meio e ainda se recuperando do susto é surpreendido novamente por outro soco. Ele está perdendo a consciência e tudo o que ouve é:

- Uma criança que está no rumo do pecado na vida! – o pai berra enquanto o espancava.

- Pare! Pare com isso, Francisco! – Rosa gritava desesperada tentando impedir o marido.

- Você é uma vergonha para essa família! – Francisco continua descontrolado – Uma desonra!

- Francisco, por favor! – a mãe tenta o impedir segurando seus braços.

Com o dorso da mão, ele estapeia a esposa que cai com o nariz sangrando perto da mesa de centro da sala. Rosa sente o ouvido zumbir e a cabeça doer. Com os olhos entreabertos, ela assiste pelo vidro mais uma agressão contra seu filho.

VINTE ANOS DEPOIS.

Na sala de estar do aconchegante apartamento de Aurora, os convidados estão reunidos. A família de amigos, e os colegas de trabalho de Jonas da agência publicitária onde ele, Léo e JV trabalham, aguardam ansiosamente pelo aniversariante. Thabata também está lá. A nova vizinha do prédio parece estar deslocada, mas ela e Léo começam a conversar e o rapaz que, tem o dom de fazer qualquer um se sentir bem-vindo, logo arranca a primeira gargalhada da mulher que usa um vestido de crochê um pouco para cima do joelho. O longo cabelo preto está preso em um alto rabo de cavalo com um laço topo da cabeça. Aurora se aproxima ouvindo as risadas. Eles conversavam sobre filmes e ela e Thabata logo sentiram uma rápida conexão pelo gosto na clássica saga do O poderoso chefão. Sofia abre a porta.

- Eles estão subindo! – diz – Silêncio! – ela apaga todas as luzes.

- JV, eu realmente deveria ir para casa... – Jonas diz enquanto o amigo destranca a porta.
– Minha mãe está me esperando.

- Nós só vamos tomar alguns drinks para comemorar o seu aniversário e depois você pode ir – JV abre a porta.

- SURPRESA! – todos gritam. Sofia estoura um champagne.

Os convidados usam chapeuzinhos de aniversário e assopram as famosas línguas de sogra. Há até mesmo uma piñata pendurada no teto do apartamento. Várias fotos de Jonas estão

em cima da mesa ao redor do bolo de leite ninho que é o favorito dele, nas imagens Jonas está fazendo diferentes poses engraçadas ao lado dos companheiros de longa data. Jonas se surpreende com as mãos tapando a boca e logo é abraçado por Léo e JV. Sofia e Aurora também juntam-se ao abraço.

- Eu amo vocês demais! – o aniversariante diz emocionado.

- Nós te amamos pra caralho também! – Sofia diz o beijando no rosto.

- E temos um presente especial – Léo tira uma caixa branca com um laço vermelho de trás do sofá – Abra!

Os olhos de Jonas arregalam enquanto ele abre o presente.

- Pessoal... – ele os encara enquanto lágrimas escorrem pelo seu rosto – Como fizeram isso?!

- Sua mãe nos entregou o desenho... – JV responde – E aí o Léo levou até uma costureira.

- É só uma lembrancinha do quão inteligente e criativo você é! – Léo diz.

- Deveria voltar a desenhar! – Aurora diz enquanto o abraça – Ficou muito bom.

- Além do mais, estamos cansados das roupas de lojas de departamento! Você poderia ser nosso designer particular – Léo o abraça.

- Nós te amamos, Jô! – Aurora completa.

- Obrigado pessoal, vocês são maravilhosos! – ele segura o vestido como se fosse um tesouro. O mesmo vestido preto com rosas na barra que ele costurou todos aqueles anos atrás.

- É um lembrete de que não importa o que aconteça, você sempre poderá ser você mesmo com a gente! – Sofia o entrega um copo de dose de tequila.

- Agora vamos ficar louco, porra! – JV pega o amigo nos ombros o levantando e o levando para o balcão da cozinha onde havia improvisado um bar.

Os convidados gritam e erguem seus copos, todos sorrindo e Sofia coloca uma música agitada. Jonas vira a dose tomando cuidado para não derrubar enquanto é carregado até o balcão. Léo veste um colar de penas daqueles que você vê à beça em carnavais e com um par de óculos em formato de estrela cor de rosa, segue os amigos.

- Você tem amigos bem especiais por aqui – Thabata diz se aproximando de Aurora que observa tudo de um canto.

- É... – Aurora sorri. – Eles são minha família.

- Há quanto tempo vocês se conhecem?

- Uns dezesseis, talvez vinte anos... Eles estão comigo desde que consigo me lembrar, para falar a verdade.

- Ah! Isso deve ser ótimo – Thabata sorri.

Aurora sorri encarando a mulher a sua frente em silêncio por alguns segundos.

- E você? – pergunta, servindo-se de gin e misturando com suco de morango. Ela entrega a Thabata um copo – Mora sozinha? Com amigos? Família?

- Moro sozinha – os olhos dela se desviam – Minha família é... Complicada.

- GALERA! – Sofia grita do meio da sala. Ela está de pé no sofá com o chapéu de pontiagudo e colorido tombado para o lado – Tenho um jogo para vocês...

- Aqui vamos nós! – Aurora diz e Thabata sorri.

- Vou fazer perguntas sobre o Jonas que somente aqueles que realmente o conhecem vão saber responder. Quem souber a resposta certa, vira o copo. Quem não souber, fica para a próxima.

- SEM DESTRUIR MINHA CASA! – Aurora grita do canto.

- Não era para o jogo ser diferente e quem não souber responder a pergunta que bebe a dose? – JV a encara.

- É, mas aí como é que eu fico? – Sofia o encara – Sei tudo sobre o garotinho ali... E aí eu ia ficar sóbria e não é exatamente isso que queremos, não é? Então... – Sofia volta-se aos convidados. – O ganhador terá o direito de estourar a piñata.

- SEM DESTRUIR MINHA CASA! – Aurora reforça.

- Sim, vossa excelência – Sofia responde imitando uma falsa reverência – Vamos começar!

No prédio do Ministério Público, Phelipe corre até o escritório do delegado Alexandre.

- Senhor?!

- O que é detetive? – Alexandre pergunta com os olhos apertados tentando enxergar alguma coisa na tela do computador.

- Acabamos de receber uma ligação – Phelipe engole em seco – Encontraram o segundo corpo!

Alexandre pula da cadeira pegando seu paletó, eles seguem para a cena do crime.

A festa de aniversário de Jonas terminou às quatro e meia da manhã. Os convidados riram, beberam todos os licores e gins da casa, quatro garrafas de tequila, dezenas de engradados de cerveja, vodcas e um uísque que estava guardado no fundo da prateleira. Comeram o bolo e os salgadinhos e JV ganhou o jogo, estourou a piñata que tinha como prêmio moedas de cinco centavos que totalizavam em R\$150. A madrugada está quase acabando e Sofia está desmaiada no colo de sua noiva Clara que também dorme no sofá com a boca aberta e o pontudo chapeuzinho de aniversário caindo ao lado do rosto. JV está em seu quarto e dorme na cama King Size com Léo deitado de ponta cabeça, metade do corpo para fora da cama, e um dos pés encostado na sobancelha de JV. O celular de Aurora em cima do balcão da cozinha ao lado de diversas garrafas vazias, toca incessantemente e o nome “Investigador P” aparece no visor.

- Ela não está atendendo – Phelipe diz ao delegado.

- Maldita criança promotora! – Alexandre murmura – O que você me diz, Caleb?

- Pelo o que posso ver superficialmente é o mesmo caso do outro garoto – o médico legista responde – As feridas são parecidas e pelo corte no abdômen, provavelmente algum órgão foi retirado.

Phelipe estremece com nojo contorcendo o corpo arrepiado. O delegado passa a mão pela barba rala e cruza os braços.

- Como alguém consegue fazer isso... – diz o investigador ainda nauseado.

- Essa é a vítima mais velha que temos por enquanto, dezesseis anos – Caleb continua.

- Há quanto tempo ele está morto? – Alexandre pergunta.

- Pelo estado de decomposição do corpo, eu diria de um a dois dias.

- Embale o corpo e leve para o IML – o delegado ordena – Quando o relatório estiver pronto, nos avise.

O corpo do menino de dezesseis anos foi encontrado em um terreno baldio em um bairro afastado da capital. O garoto estava com todas as roupas e de acordo o relatório preliminar também não havia sinais de abuso sexual.

Amanhece na grande São Paulo, JV e Léo acordaram mais cedo e iniciaram a limpeza do apartamento recolhendo copos, pratos e talheres de plástico. JV joga as garrafas de bebida vazias no saco de lixo enquanto Léo lava a louça. A porta se abre, é Sofia e sua noiva Clara, que têm a data do casamento chegando.

- A gente foi buscar o café e vocês não vão acreditar! – Clara diz sorridente. A jovem obstetra dos cabelos lisos pretos até a cintura dá leves pulinhos de animação enquanto procura alguma coisa no celular. Ela vira a tela para Léo que tem os cachos presos em um alto coque.

- MEU DEUS, ANDRÉ MARCONI! – Léo grita quando vê a foto que Clara mostra na tela do Iphone.

- É ELE MESMO! – Sofia diz empolgada ao lado da noiva apontando para a foto – NÓS SENTIMOS O CHEIRO DELE!

- Onde vocês encontraram André Marconi?! – JV pergunta se aproximando – Jesus, ele é tão gostoso!

O diálogo é interrompido pela porta do quarto de Aurora que se abre rangendo baixinho e de lá de dentro uma surpresa. Thabata se vira fechando a porta atrás de si tentando fazer o máximo de silêncio possível. Ela usa um short de Aurora e um top preto. Se vira fitando os amigos, todos a encaram em silêncio. As maçãs do rosto dela ruborizam e ela engole em seco envergonhada.

- Bom dia – diz de cabeça baixa atravessando a sala e deixando o apartamento.

Os amigos se entreolharam enquanto Aurora sai do quarto em seguida, ela para na porta bocejando e então os encara preparando-se para voltar para dentro.

- Ei, ei, ei! – Léo grita colocando as mãos na cintura como alguém que exige explicações – O que foi isso?!

- Festa do pijama?! – Aurora responde com um leve sorriso no canto do rosto.

- Você é uma safada, Aurora! – Clara diz jogando-se no sofá.

Sofia gargalha. Jonas abre a porta do apartamento com a mesma aparência boba que a policial e sua noiva tinham segundos antes.

- Gente, vocês não sabem quem eu acabei de encontrar! – ele diz.

- ANDRÉ MARCONI! – Sofia e Clara respondem juntas.

- O que está acontecendo?! – Aurora pergunta indo até o balcão e servindo-se de café na cafeteira. JV a provoca fazendo um gesto com a língua entre os dedos e Aurora responde com o dedo do meio.

- É o que eu estava falando... – Clara continua – André Marconi está no final do corredor!

- O QUE?! – Léo e JV gritam juntos.

JV deixa o saco de lixo no chão enquanto Léo seca as mãos molhadas e solta o cabelo. Eles caminham para a porta.

- Meu cabelo está bom? – Léo pergunta segurando a maçaneta.

- Sim – JV responde dando leves pulinhos – Meus dentes? – pergunta sorrindo para o amigo.

- Limpos!

Eles abrem a porta com um enorme sorriso tiete que desaparece em segundos.

- Então... – Aurora também vai até a porta, tendo a mesma reação dos amigos.

Para que você possa entender, André Marconi é uma das personalidades públicas mais conhecidas do país. Ele apresenta um programa de culinária em uma grande emissora nacional onde faz várias receitas sofisticadas sempre usando ingredientes de custo acessível. Marconi tem talento natural para a cozinha desde que era apenas um adolescente e com seu encanto e carisma, conseguiu conquistar diversos investidores para a sua rede de restaurantes que hoje conta com mais de cem unidades espalhadas pelo país e três na Espanha. Em suas entrevistas, o chef alega querer ensinar a melhor culinária de maneira acessível para a população comer do bom e do melhor sem ter que gastar o “olho da cara”, palavras dele para a entrevista na Veja. André é um filantropo, engajado em lutas sociais, principalmente nas que estão relacionadas à fome. O artista também já fez participações em novelas e séries de televisão, e comanda um

projeto de cozinha sustentável que serve comida gratuita para moradores de rua. E tudo isso vem acompanhado por um metro e oitenta e cinco de altura, ombros largos e bem desenhados, abdômen definido, cabelos loiros escuros e olhos azuis que penetram e seduzem qualquer um, adicione isso ao sorriso brilhante e você tem os ingredientes perfeitos para um verdadeiro galã.

Os amigos encaram André Marconi vestindo seu melhor casaco Prada no final do corredor. E André? André só tem olhos para Thabata.

- Ah! – ela percebe que estão sendo observados – E aí, pessoal – diz apertando o vestido contra o corpo – Este é o André... – Thabata engole em seco – Meu marido.

CAPÍTULO 3

Nem tão velho, porém nem tão jovem.

- **M**arido?! – JV exclama encarando Thabata, em seguida olha para Aurora que tem os olhos direcionados para a mulher que veste suas roupas no final do corredor.

- Prazer... – André diz com um grande sorriso estendendo a mão – Sou André Marconi.

- Prazer é todo meu! – Léo diz ajeitando o cabelo e pegando rapidamente na mão de André – Você tem as mãos tão macias... – diz acariciando-as e fitando o homem como se estivesse perante a um monumento artístico.

- Acho que já tá bom... – Jonas diz afastando Léo do cozinheiro lentamente.

- Está tudo bem – Marconi sorri – Suas mãos também são bem macias – responde com um sorriso seguido por uma piscadela que quase faz Léo desmaiar – Então, querida? – encara a esposa – Podemos conversar? Preciso voltar para a gravação logo mais.

- Claro... – Thabata diz abrindo a porta.

- Foi um prazer conhecer vocês... – André diz e com um aceno se despede entrando para o apartamento da esposa.

Aurora permanece pasma. O rosto erguido, os braços cruzados e os olhos verdes acinzentados fixos encarando Thabata que mantém a cabeça baixa enquanto André passa por ela entrando no apartamento. Ela encara a jovem promotora por segundos e então também se despede fechando a porta.

- Criança! – uma voz rouca berra saindo do elevador. É Alexandre que está claramente exausto – Então é aqui que você está?! Fazendo uma festa do pijama?! – ele aponta irônico para a camisola de Aurora.

- O que está fazendo aqui?! – ela se espanta vendo o delegado.

- Temos trabalho a fazer, você tem dez minutos! – Alexandre diz enquanto retorna ao elevador.

- Mas que merda! – Aurora bufava revirando os olhos.

- Quem é aquele homem? – Jonas pergunta seguindo-a pela sala até seu quarto.

- É o Alexandre – Aurora responde tirando a camisola – Ele é o delegado do caso em que estou trabalhando – cheira uma peça de roupa que está em cima de uma das poltronas para ver se está adequada para uso e começa a se trocar.

- Então... – Sofia encara a amiga parando na porta com os braços cruzados – Você quer falar sobre aquilo?

- Aquilo o que? – Aurora passa por ela indo até o banheiro.

- Hm, Thabata...?

- Não tenho nada o que falar! – responde colocando a pasta na escova de dentes – Não aconteceu nada entre nós!

Sofia e Jonas se entreolham.

- Certo...

- É, sério! – Aurora responde com a boca cheia de espuma branca – E eu não tenho tempo para isso! – diz enxaguando a boca. Ela prende o cabelo e deixa o apartamento.

Passando pelo corredor, Aurora encara a porta fechada do apartamento de Thabata. Há um aroma diferente ali e ela tem certeza de que deve ser o perfume de André Marconi. Ela engole em seco ouvindo o barulho do elevador chegando em seu andar e então se vai. Sai do elevador no saguão de entrada. Há dois meses o condomínio promete contratar um novo porteiro, mas até agora nada. Em frente ao grande portão aberto de grades na entrada, a jovem promotora se depara com Alexandre que se prepara para acender um cigarro.

- Não pode fumar aqui! – ela diz – E não está um pouco velho para essa porcaria?

- Não está jovem demais para ficar cuidando da vida dos outros? – Alexandre retruca já com o cigarro entre os lábios finos.

Aurora faz uma careta cruzando os braços.

- Oh! Então você está respondão hoje?

- Respeite os mais velhos, criança! E entre no carro – o delegado diz assoprando a fumaça do cigarro enquanto caminha para a rua onde uma viatura está estacionada.

- O que houve que não poderia esperar até à tarde? – Aurora pergunta dissipando a fumaça do Marlboro vermelho e entrando no banco de trás.

- Encontramos o segundo corpo – Phelipe responde do banco do motorista – Bom dia, promotora, trouxe café – entrega a ela um copo com o logo do Starbucks.

- Pensei que esse café era meu! – Alexandre diz.

- Eu vou querer sim, obrigada! – Aurora pega o copo rapidamente e encara o velho delegado com um sorriso.

No trajeto para o prédio do Ministério Público, os três conversam:

- Este corpo tem as mesmas características dos outros? – Aurora pergunta soprando o café. A paisagem da selva de pedras passando pela janela.

- Sim – Phelipe responde – A única diferença é que este garoto é o mais velho de todos.

- Gabriel Araújo. – Aurora diz olhando a ficha da vítima. – O único maior de doze anos entre os sete.

- Se relacionarmos este caso com o de três anos atrás – Alexandre complementa.

- E você ainda tem alguma dúvida de que eles estão relacionados? – Aurora pergunta.

- A classe social das vítimas é diferente, assim como a idade e o perfil.

- Sim, porque o assassino estava aprendendo! Criando confiança! – Aurora o encara do banco de trás – Eu já te disse isso! A idade deve estar confundindo a sua memória...

- Mas não a minha audição! – Alexandre a encara – Sabe... Se o seu pai estivesse aqui, ele te diria para tratar os mais velhos com mais respeito por que nós temos todos os...

- Problemas cardíacos? – Aurora o provoca.

Alexandre a encara como se fosse explodir.

- Eu estou brincando! – ela diz – Desculpe, estou brincando!

Era difícil pensar em seu pai. Aurora e ele nunca se deram exatamente bem, mas essa é história para outro capítulo.

No alto prédio marrom argila em Pinheiros, André e a esposa conversam no pequeno, porém bem iluminado apartamento de Thabata que côa um café.

- Você ainda não adquiriu gosto pela cafeteira? – André pergunta vendo o café descendo pelo coador de pano. Ele está parado atrás dela com as mãos no bolso do casaco preto e olha ao redor observando cada detalhe.

- Eu prefiro assim – ela responde sem o encarar – O que está fazendo aqui? Achei que só voltava de Curitiba daqui mais uma semana.

- Consegui adiantar as filmagens e ajeitar as coisas nas franquias de lá... – ele se aproxima apoiando o quadril na pia e a encarando – O que estava fazendo no apartamento daquelas pessoas?

- O apartamento não é de todos eles. É da garota.

- Da ruiva? – André pergunta abrindo a porta da geladeira e servindo-se de um pedaço de queijo branco.

- Uhum... – Thabata responde fechando a garrafa térmica.

- Hum... – André morde a fatia – E o que estava fazendo lá?

Thabata dá uma leve pausa antes da resposta. Ela apoia as duas mãos sobre o mármore da pia. Ainda está com as roupas de Aurora debaixo do roupão macio que ganhou em um Natal que parece ter sido muito tempo atrás, do homem que agora a encara com desconfiança.

- Fazendo amigos – responde com um sorriso raso.

André permanece em silêncio a fitando com os olhos azuis ligeiros. Ele está em posição de descanso e finaliza a fatia de queijo.

- Bom, sempre fico feliz de você estar feliz... – ele toca o rosto dela levemente com a ponta dos dedos – Mas acho que está na hora de você voltar para casa. Não conversamos sobre isso, achei que você continuaria na mansão!

- Não estou pronta ainda, André! – Thabata o responde recuando – Você disse que eu podia tirar o meu tempo para pensar...

- Eu acho que já demos um tempo o suficiente!

- Você não pode decidir quanto tempo eu preciso! – ela finalmente o encara. Os olhos pretos furiosos com resquícios da maquiagem da noite anterior.

- Tudo bem, tudo bem! – André responde levantando as mãos como alguém que se rende – Tire todo o tempo que precisar.

O casal permanece por alguns segundos no meio da cozinha, o único barulho presente é o do motor da geladeira. Há aqueles que dizem que em um relacionamento duradouro você chega nesta etapa onde pode simplesmente ficar em completo silêncio ao lado do seu companheiro e não há nada mais prazeroso do que isso. Mas este silêncio, neste momento, enquanto eles se olham, não é nada parecido com essa filosofia.

André percebe que Thabata não mudaria de ideia e então sorri abaixando a cabeça e indo até a mesa na sala de jantar onde pega o celular que havia deixado lá junto com as chaves da Range Rover.

- Mas, Thabata... – ele diz na porta antes de partir – Não tente mentir para mim! Acredito que nessa altura do campeonato... – André a encara por cima do ombro – Você já sabe que não deve fazer isso!

No prédio do Ministério Público, em uma pequena sala no quarto andar, são nove e meia da manhã. Aurora, Alexandre e Phelipe discutem o caso.

- Não tem nada que relacione as vítimas? – a promotora pergunta – Eu não acho que sejam pessoas escolhidas aleatoriamente.

- Bom, as primeiras quatro vítimas que achamos há três anos tinham uma única conexão que era serem moradores de rua, e também eram garotas – Phelipe explica – As três vítimas de agora possuem conexões apenas entre os dois primeiros em que já encontramos os corpos, eles treinavam no mesmo campo de futebol mirim.

- O primeiro corpo que encontramos estava morto há dois dias, o segundo a um... Vocês acham que o terceiro talvez ainda esteja vivo? – ela os encara.

- É uma possibilidade – o delegado responde. Ele está inclinado com a cadeira, apoiando-se apenas nos dois pés traseiros.

- Precisamos de toda força policial que temos no momento atrás deste menino!

- Nós já estamos fazendo isso, vossa excelência... – o delegado responde.

- Já verificamos todos os locais ao redor de onde encontramos os corpos, mas como sabemos, as crianças não foram mortas onde foram encontradas, então não obtivemos nenhuma

pista satisfatória – diz Phelipe encostado no batente da janela – Sem DNA, sem câmeras de segurança e testemunhas... Estamos num beco sem saída.

- Então redobre os homens, e reforce a equipe nas investigações! – diz Aurora.

- Estamos em São Paulo, criança! – o delegado a encara voltando a cadeira no lugar certo – Não posso colocar todos os meus homens neste caso.

- Ele já matou seis pessoas! – Aurora fita-o com os olhos verdes profundos – Você realmente quer chegar a dez? A vinte?!

- Ele? – Phelipe a encara – Tem certeza de que é um homem?

- É sempre um homem! – Alexandre e Aurora respondem juntos. Eles se encaram surpresos pela simetria.

- O que é isso sobre uma Mercedes preta que estou lendo nos relatórios? – Aurora pergunta.

- No primeiro corpo que encontramos há três anos, fomos até as ruas onde a criança ficava pedindo esmolas para ver se achávamos alguma pista ou os pais dela, não encontramos nada, mas uma senhora que também vive por lá nos disse que viu o menino entrando em uma Mercedes preta uma semana antes de encontrarmos o corpo – Phelipe explica.

- Achamos que ela estava viajando, por que sabe...? Estávamos bem perto da cracolândia – continua Alexandre – Mas as pessoas do campo de futebol onde as duas últimas vítimas treinavam também alegaram ver uma Mercedes preta parada em frente ao campo, eles acharam que pertencia a algum dos pais, mas quando o treino acabou nenhum dos garotos foi até lá e o carro simplesmente foi embora. As testemunhas disseram que os vidros eram escuros, cobertos por fumê então ninguém viu quem estava dirigindo.

- Mas os meninos que foram sequestrados não entraram no carro, foram embora para casa com seus pais, certo? – Phelipe indaga.

- Mas ainda assim ele estava lá, observando-os – Aurora diz.

- Escolhendo – Alexandre completa.

- Esse cara é corajoso... – Aurora analisa folheando as fotos do arquivo – Espiando a crianças de dentro de um carro em plena luz do dia... Ou ele é muito corajoso ou...

- Muito poderoso – Alexandre e Aurora terminam a frase juntos.

Ela o encara com um sorriso, e o delegado com um olhar de surpresa.

- Talvez você não seja tão inútil quanto eu pensei – o delegado diz.

- Talvez você não seja tão velho como eu pensei – ela sorri.

- É... Mas infelizmente ninguém se atentou o suficiente para anotar a placa do carro – Phelipe interrompe aquele momento de vínculo.

- Isso não serviria de nada... – Aurora diz levantando-se e andando pela sala – Se ele usa o carro para sequestrar as crianças...

- Então provavelmente troca a placa depois – Alexandre finaliza.

A promotora e o delegado se encaram, esse é o início de uma parceria atípica que, assim como a maioria dos relacionamentos de Aurora, terminaria de forma trágica.

- Então qual é o nosso próximo passo? – pergunta Phelipe – Não podemos pedir para revistar todas as Mercedes que existem em São Paulo! E já andamos pelos locais ao redor do campo de futebol, nenhuma câmera pega no local onde o carro ficou estacionado.

Eles se entreolham. Aurora encara a paisagem da selva de pedras pelas grandes vidraças na sala. Ela percebe que talvez estar em um grande caso requer muito mais paciência do que esperava.

O dia passa voando e a vida agitada da capital continua. Engraçado como a vida sempre continua para aqueles que não desaparecem e são encontrados em terrenos baldios, mas ao mesmo tempo também é engraçado como sempre acreditamos que nada parecido acontecerá comigo, com você ou com alguém que você conheça... Até acontecer.

São dez da noite agora e em um bairro periférico. A rua está praticamente vazia. A lua nova reluz no alto do céu azul marinho. Há apenas um boteco aberto em uma esquina, e uma igreja fechando há dois quarteirões dali. A Mercedes preta que a polícia procura passeia por aquela rua com os vidros fumê fechados. Uma criança caminha com uma bola embaixo do braço, acabava de voltar de uma tarde de brincadeiras com os amigos. Aqui também digo como é engraçado como nunca sabemos quando é o último dia que saímos para brincar com os amigos. Um belo dia você volta para casa sem saber que é o fim.

- Ei, garoto – uma voz grossa vem do carro que segue o menino lentamente – Está tarde para estar sozinho na rua até essa hora... Você mora aqui perto?

- VINICIUUUUUUUS! – uma voz aguda grita do outro lado da rua – Vem já para dentro! – é a mãe do garoto que o chama, ou melhor, que o salva.

- Foi mal tio, preciso vazar! – o garoto dá as costas e segue trotando pela ladeira.

Ainda bem. Vinicius teria mais um dia para brincar com os amigos.

CAPÍTULO 4

Te peguei, filho da puta!

Amanhece na cinza São Paulo. Jonas chega ao apartamento de Aurora às sete em ponto como todos os dias. Ele traz consigo uma sacola com pães para o café da manhã. Abre a porta com a chave reserva repetindo o mesmo movimento que faz há quase dez anos. Ele entra no apartamento iluminado pela luz natural que adentra através das grandes janelas prismáticas esboçando diversas sombras coloridas no tapete da sala e na cozinha. Jonas estende os casacos de Sofia e Leonardo nos pinos atrás da porta.

- Vocês realmente precisam aprender a se organizar! – diz deixando os pães em cima da mesa.

JV apenas o encara dando os ombros e continua concentrado em seu celular.

- Claro, querida... – Sofia diz ao telefone – Eu prefiro as tulipas... Então fique com as rosas, se você prefere rosas porque me perguntou o que eu quero? – ela se joga no sofá passando a mão pelas têmporas – Okay... Sim, está bem. O que você desejar, meu amor! Tchau.

Sofia suspira indo até a mesa do café da manhã.

- Ela está me deixando louca! – diz, servindo-se de um pouco de café com leite.

Léo, JV e Jonas continuam a encarando como um cachorro encara o dono quando quer comida.

- O que?! – a policial pergunta sentando-se.

- É só que... – Léo diz sem jeito. – Faltam apenas três semanas para o casamento e você ainda não disse quem vai ser o seu padrinho.

- Ah! – Sofia percebe, ela estava com a cabeça nas nuvens – É verdade!

- Então... – JV a encara com um sorriso de vendedor Magazine Luiza – Você já pode avisá-los que serei eu?

- Ah, me poupe! – Leonardo o cutuca.

- Você pode ser a madrinha, Léo e eu o padrinho – brinca Jonas.

- Ah, acordou piadista hoje! – Léo encara o amigo.

- Na verdade... – Sofia os interrompe – Eu já escolhi quem vai ser.

- ENTÃO?! – perguntam juntos ansiosos. Eles estão encolhidos nas cadeiras sentados um ao lado do outro com um sorriso de orelha a orelha e os olhos brilhantes.

- Vou pedir para a Aurora – revela a noiva.

- O QUE?! – os três se espantam. JV se levanta revoltado.

- Gente... Eu vivo aqui na casa dela, somos amigas há quatorze anos e foi a única que sempre acreditou que eu conseguiria passar no concurso da polícia, ela até me ajudou a estudar.

- Achei que ela tinha infernizado sua vida durante a prova – Léo diz com os braços cruzados e a expressão ranzinza.

- E infernizou! Ela me acordava para correr às quatro e meia da manhã todos os dias! E eu quero dizer todos os dias, até de fim de semana. Eu queria matá-la! Mas eu passei no exame físico graças a isso, então...

- Eu te ajudei a estudar também! – JV retruca.

- Você queria me comprar uma arma! – Sofia o encara.

- Está fazendo a escolha certa – Jonas diz segurando a mão da amiga e a dando um beijinho.

- Puxa saco – JV e Léo dizem juntos.

Do lado de fora do apartamento, no estreito corredor, Aurora chega do trabalho depois de uma noite no escritório da promotoria trabalhando com Alexandre vendo e revendo filmagens de segurança de locais próximos onde os corpos haviam sido encontrados para ver se achavam alguma pista referente à Mercedes preta. Aurora está com o casaco apoiado sobre os ombros e procura as chaves na bolsa quando Thabata abre a porta, era dia de pôr o lixo para fora e ela encara Aurora segurando o saco malcheiroso.

- Ei – cumprimenta a vizinha.

Aurora apenas acena com a cabeça.

- Eu sinto que lhe devo uma explicação... – Thabata se aproxima.

- Nós mal nos conhecemos, você não me deve nada! – Aurora finalmente encontra as chaves.

- Sim, mas...

- Por que você não usa uma aliança? – Aurora pergunta.

Thabata a encara em silêncio por alguns segundos, ela acha que Aurora não percebe quando toca levemente no dedo onde costumava ter uma aliança.

- Eu tirei... – Thabata responde – Eu e o André estávamos nos separando.

- Estavam? – Aurora pergunta fazendo ênfase no verbo no passado.

- Sim... – Thabata suspira – É complicado... – ela repete a mesma frase dita quando Aurora a perguntou sobre sua família na festa de aniversário de Jonas.

A porta do elevador se abre, e André aparece sorrindo se despedindo de uma moradora que havia pedido um autógrafo. O cozinheiro deixa o elevador segurando algumas sacolas de mercado e o que parece ser uma garrafa térmica. Ele veste um casaco preto Diesel, calças jeans e uma camiseta verde água. Seu perfume exala no minuto em que dá os primeiros passos em direção às mulheres. No rosto, o velho sorriso de tapete vermelho.

- Bom dia! – ele cumprimenta Aurora e segue em direção a esposa – Oi, amor – dá um beijo no rosto de Thabata – Vim para te preparar um delicioso café da manhã italiano – André percebe a troca de olhares entre as mulheres – Ei... – encara Aurora – Sou o André – ele estende a mão – Acho que nos vimos naquele dia, mas não fomos apresentados – ele permanece com a mão esticada e o sorriso no rosto.

- Alguém como você não precisa se apresentar – Aurora estende a mão de volta – Sou a Aurora.

- Oh! Então você é a Aurora... – ele diz soltando a mão dela e encarando a esposa – A dona do apartamento onde minha amada se divertiu tanto.

- Eu mesma. Era aniversário de um dos meus melhores amigos.

- Que legal! Dê a ele os meus parabéns... – diz tocando levemente no ombro dela – Escute, que tal como forma de agradecimento, você se juntar a nós para o café da manhã?

- Eu agradeço, mas acabei de voltar do trabalho, estou morrendo...

- Ah, por favor, eu insisto! – André a segura nos ombros cuidadosamente a levando para o apartamento de Thabata – Além do mais, trouxe um chá delicioso que fará você se sentir renovada! Por favor, não aceite não como resposta.

- Só um chazinho... – Aurora responde com um sorriso. A verdade é que estava curiosa tanto para ver a casa de Thabata como para conhecer André Marconi.

- Ótimo! Muito bem! – André vai à frente abrindo a porta.

- O que está fazendo? – Thabata pergunta aproximando-se do marido e falando baixinho enquanto Aurora senta-se ao sofá.

- Só estou tentando conhecer seus amigos! – André responde caminhando para o balcão onde coloca as sacolas – Eu amo você, Thabata! E não vou desistir de nós! – ele caminha para a mesa estendendo a toalha – Então, Aurora... Disse que estava no trabalho, o que você faz?

- Ah... Sou promotora criminal.

- É mesmo?! – pergunta admirado – Isso parece importante. Você processa muitos bandidos?

- Na verdade, acabei de começar... Antes disso, atuava apenas como advogada.

- Ah, entendo! Mas tenho certeza de que logo terá um grande caso nas mãos – ele diz, posicionando talheres, pratos e xícaras na mesa – Falando em grande caso, eu não sei se você vai saber me dizer algo sobre, mas e quanto àqueles garotos que desapareceram? Ouvi dizer que já encontraram dois dos três corpos...

- Encontraram duas das vítimas, sim – Aurora responde – Porém ainda temos esperança do terceiro estar vivo.

- Sério? – André serve o chá que já estava pronto na garrafa térmica – E você está envolvida neste caso?

- Sou a promotora encarregada.

- Então você já tem um grande caso, parabéns! – André diz com um sorriso dando um gole em seu chá e tocando novamente no ombro de Aurora – Mas preciso perguntar... – ele pega uma torrada sentando-se – Não é assustador trabalhar com essas coisas?

- É assustador ver do que as pessoas são capazes, mas no final, tenho certeza de que é apenas mais um homem perturbado mentalmente que precisa de ajuda psicológica. Apenas um ser humano que se perdeu mais do que o resto de nós...

- Então você acha que mesmo com tudo isso o assassino ainda pode ser considerado humano? – Thabata indaga.

- Sim – Aurora a encara – Tem muitas coisas que nos fazem humanos, e a maldade infelizmente é uma delas. Mas é claro que não estou dizendo que o responsável não deva pagar por seus crimes, ou permanecer para sempre trancado em uma instituição... É para isso que estou aqui, afinal.

- E você tem razão... – André concorda – E muito obrigado por deixar o mundo mais seguro para as pessoas que nós, meros civis – ele beija a mão da esposa sentada ao seu lado – Afinal de contas alguém que já tirou a vida de sete pessoas não pode sair impune...

O telefone de Aurora toca, é Alexandre.

- Ei, criança – diz o delegado – Preciso que volte ao prédio, temos uma pista sobre a Mercedes. Uma testemunha!

Aurora se levanta imediatamente.

- Estou a caminho – diz e desliga o telefone – Agradeço o café, mas preciso voltar ao trabalho.

- Sem problemas – André responde com cortesia – Foi um prazer conhecer você, terminamos o café um outro dia.

Aurora sorri com os lábios rasos e dá as costas. No elevador, um pensamento a atinge. “Sete pessoas... Como ele sabia que eram sete?”

No prédio do Ministério Público, no terceiro andar ocupado pela promotoria criminal, Alexandre, Phelipe e mais alguns policiais assistem a uma filmagem de segurança gravada de uma escola. Na filmagem, a Mercedes preta segue um garotinho que segurava uma bola embaixo do braço e registra o exato momento em que a criança tem contato com o assassino e sua vida é salva pelo chamado da mãe. Alexandre pausa a filmagem, ele dá um zoom no momento em que a criança fala com o motorista.

- Te peguei, filho da puta! – o delegado diz com os olhos enrugados encarando a tela sem nem ao menos piscar – Te peguei!

CAPÍTULO 5

O menino e o retrato falado.

- **P**recisamos ir até lá! – Aurora diz. Ela anda de um lado para o outro em seu escritório.
– Temos que achar o garoto, ele pode fazer um retrato falado e nos ajudar a pegar esse desgraçado!

- Vai com calma, Sherlock Holmes! – Alexandre diz sentando-se e ajeitando as calças em torno da barriga – Meus homens já foram até o bairro com a foto do garoto para descobrir onde ele mora, acredito que logo estarão aqui com ele.

Aurora suspira inquieta. Ela olha pela janela observando a paisagem da movimentada capital naquela manhã e percebe que usa a mesma roupa do dia anterior.

- O que é que foi? – o delegado pergunta se virando na cadeira de rodinhas onde está sentado em frente à mesa de Aurora – Está mais ansiosa do que uma criança antes de abrir os presentes de Natal.

- Tem uma coisa me incomodando – ela o encara – Você conhece André Marconi?

- Se eu o conheço? Apreendi a fazer pastrami com o programa dele. O que tem ele?

- Ele é casado com uma mulher que mora no meu prédio e nesta manhã estávamos conversando e ele sabia o número de corpos que tínhamos encontrado.

- Espere... André Marconi mora no seu prédio? Achei que tinha visto alguém parecido com ele naquele dia...

- A esposa dele mora lá...

- Mas se eles são casados porque não moram juntos?

- É nisso mesmo que você vai se concentrar e não no fato de André saber a quantidade exata de corpos? – Aurora franzi as sobrancelhas.

- Todo mundo sabe o número de corpos que encontramos! – Alexandre responde se confortando na cadeira – Não viu a porra das manchetes de hoje?

- Todos os sete! – Aurora rebate – André sabia sobre todos os sete corpos! E achei estranho, porque nem ao menos encontramos o último...

Alexandre dá uma pausa olhando ao redor e volta a encostar-se na cadeira que range conforme o encosto vai para trás.

- E daí? – ele pergunta – Sei que isso pode soar insensível, mas como você mesmo disse, e cá entre nós, sabemos que esse terceiro garoto já está morto! E além do mais o que você acha? Que André Marconi é o assassino? O master chef queridinho brasileiro é um assassino em série? – o velho delegado começa a gargalhar.

- Não estou dizendo isso! – Aurora responde indo até a espaçosa cadeira dobrando uma das pernas e sentando-se por cima dela – Só achei estranho ele ter esse tipo de informação.

- O caso das quatro crianças encontradas há três anos realmente nunca saiu no jornal em grandes manchetes, mas havia notas é claro, afinal de contas foram corpos encontrados... – Alexandre se levanta indo até uma bandeja onde há água numa jarra e serve-se de um copo – E tivemos muitos policiais envolvidos no caso e André é uma pessoa presente na comunidade, muitas das nossas festas de fim de ano são sediadas no restaurante dele na Paulista. Tenho certeza de que foi apenas mais um sargento linguarudo querendo se aparecer para o famoso que acabou revelando alguma coisa sobre o caso. Não deve se preocupar com isso, Aurora! Até porque, se nossa teoria de que os órgãos estão sendo vendidos no mercado ilegal estiver correta, não acho que alguém como André precisaria do dinheiro.

- O garoto está aqui – Phelipe os interrompe informando.

- Não esquite a cabeça, Aurora – Alexandre deixa o copo na bandeja. – É do André Marconi que estamos falando, ele cozinha para pessoas carentes e faz propaganda de incentivo a adoção de animais. Tenho certeza de que seu hobby não é arrancar órgãos na calada da noite.

Eles seguem para a sala de conferência onde o garoto Vinicius e sua mãe estão sentados. Ambos são pessoas simples. O menino veste um short marrom e uma camisa listrada azul, a mãe usa um vestido de algodão com estampas de flores amarelas. Ela balança com a perna aparentando estar nervosa.

- Bom dia – os engravatados entram na sala.

- O Vinicius se meteu em alguma confusão? – a mulher vai logo perguntando.

- Não, não, não – Alexandre responde puxando uma cadeira e sentando-se perto do garoto – Não acho que um menino tão educado assim se meteria em confusão, não é? – ele os encara – Nós os chamamos aqui porque há duas noites Vinicius teve contato com alguém que é muito importante para nós.

- Quem, tio? – o menino pergunta.

- Não é tio, é senhor! – a mãe o corrige – Olha o respeito, garoto!

Alexandre solta uma alta risada.

- Está tudo bem... – diz encarando a mãe – Me faz me sentir mais novo.

- Um homem em um carro preto te parou na rua, não foi? – Aurora pergunta sentando-se.

O menino balança com a cabeça confirmando.

- Nós queremos saber se você pode nos dizer como ele era? – o delegado diz – Você viu o rosto dele?

O menino olha para a mãe que acena com a cabeça demonstrando estar tudo bem responder à pergunta.

- Eu não vi o rosto dele muito bem por causa dos vidros pretos – Vinicius diz, a esperança de Aurora começa a desaparecer – Tudo que eu sei é que o cabelo dele é um pouco claro e seus olhos são pequenos, não sei bem a cor, podem ser castanhos ou verde, minha mãe me ensinou que não devo falar com estranhos, então não cheguei muito perto... e o vidro estava levantado até mais ou menos aqui... – ele diz mostrando com a mão em frente ao nariz – Então não sei te dizer como era o restante do rosto dele e nem a roupa.

- Mas era realmente um homem? – Alexandre pergunta.

- Sim. Ou uma mulher com a voz bem grossa e o cabelo curtinho... Mas acho que era mesmo um homem.

Aurora pensa na descrição e em como poderia facilmente ceder a sua imaginação e combiná-la com a aparência de André.

- E ele estava sozinho no carro? – pergunta Phelipe.

- Sim – confirma Vinicius – Pelo menos não dava para ver ninguém no banco ao lado, e eu não conseguia enxergar o banco de trás.

- Se eu chamar alguém aqui para fazer um desenho, você pode falar o máximo que conseguir sobre os detalhes do cabelo e dos olhos? – Aurora pergunta.

Alexandre franzi as sobrancelhas, para o delegado com experiência de mais quarenta anos, a descrição não ia dar em nada.

- Mas é claro! – responde o garoto – Mas como eu disse, não o vi muito bem.

Aurora deixa a sala para chamar o perito.

- O que está fazendo? – o delegado a aborda na porta da sala.

- Vou chamar o Jefferson para o retrato falado.

- O menino viu apenas o cabelo e um olho que ele nem ao menos sabe dizer a cor! O que acha que o Jefferson vai conseguir desenhar?

- Qualquer coisa é melhor do que nada! – Aurora dá as costas deixando o delegado falando sozinho.

Longe dali, em um lugar cuja localização logo será revelada, pássaros cantam e urubus sobrevoam alto no céu. A tarde está terminando, são quinze para as seis e o majestoso pôr do sol se prepara para dar lugar ao crepúsculo. O clima é majestoso para aqueles que ainda têm o privilégio de aproveitá-lo, mas dentro desta mata fechada e úmida, ninguém tem essa sorte. Dezenas e dezenas de corpos encontram-se enterrados. Aqui, apenas vermes, bigatos e baratas celebram a vida. Crianças solitárias, jovens, e até mesmo adultos desaparecidos há décadas, estão enterrados em estágio avançado de decomposição. As peles mortas são corroídas por larvas e bactérias e logo mais um corpo será adicionado à coleção do assassino.

CAPÍTULO 6

Clara e Sofia.

O despertador toca às seis da manhã, Sofia o desliga antes que Clara acorde e por alguns segundos a policial de vinte e oito anos permanece deitada apenas observando, ou melhor, admirando a futura esposa. Clara recebeu este nome pois, para seus pais, a jovem obstetra é a luz da vida do casal que passou quase nove anos tentando engravidar, e escolheram este nome para que ela pudesse continuar a iluminar os caminhos por onde passasse, e certamente foi este efeito que ela teve em Sofia.

O casal tem suas peculiaridades. Clara não sabia exatamente qual era sua orientação sexual até conhecer Sofia que sempre soube o que queria. Clara cresceu em uma família bem estruturada, é fruto da relação entre uma psicóloga e um cardiologista e era como se estivesse destinada a ser médica, embora quando pequena, Clara dizia querer ser presidente do país e costumava pendurar uma toalha no corpo na transversal fingindo ser a faixa presidencial e sair andando pela casa disparando ordens aos amigos imaginários. Tudo mudou quando sua mãe engravidou de seu “tesourinho”, como Clara gostava de chamar o irmão ainda na barriga da mãe. Entretanto, como a vida jamais segue aquilo que planejamos, um terrível acidente ocorreu levando a perda do bebê, Clara tinha apenas dez anos e foi quando decidiu se tornar obstetra e prometeu que faria tudo a seu alcance para que nenhum de seus pacientes perdesse seus bebês e sofressem como sua mãe sofreu.

Sofia, por outro lado, cresceu em uma família nada estruturada e o que a salvou de um destino trágico foi a criação pelo avô paterno. O pai de Sofia era mestre de obras, um homem com gosto excêntrico por bebidas alcoólicas. Em uma de suas bebedeiras, achou que seria uma boa ideia dar um mergulho na piscina do vizinho e ao pular do muro da casa, bateu com a cabeça no fundo da piscina, desmaiou e morreu afogado, Sofia tinha quatorze anos. Ela nunca conheceu a mãe, e toda vez que perguntava ao pai sobre ela recebia uma resposta diferente, a última que recebeu era “ela está uma missão muito importante, voltará quando for seguro”, por um tempo criou a imagem da mãe sendo uma espiã forte e assustadora, mas ao crescer entendeu que nada daquilo era verdade e decidiu que o melhor a fazer era simplesmente esquecer. Depois da morte do pai, Sofia mudou-se para São Paulo para ficar junto do avô que é o seu verdadeiro herói. Os dois faziam tudo juntos. Giovane, ou vovô Gigi, como Sofia o chama, é um senhor de setenta e seis anos, baixo, careca e com uma barriga saliente resultado de todas as massas e refrigerantes que consome. Giovane foi um antigo engenheiro civil e trabalhou em Brasília por muito tempo. Depois de se aposentar, entediado da rotina de varrer a calçada e assistir jornais,

ele encontrou uma nova paixão em fazer qualquer tipo de reforma na casa e num dia frio e nublado, enquanto estava trocando as telhas, escorregou do telhado e acabou quebrando o braço. Sofia tinha vinte anos, era um final de semana e ela ouviu o barulho da queda do avô. Saiu correndo ainda de pantufas pelo quintal e o encontrou caído, se contorcendo de dor. Com um pouco de dificuldade, o ajudou a se levantar e o levou na caminhonete Ford para o hospital sem saber que seria o dia que conheceria o amor da sua vida.

Aguardando na sala de espera, Sofia balançava com as pernas ansiosa. Lembrava-se da queda do pai e todo o caos que seguiu após sua morte quando os vizinhos encontraram um corpo boiando na piscina. Ela se lembrava de ter acordado com os gritos e depois com a batida na porta e ao atender se deparou com um dos moradores a informando que era seu pai a razão do escândalo. Embora Giovane aparentasse estar bem, o trauma na memória da menina fazia com que ela visualizasse apenas os piores cenários possíveis. E então Clara apareceu, dando jus ao nome e foi como se o tempo estivesse parado. Sofia observava cada detalhe no rosto e no corpo da mulher que caminhava em sua direção segurando a mão de Giovane. Eles gargalhavam como se tivessem ouvido a piada mais engraçada do mundo e Sofia nem ao menos piscava encantada com o sorriso contagiante da médica vestindo jaleco, uma blusa simples e calça branca. O cabelo longo, liso e preto, estava solto e ao se aproximar de Sofia, a futura policial percebeu que a residente cheirava a baunilha e se apaixonou instantaneamente.

- Foi só um susto! – Clara informou ainda abraçada com Giovane, era seu segundo ano de residência – Mas Gigi é muito forte... Aposto que consegue consertar a casa com um braço só... – ela sorriu.

Sofia continuou paralisada. A pele da médica era perfeita mesmo sem maquiagem e os olhos pretos escuros cheios de vida a fitavam fazendo seu corpo vibrar a fazendo finalmente entender a expressão “borboletas no estômago”.

- Está tudo bem?! – Clara perguntou tocando no ombro da moça.

Sofia ficou vermelha com as bochechas coradas e conseguiu apenas balançar com a cabeça.

De volta ao presente, Clara abre os olhos deparando-se com a futura esposa a observando.

- Bom dia – diz espreguiçando-se – Por que está me olhando assim? Eu estava babando de novo, não é? – ela passa os dedos na boca.

- Estava me lembrando de quando nos conhecemos.

- Ah! – Clara ajeita-se na cama virando de lado e acariciando o braço de Sofia – Você fez o Gigi mentir tantas vezes que estava sentindo dor no braço só para poder me ver.

- Ele estava realmente sentindo dor!

- Ah, me poupe! – Clara levanta-se – Eu e ele somos melhores amigos desde aquela época, na segunda consulta ele me contou do seu plano.

- Então você deixou que eu fosse lá mais seis vezes?!

Clara gargalha. Seu rosto está diferente de quando elas se conheceram, afinal quase dez anos passaram desde aquele encontro no hospital. Há até algumas rugas ao redor dos olhos que a deixam ainda mais bonita. Seu cabelo está mais curto, porém ainda preto e liso como seda. Mas o sorriso... O sorriso continua o mesmo que fez com que Sofia se apaixonasse por ela.

- Não acredito que estaremos oficialmente casadas em dez dias – Clara diz.

- Mal posso esperar para sermos felizes para sempre! – Sofia completa e em seguida a beija.

No prédio de Aurora, JV e Léo discutem sobre o almoço.

Aurora está sentada no sofá, o notebook apoiado sobre as coxas, as pernas esticadas com os pés cruzados apoiados a mesa de centro na sala. Com olhos atentos a tela do notebook, ela toma um gole de café na caneca personalizada que ganhou de presente de Léo que diz **NÃO TOQUE NESTA CANECA, SUJEITO A PROCESSO.**

- Eu não vou comer esfirras novamente, Leonardo! – diz JV por detrás do balcão da cozinha com um pano de prato apoiado nos ombros, ele termina de secar a louça do café da manhã.

- Você nunca faz o que eu peço! – Léo sai batendo os pés e vai para perto de Aurora como uma criança que recorre a mãe – Uau! – exclama vendo o que a promotora pesquisa com tanta atenção – Stalker!

Aurora fecha o notebook.

- O que é?! – JV pergunta esticando o pescoço sobre a bancada e os encarando.

- Aurora estava vendo o Instagram do André – Léo revela.

- Eu estava apenas vendo uma coisa... – ela diz levantando-se deixando o notebook sobre a mesinha de centro e indo até a geladeira.

- E o que você estava vendo?! – JV pergunta.

- Nada, já disse...

- Você realmente gostou daquela menina?! – JV continua.

- Por que está me perguntando isso? – Aurora o encara.

- Ela estava vendo o Facebook e a página oficial dele também – revela Léo com o notebook aberto.

- Ah, você gostou mesmo daquela menina! – JV conclui – O que está pensando, Aurora?

- Isso é invasão de privacidade! – Aurora diz em tom acusatório indo até Léo no sofá e tomando o notebook dele – Não é nada sobre Thabata, é sobre o André! – diz como quem se defende em um tribunal – Eu só estou fazendo uma pesquisa sobre ele! Acho que ele pode ser uma peça importante para o caso que estou trabalhando.

- Mas o único caso que você tem é o dos meninos mortos... – Léo diz.

- Por que André Marconi seria importante para um caso de assassinato? – JV pergunta se apoiando no balcão da cozinha.

- Porque...

Salva pelo gongo, o celular de Aurora toca, é Alexandre.

- Alô?

- Acho que sabe por que estou ligando... – o delegado diz, parece cansado.

- Encontrou o terceiro corpo? – Aurora deduz endireitando a postura e encarando os amigos que ficam sérios imediatamente.

- Sim. E Aurora... – Alexandre dá uma pausa engolindo em seco – Tem uma mensagem do assassino...

CAPÍTULO 7

Você não sabe quem eu sou, mas eu sei quem é você.

São quase seis da tarde agora, o sol está coberto pela típica nuvem de poluição da grande metrópole. Aurora usa calça jeans, um tênis confortável e uma blusa de mangas cumpridas, um par de óculos escuros no rosto cobre os olhos verdes tentando impedir que de alguma forma seja revelado o desespero em sua alma. “Uma mensagem do assassino”, a voz de Alexandre ecoa em seus pensamentos.

Atravessando a grama alta do terreno baldio. Aurora desvia de diversos pedaços de sacolas de lixo, destroços de materiais de construção, um sapato abandonado com o bico queimado e alguns restos de isopor. Aparentemente os frequentadores daquela área não dão a mínima para a grande placa em frente ao terreno de PROIBIDO JOGAR LIXO!!! Seu corpo está arrepiado e mesmo com o calor, Aurora cruza os braços os apertando contra o corpo tentando controlar os calafrios. Ela cumprimenta o policial que está do lado de fora da faixa amarela que indica que aquela é uma cena de crime, o oficial levanta a faixa permitindo que a promotora se aproxime do centro da cena em que o terceiro corpo foi deixado.

A equipe forense e a polícia trabalham para interceptar o local dessa vez com mais segurança, uma curiosidade sobre este terreno: é o mesmo onde o primeiro corpo do caso de três anos atrás foi encontrado. Agora, Aurora tem ainda mais certeza de que se trata do mesmo assassino.

Alexandre fuma um Marlboro vermelho impaciente. O delegado que tem a barba grisalha por fazer, suspira aliviado ao ver a promotora. Ele joga a bituca sem nem ao menos ver onde ela vai parar.

- Finalmente! – bufa assoprando a fumaça pelo nariz.
- Qual é a mensagem?! – Aurora pergunta aproximando-se.
- Não vimos ainda. Estávamos esperando por você!

Alexandre e Aurora encaram o corpo que está a menos de dois metros de distância. O menino está acinzentado, deitado de costas, com as pernas alinhadas e os braços cruzados por cima do abdômen, os olhos estão fechados, e algo diferente neles desta vez, eles estão costurados. É quase como se estivesse dormindo tranquilamente em um sarcófago. “O assassino ajeitou o corpo”, Aurora pensa, os outros estavam apenas jogados. Ela já havia visto um corpo

sem vida duas vezes pessoalmente em seus vinte e sete anos, mas nenhum deles se parecia com aquele. Ela engole em seco retirando os óculos escuros enquanto se aproxima do cadáver, e nota bem no meio das mãos da vítima um papel branco em forma de cartão.

- Quem encontrou o corpo foi um morador de rua que usa aquela árvore para colher mangas e se alimentar – Alexandre explica – Ele encontrou por volta das 16h30min, seguiu correndo até a indústria mais próxima há um quilômetro e meio daqui e pediu para que alguém chamasse a polícia. De acordo com o legista, o corpo parece estar aqui há mais de doze horas... E... – Alexandre encara Aurora percebendo que seus olhos não desgrudam do papel segurado por aquelas mãos mortas – Podemos abrir?

Aurora acena com a cabeça concordando.

Um dos legistas se aproxima tomando cuidado para não arruinar a cena do crime. Ele retira o cartão das mãos do garoto usando uma pinça. O perito se aproxima do delegado e da promotora com o bilhete ainda fechado, e como é o único usando luvas, ele mesmo abre e...

*“Os olhos são a janela d’alma
P/AURORA”*

- Mas que porra?! – o delegado exclama franzindo as sobrancelhas – Isso é... Sangue?

- Precisamos realizar alguns testes, mas pelo que parece, sim – responde o perito.

- Ele sabe meu nome... – murmura a promotora com os olhos concentrados no papel.

- Podemos tentar usar uma luz ultravioleta e ver se tem algum tipo de código ou mensagem escondida... – diz o perito.

- Não vai ter nada! – Aurora diz – O filho da puta só quer que eu saiba que ele sabe quem eu sou! – ela dá as costas e volta em direção ao seu carro.

- Leve para o laboratório! – ordena Alexandre – Nos avise se encontrar alguma coisa – ele segue atrás da promotora.

- Vai ser em vão! – Aurora afirma enquanto digita uma mensagem no celular.

O sol já se pôs e a noite escura se prepara para engolir o terreno.

- Eu concordo! – Alexandre responde ofegante tentando manter o ritmo dos passos irritados de Aurora – Mas como o assassino sabe que você faz parte dessa investigação?

- Eu não sei! Mas isso foge completamente do perfil...

- O que quer dizer?

- O assassino que vemos até agora é cuidadoso, não deixa rastros, não viola os corpos e é simplesmente frio. Ele mata porque está obedecendo aos extintos obscuros de sua mente, mas não quer atenção, porque quer continuar matando! Mas agora ele está se comunicando conosco, o que é claramente uma maneira de chamar atenção. E escrever o meu nome? É uma provocação descarada! O que significa que ele não tem mais medo, e aquilo que conversamos sobre as mortes ficarem mais frequentes e violentas, é só uma questão de tempo agora! Só não consigo entender como diabos este maldito sabe o meu nome!

- Aurora... – o delegado a encara como se fosse óbvio demais para ela não ver – Talvez seja alguém que você conheça.

A mulher engole em seco. Pensa diretamente em André e quase abre um sorriso.

- Sim! Talvez seja alguém que eu conheça! – ela concorda com um semblante alegre doentio – Alguém que sabia exatamente o número de mortos mesmo sem eles nunca terem sido revelados!

- Ah meu Deus, isso de novo! – Alexandre diz impaciente – Não pode estar falando de André Marconi!

- Como Marconi sabia que eram sete corpos se apenas dois foram revelados para a imprensa?! Como ele sabia sobre o antigo caso?! – Aurora perde as estribeiras gritando. Os peritos no local a encaram.

Alexandre a puxa pelo braço a afastando mais ainda do local.

- Eu já te disse! – o delegado a encosta na lataria quente do Corolla – Deve ter sido mais um policial bocudo que quis fazer cena para o famoso e o contou.

- Com licença... – Phelipe diz aproximando-se – Não consegui evitar de ouvir e o delegado tem razão, Aurora. No final do ano passado, nossa festa de Natal aconteceu em um dos restaurantes do André e ele estava lá, começamos a conversar e eu havia bebido umas a mais e acabei contando sobre o caso mais bizarro que tive que foi dos meninos que apareceram sem os órgãos... Com todo o fuzuê que a mídia vem fazendo atualmente, ele só deve ter juntado as peças! Peço desculpas por revelar um detalhe tão importante sobre uma investigação em andamento para um desconhecido, senhor...

- Está tudo bem, Phelipe – Alexandre o interrompe percebendo o suor escorrendo pelo rosto do investigador – Viu?! Não é nada do que você está pensando.

Aurora fita o delegado e em seguida o investigador que parece sinceramente arrependido. Por detrás da faixa amarela o corpo começa a ser erguido para ser retirado e Aurora engole em seco.

- Quero fazer um comunicado a mídia! – diz.

- O que você vai dizer?! – pergunta Alexandre.

Três horas se passam.

Em frente ao prédio do Ministério Público, Aurora usa um terno preto e nos pés um par de scarpin vermelho. Ela tem o cabelo ruivo preso em um coque e o leve rímel em seus olhos é a única maquiagem no rosto. Aurora sobe em um pequeno palanque na frente de dezenas de câmeras e repórteres, ela entrará ao vivo para um comunicado oficial às oito e meia. Dezenas de microfones exibem logos de diversas emissoras, mais de trinta repórteres famintos por notícias sobre os assassinatos aguardam ansiosamente.

Limpando a garganta, Aurora inicia o pronunciamento encarando diretamente as lentes das câmeras como se estivesse encarando a alma de quem assiste do outro lado. Como se estivesse encarando a alma do assassino.

- Boa noite – ela engole em seco – Há quase um mês, a polícia militar investiga o desaparecimento de duas crianças e um adolescente e duas semanas atrás, tivemos a triste confirmação da morte de duas das vítimas, tornando então este caso uma investigação de homicídio. Como vocês já sabem, dois dos três corpos foram encontrados abandonados em um terreno baldio, e é com imenso pesar que informo que nesta tarde encontramos o terceiro... – ela faz uma pausa, olha ao redor marcando bem aqueles rostos assustados e ao mesmo tempo ansiosos – Hoje, eu, Aurora Padilha, promotora encarregada, venho informá-los que depois de uma branda investigação e diversas similaridades, a polícia militar junto a polícia civil e a promotoria anuncia que este caso está diretamente relacionado a uma investigação de desaparecimento seguido por homicídio ocorrido três anos atrás aqui mesmo na capital somando agora um total de sete mortos – um rebuliço inicia-se entre os repórteres, Aurora faz sinal com a mão pedindo por calma e silêncio – Hoje... – ela retorna com o tom de voz um pouco mais alto. – A promotoria criminal decidiu junto com a equipe policial, devido aos últimos desenrolares do caso, finalmente esclarecer os rumores e com muito pesar confirmar que temos em nossa comunidade um assassino em série.

Os repórteres vão à loucura.

- Isso é um erro... – diz Alexandre baixinho. Ele também está nos degraus em frente ao prédio do Ministério Público, Phelipe está ao seu lado. O delegado mantém a coluna ereta e os braços ao lado do corpo.

- O que?! Como assim?! Quais são as medidas... – os repórteres começam a gritar.

- Nós temos uma informação crucial que estamos aqui para passar! – Aurora continua com o tom bem mais alto, ela abre a pasta de arquivos e retira de lá a foto da imagem da câmera de segurança que aparece a Mercedes preta no momento em que o assassino conversa com o garotinho a pouco interrogado – Este veículo foi visto em todas as cenas dias ou momentos antes das vítimas serem sequestradas! Este é o exato momento em que o assassino tenta fazer mais uma vítima – Aurora ergue a foto um pouco mais alto, flashes e mais flashes são disparados – Pedimos a todos que se mantenham atentos a qualquer carro parecido em locais de grande aglomeração entre crianças e adolescentes. Pedimos também que todas as crianças sejam rigorosamente supervisionadas e estudamos como medida preventiva um possível toque de recolher para que ninguém corra nenhum risco desnecessário. Uma linha especial de atendimento foi montada e está aberta para todos aqueles que tiverem qualquer informação relacionada ao caso, e pedimos que usem o canal com sabedoria e compaixão para não fazer com que percamos nosso tempo atrás de informações falsas! – Aurora finalmente tira uma pausa para respirar – E para finalizar... tenho uma mensagem para o assassino.

- Mas que merda ela está fazendo?! – Alexandre murmura com o rosto vermelho e a pressão elevada.

- Nós vamos te encontrar... – Aurora diz com a voz firme, como uma promessa feita para um paciente no leito de morte – Eu vou te encontrar!

CAPÍTULO 8

Errar uma vez é humano, a segunda estupidez.

Quatro dias passaram desde a coletiva de imprensa. JV, Leonardo e Jonas estão em viagem com a agência de publicidade em que trabalham. Sofia está ocupada com Clara arrumando os últimos preparativos para o casamento que acontecerá em cinco dias.

Aurora está em seu quarto, é um domingo, quase onze horas da manhã e fazia muito tempo que não ficava sozinha em silêncio acompanhada apenas pelos pensamentos, e um deles é o fato de que há um assassino solto por aí que sabe o seu nome. Deitada, com o braço esquerdo dobrado embaixo da cabeça e o edredom até a metade das pernas, ela encara o teto. Um calafrio percorre seu corpo quando pensa que mesmo depois de insultar o assassino em rede nacional, não ouviu mais nada. Nenhum desaparecimento, nenhum novo bilhete, nenhum novo corpo. Agora é quase meio-dia e alguém bate à porta. Aurora suspira pensando na distância que terá de percorrer para ver quem a incomoda.

- Aurora?! – é a voz de Thabata – Está aí?

A jovem promotora se levanta às pressas, enroscando as pernas nas cobertas e quase cai. Olhando-se no espelho, ajeita o cabelo em um alto rabo de cavalo. Não havia nem ao menos escovado os dentes. Corre no banheiro passando um enxaguante bucal e vai até a porta.

- Olá – diz com a voz sonolenta.

Thabata usa um vestido longo que cobre os pés descalços, ela nota rapidamente que Aurora acabou de levantar.

- Ainda estava dormindo? Desculpe se te acordei.

- Não, tudo bem. – Aurora diz apoiando-se à porta – O que você precisa?

- Bom... Quando nos conhecemos você disse que era péssima na cozinha e que é o JV responsável por cozinhar. Como eu sei que ele não está em casa, então pensei que na verdade talvez você precisasse de alguma coisa.

Aurora permanece em silêncio. As sobrancelhas franzidas no alto da testa.

- Sei que está chateada comigo... – Thabata continua – Por causa de toda a história com o André... Deixe-me pedir desculpas com a lasanha que eu fiz, por favor.

Aurora cede ao convite, afinal está mesmo faminta. De pantufas e pijamas, ela segue Thabata até seu apartamento no final do corredor.

O apartamento de Thabata não é muito diferente do de Aurora. Há duas grandes janelas de vidro por onde a claridade entra iluminando e aquecendo a pequena sala em formato oval onde há um belo tapete felpudo. Há uma caixinha de som bluetooth por onde uma música agradável toca. Há diversos enfeites pela casa, como budas e um daqueles gatos chineses que mexem constantemente com a pata para a frente e para trás.

Enquanto Thabata arruma a mesa, Aurora observa alguns quadros pendurados na parede. As obras são abstratas e pintadas em pequenas telas 15cmx20cm e Aurora nota um em específico que chama a sua atenção. É um desenho pintado em cinza, roxo e preto do semblante de uma mulher sem rosto com os braços abertos, ela está nua e parece estar voando. A pintura ao lado é completamente diferente, tem traços mais ariscos com cores como vermelho cinza e laranja e parece uma casa sendo incendiada. Aurora saboreia o vinho que Thabata serviu para matar o tempo enquanto espera a comida. TBM é a assinatura presente em todas as pinturas.

- Você que pintou? – Aurora pergunta dando mais um gole no vinho.

- Sim.

- Então você e André são um casal de artistas...

- Mais ou menos – ela responde indo até a mesa e ajeitando os pratos.

Aurora continua observando o aconchegante apartamento, ou melhor, o bisbilhotando. Ela encara aquela simples mesa redonda iluminada pela luz natural, a mesma mesa onde, há duas semanas, tomou “um quase” café da manhã com um astro da culinária. Sua mãe morreria se soubesse que Aurora esteve frente a frente com André Marconi e não pegou nem um autógrafo sequer. Ela se pega pensando no que o casal poderia ter conversado depois que ela foi embora. Se pega pensando no que pode ter acontecido para a esposa da celebridade estar ali naquele pequeno apartamento enquanto ele está provavelmente em alguma grande mansão por aí. Mas acima de tudo, um pensamento paira sobre todos. “Como ele sabia que eram sete?”.

Aurora dá mais um gole no vinho, percebe que Thabata falava com ela sobre alguma coisa e então apenas sorri e acena com a cabeça esperando ansiosamente que o que fosse que ela estivesse dizendo não fosse “e é por isso que acho que todos os homossexuais vão queimar no fogo do inferno” ou “é claro que o Bolsonaro daria um ótimo presidente” porque então seria uma vergonha a promotora estar sorrindo e acenando.

Thabata volta a se concentrar na cozinha temperando uma salada e Aurora volta a observar cada canto do lugar. Ela se sente como uma forasteira tentando descobrir o máximo sobre aquela mulher que lhe oferece gentilmente uma refeição. Ela pensa em se sentar e desistir de bisbilhotar, mas é aí então que vê em cima da pequena escrivaninha encostada a parede no final da sala logo abaixo do quadro da mulher cinza que parecia estar voando, alguns documentos oficiais com o nome de André. Ela dá uma olhadela por cima do ombro para ver se Thabata a observa, e percebe que a mulher está ocupada. Aurora se aproxima da escrivaninha. Ela lê os documentos e pega um que parece ser a escritura de algum imóvel. Tomando mais um gole do vinho enquanto analisa o documento, ela reconhece o endereço descrito.

- O que é isso? – pergunta com o papel levantado para Thabata que está do outro lado do balcão na cozinha.

- Ah... – Thabata ergue a cabeça e aperta os olhos para enxergar melhor – Tá cheio de correspondências do André aí, acho que é de um lugar que ele comprou recentemente, ou quer vender, alguma coisa assim... Veio parar nas minhas coisas por engano, e ele diz que vem buscar, mas nunca vem e quando vem, esquece.

- Talvez seja só uma desculpa para te ver...

- André não dá desculpas para nada... – Thabata responde levando a salada em uma bela tigela de vidro para a mesa – Acredite, ele é sempre direto sobre o que precisa dizer – ela volta para a cozinha mexendo no armário em busca de copos.

Aurora a observa e então calmamente dobra o documento amarelado e o guarda na calcinha já que não tem um bolso no short do pijama.

- Como você se casou com uma celebridade? – pergunta a promotora enquanto se senta.

- André nem sempre foi uma celebridade... Quando o conheci, ele trabalhava num restaurante de esquina.

- Vocês já moravam aqui?

- Eu não, mas o André estava sempre por aqui.

- Há quanto tempo estão juntos?

- Há mais de dez anos.

- Então, me desculpe, mas tenho que perguntar... – ela sorri secando um pouco do vinho que escorreu pelos lábios – Por que estão se separando?

- O tempo muda muito as pessoas – Thabata responde. Ela encara a taça de vinho quase no fim – Eu e André nos casamos quando eu tinha apenas dezoito anos. Não é que eu me arrependa, tivemos ótimos momentos, mas... A fama o mudou.

- Sinto muito por ouvir isso – não sentia.

- Bom... – Thabata diz servindo mais vinho para ambas – Tudo isso logo estará no passado – ela levanta a taça para um brinde – Ao futuro!

- Ao futuro!

O timer culinário apita avisando que a lasanha terminou de assar. Thabata vai retirar a assadeira do forno. Ao colocá-la na mesa, tromba com a garrafa de vinho que cai no colo de Aurora e em seguida no chão. O pijama da jovem promotora fica manchado e ensopado de vinho e Thabata começa a se desculpar enquanto limpa o pijama de sua convidada com um pano de prato.

- Está tudo bem – Aurora diz enquanto Thabata passa o pano em seu corpo.

- Me desculpe...

Um impulso ridículo. Thabata vai em direção de Aurora para um beijo e ela não desvia, mas afasta-se às pressas levantando-se rapidamente da cadeira.

- Não podemos fazer isso! – diz a promotora – Você é casada, Thabata! O que diabos acha que está fazendo?!

- Estou me separando! – Thabata responde como se melhorasse alguma coisa – Nós nem ao menos vivemos juntos, e...

- Não quero ouvir! – Aurora veste as pantufas indo para a porta – Isso foi um erro... – ela se vai batendo a porta.

Andando pelo corredor até seu apartamento, a porta do elevador se abre, e o aroma já antecipa a chegada de André. Muito bem-vestido, como sempre, André tem as mãos por dentro dos bolsos da jaqueta jeans. Dessa vez, não carrega nenhuma sacola de mercado e é a primeira vez que não abre de imediato aquele sorriso de cinema para Aurora. Ele a nota deixando o

apartamento da futura ex-esposa e seus olhos a fitam de cima a baixo reparando nas roupas sujas e no cheiro de vinho conforme se aproxima dela.

- Está tudo bem? – pergunta. Ele está agora a quinze centímetros de Aurora no apertado corredor.

- Sim – ela responde engolindo a seco – Thabata me ofereceu lasanha e acabei derrubando vinho em mim mesma.

- Vinho e lasanha? – ele repete com um sorriso no canto do rosto – Parece até um almoço romântico.

- Ou apenas duas amigas almoçando num domingo!

- Claro... – André concorda dando de ombros enquanto as mãos permanecem no bolso da jaqueta.

Eles se encaram como se fosse uma competição de quem pisca antes e os segundos parecem horas. Aurora abaixa a cabeça e tenta se retirar, mas é impedida por André que a segura pelo braço.

- Eu não sei o que ela te contou, mas Thabata ainda é minha esposa, Aurora!

A jovem promotora o fita confusa, os dedos dele apertando seu braço a irrita profundamente e ela percebe que sente uma forte antipatia por aquele homem.

- Mensagem recebida! – Aurora solta a mão dele de seu braço.

- André?... – Thabata abre a porta – O que está fazendo aqui?

Aurora dá as costas.

- Senti sua falta, querida... – o homem responde com um sorriso e sem ser convidado, entra no apartamento da esposa.

Aurora volta para seu apartamento. Engoli em seco por detrás da porta. Encara o braço ainda avermelhado e, em um impulso infantil, chuta o pé da mesa. “Pedaço de merda” diz com raiva e cai no sofá com dor no dedão. Ela ouve alguém dando descarga no banheiro, a porta se abre, é Sofia.

- O que está fazendo aqui? – Aurora pergunta massageando o dedão.

- Vim buscar almoço no restaurante da esquina e como sei que o JV não está aqui, te trouxe uma torta – Sofia responde a encarando enquanto a amiga segura o pé – Tá me devendo vinte reais – diz sentando-se em uma banqueta em frente ao balcão na cozinha – Onde você estava?

- Na casa da Thabata.

- Na casa da Thabata?!

- Sim... E...

- O que, ela chutou você?!

- Não... Nos beijamos.

- Aurora!

- O que?! Ela me beijou, não é minha culpa! – Aurora vai até a torta em cima do balcão e começa a devorá-la pegando um pedaço com a mão – Você acha que é...

- Estupidez?

- Não é estupidez – Aurora diz.

- Acho que é estupidez – Sofia se aproxima com os braços cruzados.

- Cala a boca... – Aurora diz com a boca cheia de torta.

- Bom, o que quer que seja, Aurora... Ela é casada! E com a porra do Brad Pitty brasileiro! Um dos caras mais gostosos do país que faz até eu, a presidente das lésbicas, me molhar quando ele sorri.

- É um dos caras mais estranhos do país, isso sim!

- Por que diz isso?

- Ele acabou de me puxar pelo braço e dizer “Thabata é minha esposa, Aurora” – diz imitando uma voz de homem e fazendo uma careta.

- Bom, ele está certo, não é? E além do mais, você está com ciúmes?! Porque se está com ciúmes então realmente tem sentimentos por essa mulher – Sofia diz vendo uma mensagem em seu celular – Preciso ir. Clara está me esperando lá embaixo. Nós nos vemos amanhã para a prova do seu vestido de madrinha e conversamos mais sobre isso.

- Sim, claro!

- Não se atrase! – Sofia diz enquanto se vai – Ou eu vou te prender! Apesar que você pode querer as algemas para brincar com a Thabata. Quem diria... – ela encara Aurora já na porta – Aurora Padilha, o perigo das casadas.

- CALE A BOCA! – Aurora bate a porta na cara de Sofia.

Ainda mastigando, Aurora sente um desconforto nas partes íntimas e se lembra da escritura que roubou no apartamento de Thabata. Ela tira o papel da calcinha e senta-se ao sofá junto com a torta de frango. Em seguida, abre o notebook pesquisando pelo endereço. Lembrava-se daquela rua, e ao pesquisá-la, “bingo” pensa. A rua descrita na escritura fica a sete quadras de onde haviam encontrado o primeiro e o terceiro corpo dos garotos desaparecidos. Ela engole em seco, o velho hábito de balançar as pernas e roer as cutículas do dedo indicador retorna pela primeira vez desde o incidente. Aurora usa o modo satélite da extensão Maps no Google Chrome para ver o que havia no endereço e então se depara com uma estrutura metálica, um galpão. A cada momento que passa, a jovem promotora desconfia mais e mais de André.

Será?

CAPÍTULO 9

A pior intuição do mundo.

Na manhã de segunda-feira, Aurora caminha pelo amplo corredor do andar da promotoria criminal no prédio do Ministério Público na Rua Riachuelo. Ela segue em direção à sala que está sendo ocupada por Alexandre já que a delegacia tinha sido inundada um mês atrás. O homem que tentava sem sucesso finalizar uma chamada de vídeo com o sobrinho que mora na Argentina, recebe Aurora com um sorriso de alívio agora que ela poderia ajudá-lo.

- É no vermelho que aperta! – ela diz.

- Alguém acordou mal-humorada – Alexandre diz encostando-se na cadeira e retirando os óculos de grau – O que é isso? – ele aponta para o papel manchado de vinho que Aurora segura.

Ela vai até a porta a fechando e também fecha as cortinas da sala. Alexandre permanece a encarando sem entender o que está acontecendo.

- Porque sinto que vou me arrepender de ter perguntado... – diz ele vendo-a se aproximar com o papel na mão.

- Encontrei isso no apartamento da Thabata – Aurora revela deixando a escritura na mesa do delegado que analisa o documento sem tocá-lo.

- Por que tem a escritura de uma das propriedades de André Marconi? E por que está manchada de... – ele cheira o papel – Vinho?

- Eu peguei da casa da esposa dele porque notei o endereço – ela responde de pé do outro lado da mesa de marfim. Com o cabelo ruivo preso em um alto rabo de cavalo e dessa vez usa um par de tênis ao invés de scarpin e uma calça jeans com uma camisa branca de manga comprida ao invés das roupas sociais – Esse galpão fica muito próximo ao local onde encontramos o primeiro corpo de três anos atrás e o último de agora.

- Então você roubou isso da senhora Marconi? – Alexandre indaga.

- Peguei emprestado e ela não é uma senhora! – Aurora cruza os braços – Foi a única parte em que prestou atenção?

- Foi a única parte que me interessou! – Alexandre responde levantando-se – Tenho certeza de que André Marconi tem várias propriedades espalhadas pela cidade... Isso não é justificável.

- Ele sabia a respeito dos corpos e agora tem uma propriedade perto do local onde encontramos as vítimas!

- Phelipe já se esclareceu sobre os corpos! – o delegado cruza os braços. Seu tom de voz está mais alto e é bem claro que ele está sem paciência para toda essa paranoia.

- O garoto falou sobre os olhos e o cabelo, batendo perfeitamente com a descrição de André.

- Tem um milhão de pessoas em São Paulo com cabelo castanho claro e olhos azuis, verdes ou castanhos, Aurora! O garoto nem ao menos sabia falar a cor direito, lembra?! Você está obcecada! – ele bate na mesa.

Aurora o encara com a testa franzida. Ela respira fundo, assim como Alexandre se acalmando.

- Está bem! – ela diz se aproximando – Então se realmente acha que estou errada... Não vai se importar se formos até lá dar uma olhada.

- Aurora... Isso é invasão de propriedade privada.

- Só se ele descobrir! – Aurora responde como um adolescente tentando convencer alguém a se meter numa empreitada – Vaaaamos... – súplica com o olhar pedinte – Eu conheço uma ótima advogada se nos metermos em problemas.

Alexandre permanece carrancudo a encarando.

- Por que é tão importante para você provar que este homem é de interesse para essa investigação? – pergunta.

- Porque eu tenho a pior intuição do mundo, Alexandre! Só me atinge em momentos como este e ela nunca está errada!

Alexandre engole em seco passando a mão pela cabeleira grisalha. Ele respira fundo percebendo que não há saída. A verdade é que criou uma certa afeição por Aurora, como se fosse a filha teimosa que ele nunca teve. Gostava de como ela não parecia ter medo ou receio do monstro que estavam caçando. O delegado já havia lidado com diversos promotores durante sua

carreira e não sabia se era porque já havia conhecido e admirado o pai da moça, mas sentia que podia confiar nela.

- Tudo bem então, Aurora – Alexandre diz pegando o paletó – Vamos até lá então! Mas se chegarmos lá e não tiver nada, você nunca mais vai encher a porra do meu saco com essa história, entendeu?!

Aurora acena com a cabeça, seu celular começa a tocar, é o alarme que havia programado para não esquecer que precisava encontrar Sofia para a prova do vestido.

- Ah, mas que merda!

- O que?!

- Vamos ter que ir mais tarde, tenho um compromisso agora.

- Está de brincadeira comigo? – o delegado pergunta vestindo o paletó.

- Me desculpe! É importante e eu já desmarquei três vezes! Se eu não for agora, Sofia vai me matar.

- Escute... Eu sei que não vai ter nada lá, então vou sozinho e te encontro no almoço.

- Sério? – Aurora quase se emociona – Está me fazendo um favor? Eu amoleci esse seu coraçãozinho velho de pedra?

- Abaixa a bola! – Alexandre sorri – Só estou indo lá para provar que você está errada e eu não ter mais que ouvir sobre esse caralho de André Marconi e aí você vai pagar o meu almoço por um mês, e nada de fast food, hein! Quero coisa boa! – Alexandre coloca os óculos escuros – Te vejo no almoço.

É um trajeto de uma hora do Ministério Público até o galpão de André. E vinte minutos até a loja onde Sofia prepara o seu vestido de casamento e o vestido da madrinha. Jonas foi escalado para ser o padrinho e também está na loja junto com Sofia que está furiosa, (embora radiante em seu vestido de casamento) pois Aurora está dez minutos atrasada. A jovem promotora chega correndo passando pela porta, ela abre um sorriso ao ver Sofia em seu vestido de noiva e Jonas em um belo terno apreciando uma taça de champagne sentado em um confortável sofá.

- Está atrasada! – Sofia diz segurando a montanha de tecido que é o vestido.

- Dez minutos! – Aurora responde retirando o casaco – E eu estou aqui! Olá, para você também.

Ela caminha até as costureiras, duas mulheres começam a recolher a roupa de Aurora e a entregam o vestido de madrinha que é azul, cor escolhida por Clara.

- Então... Já tomou coragem para assumir seus sentimentos por Thabata? – Sofia pergunta enquanto se olha no espelho.

- O que?! – Jonas questiona largando o celular – O que eu perdi?

- Aurora beijou a Thabata – Sofia revela.

- Ela me beijou! – Aurora corrige – Está largo... – diz vendo o vestido no espelho.

- Podemos ajustar aqui e aqui... – diz a costureira ajeitando com alfinetes o vestido.

- Obrigada – Aurora agradece o retirando e entregando para a mulher.

- Hã... Continuação da fofoca, por favor! – Jonas encara a amiga.

- Não tem continuação. Foi só um beijo idiota.

- Que resultou em uma crise de ciúmes – Sofia completa.

- Do André! – Aurora se defende.

- Mas é claro, ela é esposa dele! – Jonas diz levantando-se – Ele viu vocês se beijando?

- Não! Jesus! – Aurora se senta – Mas ele me parou no corredor quando eu estava saindo do apartamento dela e disse para eu não me esquecer de que Thabata era sua esposa.

- Possessivo – Jonas comenta – Mas ele está até que certo, não é?

- Não, ele não está! – Aurora diz defendendo-se – Quer dizer, ele está! Eles são tecnicamente ainda casados, mas... aquele cara é estranho! Se eles são tão apaixonados então porque moram em casas diferentes e estão se divorciando?

- Mas André está no apartamento o tempo todo... – Jonas diz.

- De que lado vocês estão?! – ela encara os amigos que se entreolham.

- Da sua sanidade! – Sofia a encara pelo espelho, está perdidamente apaixonada pelo seu reflexo no longo vestido de noiva – Está ficando obcecada por eles e se tem uma pessoa estranha naquela casa é aquela garota! Ela aparece uma vez, se aproxima de você, vocês duas transam no aniversário do Jonas e passam...

- Nós não transamos – Aurora revela.

- O que?! – os amigos exclamam juntos.

- Nós não transamos! – Aurora se espalha na poltrona encarando o teto – Ficamos apenas conversando. Nem ao menos nos beijamos na noite do aniversário do Jonas, imagina transar.

- Apenas conversaram...? A noite toda? – Jonas pergunta indignado.

- Sim... Temos muito em comum! Nosso gosto por música, filmes, histórias, livros, até mesmo animais.

- Ela gosta de lhamas? – Sofia se senta com uma careta de “essa garota na minha frente é que é estranha”.

- Ela tem a tatuagem de uma na parte traseira da coxa direita – Aurora se ajeita apoiando a cabeça no braço da poltrona.

- Meu Deus! – Jonas diz – É como se vocês fossem almas gêmeas.

- Não a encoraje! – Sofia o repreende com um tapa no braço – Aurora... – ela se aproxima com dificuldade erguendo o vestido para conseguir se mover – Thabata é casada e ela mentiu para você! Ficaram a noite toda conversando, mas ela se esqueceu de te contar a coisa mais importante sobre ela que é: ela tem um marido! E eles podem estar se separando, mas André vive na casa dela, e de qualquer forma isso não é certo até que a relação dos dois esteja terminada oficialmente! E além do mais, parece que ele ainda a ama e tem um milhão de casais por aí que até começam o processo de divórcio, mas não terminam por descobrirem que ainda podem dar certo. Você não quer ficar presa no meio disso, quer?

- Ela está certa – Jonas concorda.

- Precisa deixar isso para lá ou vai acabar se machucando – Sofia complementa indo até Aurora dando um beijo em sua testa – Bom... Preciso ir para o trabalho. Não saia daqui até esse vestido estar perfeito! Falta apenas quatro dias para o casamento.

O bairro onde o galpão fica constitui-se basicamente de terrenos baldios e empresas abandonadas. O delegado está em um confortável Honda Civic prata 2018 e vai diminuindo a velocidade conforme percebe que se aproxima do número descrito na escritura. Ele encara os locais abandonados e um leve arrepio o atinge na espinha. O lugar é extremamente silencioso e o único som que Alexandre ouve é o dos pneus do seu carro correndo no que já não é mais nem asfalto, mas também não deixa de ser. Uma mistura de pedregulhos com terra vermelha. Ao chegar mais perto, ele já consegue avistar o galpão que tem pelo menos quatrocentos metros de mato em sua frente. Há algo brilhante no horizonte, preto e brilhante.

- Mas que droga! – ele diz ao perceber que se trata de uma Mercedes preta.

Milhares de pensamentos invadem a mente do velho delegado que tenta se convencer de que aquilo não é possível. Ele pensa que André, afinal de contas, é rico e pode ter uma Mercedes, nada demais, aquele tipo de carro é tão comum na grande metrópole que não significa que é o mesmo que procuram. Mas mesmo assim, o homem experiente necessita agir com cautela. Ele abre o porta-luvas de onde retira sua arma e colocando no coldre na calça. Decide pegar o celular para contatar Aurora, entretanto não há sinal ali e resta apenas 8% de bateria. O delegado pensa em suas opções, ele poderia sair dali para fazer a ligação, mas pensa que nesse meio tempo a Mercedes pode simplesmente desaparecer. Outro suspiro. Ele pensa em se aproximar do local, mas caso ali fosse realmente onde o assassino se esconde seria irresponsável demais ir sozinho. Alexandre decide simplesmente esperar. Estaciona o carro no terreno baldio em sua frente, tentando camuflar o carro o máximo possível no meio do matagal.

Três horas se passam, e de volta no escritório da promotoria, Aurora desiste da espera pelo companheiro. Ela já havia tentado ligar para Alexandre cinco vezes e a chamada foi direto para a caixa postal. A preocupação e a ansiedade estão deixando com os nervos à flor da pele. Embora o atípico amigo fosse um pé no saco, ele não costumava se atrasar. Alexandre não havia aparecido para o almoço como prometerá e Aurora anda de um lado para o outro no escritório com o celular na orelha, é a sexta vez que ela tenta contato e a chamada novamente vai direto para a caixa postal.

- Foda-se – diz – Vou até lá!

O trânsito está impossível, o trajeto de uma hora provavelmente agora será feito em duas horas e meia. Aurora está impaciente dentro do Corolla enquanto observa a longa fila de carros a sua frente. O ar-condicionado está ligado e ela resolve ligar o rádio também, e se surpreende ao ouvir que toca Turn blue, pela banda norte-americana The Black Keys *“In the dead of the night I start to lose control... No meio da noite eu começo a perder o controle”* Dan Auerbach canta com a voz melancólica e Aurora viaja pelas suas memórias. Ela se lembra da

noite do aniversário de Jonas em que depois de bêbados, ela e os amigos ligaram o karaokê e cantaram. Ela se lembra dessa música tocando, e se lembra de se surpreender ao perceber que Thabata sabia a letra para aquela música que é uma de suas preferidas, e então se lembra de seis anos atrás, do dia em que o álbum que leva o mesmo nome do título da música foi lançado, e de como ela e alguém que hoje não está mais presente em sua vida compartilharam aquela música em um velho aparelho MP3. Seus olhos estão vermelhos agora e cheios de lágrimas e enquanto Dan canta *“I really don’t think you know, there could be hell below... Eu realmente não acho que você sabe que há um inferno abaixo”* Aurora desliga o rádio. E aqui faço uma pausa para uma observação: assim como a música, Aurora não faz ideia do inferno presente, mas logo faria, e Deus como pediria para que tivesse sido diferente.

No momento em que a jovem promotora está entrando em seu carro para ir atrás de Alexandre, o velho delegado ainda em frente ao galpão está exausto de esperar para ver quem sairia de lá e entraria na Mercedes. Ele se lembra dos antigos dias em que precisava fazer tocaia quando era apenas um investigador e pensa em como odiava aqueles dias, mas como era mais fácil passar por eles se tivesse sempre uma boa cesta de lanches. Ele tinha acabado de comer um sanduíche que provavelmente não devia, pois estava em seu carro há dois dias. A vontade de ir ao banheiro aumenta e honestamente, já está esgotado de esperar. Era como se não tivesse ninguém no local e a Mercedes estivesse abandonada, e é nessa hipótese em que ele confia ao decidir sair do carro. Talvez o assassino tenha abandonado a Mercedes ali. Talvez o carro fosse mesmo de André e Alexandre não acreditava que a celebridade e o assassino eram a mesma pessoa, então pensa que não há perigo enquanto caminha em direção ao galpão.

Aurora está a uma hora e meia do local.

Alexandre está bem próximo da estrutura agora, ele já passou da meia idade, mas suas pernas ainda são ágeis e ele finalmente chega à entrada. O alumínio apresenta sinais de ferrugem e corrosão e o silêncio prevalece. Há uma leve brisa que esfria o suor no rosto do velho delegado. Cuidadosamente, Alexandre caminha “com passos de moça”, como diria sua mãe, em direção a Mercedes estacionada a menos de dois metros da porta de correr na entrada no galpão. Alexandre fita as janelas do automóvel com os vidros fumê tão escuros que se alguém estivesse dentro do veículo, Alexandre não veria a pessoa mesmo de tão perto. Ele se aproxima mais, afinal de contas já estava ali há quase quatro horas e ainda não havia notado nenhum tipo de movimentação, então deduz que não é possível alguém estar lá dentro por tanto tempo neste calor. O delegado observa as janelas, cobrindo a lateral do rosto com as mãos e assim consegue enxergar o interior do veículo que não é apenas mais um carro comum. Alexandre nota que no banco traseiro há brinquedos, ursinhos de pelúcia, bonecos e outros itens. No banco ao lado do motorista, há uma caixa transparente com seringas.

“Droga” pensa. É o carro do assassino.

Aurora está há quarenta e cinco minutos do local.

Devido ao deslocamento de Alexandre até o galpão, seu celular finalmente tem área e começa a tocar desesperadamente e muito alto (como os idosos normalmente deixam o volume nas alturas) com todas as notificações que havia perdido. Ele tenta rapidamente silenciar o aparelho enquanto se afasta do carro e da porta do galpão indo até a lateral e abaixando o volume do celular. Ele vê as ligações perdidas de Aurora e tenta ligar para ela para notificá-la sobre a Mercedes, porém sua bateria acaba neste exato momento. Um barulho vem de dentro o fazendo soluçar assustado, é um som alto como se alguém tivesse derrubado algo pesado no chão. Suor começa a escorrer descontroladamente no rosto pelancudo e com marcas da idade do delegado que respira fundo tentando espiar por cima do ombro direito. Ele não vê ninguém e aquele silêncio ensurdecedor toma conta do ambiente novamente. Alexandre retira a arma do coldre e quando pensa em ir até a porta e abordar quem quer que esteja lá dentro, já é tarde demais. O barulho que tinha escutado era a porta do fundo arrastando para ser aberta, o assassino está atrás do delegado e o atinge na cabeça.

CAPÍTULO 10

O passado no presente.

Aurora ainda está no caminho para encontrar Alexandre quando o assassino o surpreende. Há um caminhão de alimentos tombado na rodovia e todo o trânsito está impedido. A jovem promotora conversa com alguns guardas civis que fazem a segurança do local e mesmo após explicar a importância do encontro com o delegado, eles a informam que é impossível passar por ali. Já são cinco da tarde e a hora do rush está a todo vapor na grande São Paulo. Aurora até poderia realizar uma rota alternativa, mas ainda assim demoraria mais quase três horas para chegar até o destino. Ela abre a porta do Toyota Corolla 2018 sentando-se de volta no conforto do ar-condicionado e recebe uma mensagem de Sofia “Só para te lembrar de que hoje temos a degustação de bolos” e só então recorda da promessa de madrinha de casamento que havia feito para Sofia de ajudá-la escolher o bolo. “Preciso do seu voto contra o pistache, pelo amor de Deus”, diz outra mensagem. Aurora solta um leve sorriso, apesar de todas as desventuras, ainda podia contar com o constante apoio de seus amigos, pelo menos por enquanto, pelo menos enquanto todos eles ainda estão vivos.

JV é o amigo mais antigo de Léo. Os garotos se conheceram no jardim de infância numa tarde de quarta-feira. JV sempre foi extremamente curioso, e isso continuou até sua juventude. Uma vez, quando completou vinte anos, decidiu passar um ano em um templo budista na Tailândia, algo parecido com Comer, Rezar e Amar, mas ao contrário da personagem de Julia Roberts, JV conseguiu permanecer lá apenas por duas semanas. Ele finalmente entendeu que para manter-se calmo precisava manter-se ocupado. Ainda crianças, enquanto brincavam de chá da tarde com os ursinhos de pelúcia e Barbies, JV continuava intrigado com cada movimento de Léo, notava que Leonardo sempre abria mão dos brinquedos para outras crianças, abraçava os outros colegas quando algum deles caía dos balanços e machucava o joelho, sempre dizia “obrigado” e toda tarde dividia seu lanche com JV mesmo sem ele pedir. Eles cresceram juntos, moravam no mesmo bairro, foram a mesma escola onde conheceram Aurora e depois a faculdade onde se formaram como os primeiros da classe em jornalismo e publicidade.

JV é um ótimo cozinheiro, sempre ajudou seus pais na cozinha e ele e Jonas são fascinados pelo programa de culinária que André apresenta na TV, e é exatamente a reprise de um dos programas do cozinheiro que JV assiste no pequeno apartamento, enquanto se afoga em um balde de pipoca com vinagre (hábito que pegou de Léo) e uma taça de vinho.

Alguém bate à porta. O rapaz abaixa o volume da TV e vai atender.

- Boa tarde – diz não reconhecendo o homem à sua frente.

É Phelipe, que veste um terno simples com uma gravata azul e tem o cabelo preto ajeitado com gel, como um investigador dos anos 1970.

- Olá, meu nome é Phelipe, eu trabalho com...

- Aurora... – JV o interrompe completando – Ela falou sobre você. Sou o JV, por favor, entre.

- Prazer em te conhecer – Phelipe diz entrando no apartamento e olhando ao redor – Estou procurando pela Aurora, você sabe onde ela está?

- Pensei que ela estivesse no trabalho.

- Não... – Phelipe começa a sentir um cheiro de queimado – O que é este cheiro?

- Ah meu Deus! – JV corre até o fogão para desligar o fogo.

- Devia ouvir com mais carinho as dicas dele – Phelipe brinca apontando para André na TV.

Os dois dão risada.

No corredor, Aurora finalmente chega em casa, ela desistiu de ir até o galpão depois do acidente na rodovia e sai do elevador com a cabeça baixa e roendo a cutícula do dedo indicador que já está com marcas de dentes e um pouco de sangue enquanto deixa uma mensagem de áudio para Alexandre. Um turbilhão de pensamentos a atingem. A porta do apartamento de Thabata se abre e ela caminha até Aurora com os braços cruzados e a expressão irritadiça.

- Ei – Aurora a cumprimenta com um aceno enquanto a mulher se aproxima.

- Então... – com os olhos apertados Thabata fita Aurora – Eu não quero ser presunçosa ou algo do tipo, mas... Você pegou a escritura do André no meu apartamento?

- O que?! – Aurora finge estar indignada – Mas é claro que não!

Thabata sabe que a promotora está mentindo.

- Você é a única pessoa que esteve na minha casa e agora o papel sumiu e André precisa dele para concluir a venda do terreno.

- Venda?!

- Sim... Aquele terreno era uma herança ou alguma coisa assim, mas André não tem nenhuma utilidade para ele então está vendendo para um homem que é dono de uma oficina. Eles estão em negociação há mais de três meses e agora finalmente entraram em um acordo, mas ele não pode concluir o processo sem a escritura.

- Então ele nunca usou o galpão?

- Como sabe que é um galpão? – Thabata pergunta prestes a pegar Aurora no flagra.

- Você disse...

- Tenho certeza de que não disse! – Thabata morde os lábios, ela ainda está com os braços cruzados e balançando a cabeça dignamente ofendida – Bom... Não importa! Você está com a escritura ou não?!

- Me desculpe, mas não peguei essa tal de escritura – Aurora responde ainda escolhendo mentir.

Thabata dá um leve sorriso enraivecido. Ela massageia as têmporas com os dedos da mão esquerda e continua:

- Eu sei que você não gosta dele, mas isso não faz nenhum sentido, Aurora!

- Não gosto dele?! – Aurora cruza os braços.

Phelipe e JV escutam a discussão do outro lado da porta.

- A gente devia...? – Phelipe pergunta fazendo um gesto para a porta.

- Vamos ver até onde vai... – JV responde se aproximando sob as pontas dos pés para ouvir melhor a discussão.

- Sim, eu sei que você não gosta dele! – Thabata continua – Vi como vocês estavam se encarando naquele dia depois do nosso almoço.

- Ele sabe que tem alguma coisa acontecendo entre nós duas...

- Alguma coisa acontecendo?!

- Sim! Você me beijou, se lembra?!

Phelipe e JV fazem uma careta do outro lado da porta.

- Aquilo foi o efeito do vinho... – responde Thabata.

- Ah! É mesmo?! – agora é Aurora quem está exasperada.

O elevador apita indicando que alguém chegava ao andar. Sofia e Clara trazem sacolas com caixas de papelão abrigando pedaços de bolo que iriam experimentar para o casamento que será daqui três dias e esse é o único detalhe em que não conseguem concordar. Sofia escuta um pouco da discussão e se aproxima fazendo um comentário:

- Olha só vocês duas... Já brigando como um verdadeiro casal.

- Pare com isso! – diz Clara.

Thabata ignora o comentário revirando os olhos e dá as costas. Aurora se corrói por dentro.

- Olá... – Clara diz entrando no apartamento e se deparando com Phelipe e JV.

- Olá – Phelipe responde com um sorriso simpático, e deslocado – Quanto bolo! – ele diz vendo as caixinhas que uma das noivas coloca em cima da mesa da cozinha.

- É para o nosso casamento – Clara responde retomando o fôlego – Não conseguimos escolher o sabor...

- Começou com a escolha certa – Phelipe aproxima-se – Adoro os bolos caseiros da Mama Joana.

- Sim! – Clara exclama – Sou simplesmente apaixonada pelo bolo verde de pistache.

- Phelipe? – Aurora o vê – O que está fazendo aqui?

- Ei! Vim te entregar isto – ele lhe entrega um papel – É uma carta do delegado geral. Ele está transferindo o Alexandre.

- Transferindo o Alexandre?!

- Sim... – Phelipe responde com o semblante triste – O novo delegado começa amanhã.

- Isso não faz sentido! – Aurora o encara – Falei com o Alexandre nesta manhã, ele estava investigando algo do nosso caso...

Eles são interrompidos por Clara que os serve um pedaço de bolo.

- Maracujá ou ninho... – ela sorri – Escolham.

- Essas coisas sempre acontecem! – Phelipe responde confuso se está falando sobre o bolo ou sobre a transferência de Alexandre – E é sempre repentino, e na verdade bem chato, mas... – ele enfia uma garfada gigante de bolo na boca.

Aurora está com o celular na mão tentando falar com Alexandre novamente.

- Ele não atende – diz.

- Provavelmente está ocupado – Phelipe responde – Quando esse tipo de coisa acontece, envolve um monte de burocracia – ele deixa o pratinho de plástico em cima da mesa – Deveria escolher o de pistache.

- CALE A BOCA, PHELIPE! – grita Sofia do canto da sala – Pode ter um bolo verde quando for o seu casamento!

- Te disse... – diz Clara sorrindo.

Phelipe abaixa a cabeça envergonhado.

- Parabéns pelo casamento – ele cumprimenta Clara no caminho para a saída e se vai.

- Ele é tão legal! – JV diz – Porque nunca nos disse que trabalha com alguém tão lindo... Quero dizer, simpático.

Aurora apenas o encara e vai para a porta.

- Vai para onde?! – Sofia pergunta – Precisamos experimentar os bolos!

- Não precisamos não – Clara a interrompe enquanto devora um dos pedaços – Vamos escolher o de pistache.

- Não vamos ter um bolo verde para nosso casamento!

A porta bate.

No corredor, Aurora tenta novamente ligar para Alexandre. Ela entra no elevador descendo até a garagem no subsolo e indo até seu carro. Sua bolsa está no banco traseiro e Aurora abre a porta sentando-se no banco do motorista e encarando o visor do celular. Ao olhar para o lado, nota uma caixa branca com um laço vermelho e olha ao redor procurando pelo responsável pelo que parece ser um presente, sem encontrar ninguém, apenas vagas vazias e

manchas de óleo no chão pintado de cimento queimado, Aurora engole em seco e cuidadosamente pega a caixa a colocando em seu colo, ela desata o nó da faixa vermelha e abre a tampa se deparando com um suéter que pelo tamanho parece pertencer a uma criança, embora seja duvidoso que qualquer criança gostaria de usar um casaco rosa manchado de sangue e rasgado nas mangas. Aurora o reconhece, seus olhos enchem-se de lágrimas. Seu celular toca e ela pula assustando-se com o toque e então vê a notificação de chamada de número desconhecido na tela. Suas mãos estão trêmulas, Aurora achou que jamais veria aquele casaco novamente.

- Alô...?

- Olá, Aurora – cumprimenta a voz grossa e distorcida seguida de um ruído de respiração – Recebeu meu presente?

CAPÍTULO 11

Nem tão diferentes assim.

Aurora engole em seco, cada centímetro de seu corpo estremece.

- Quem está falando? – pergunta olhando ao redor e saindo do carro.

- Assisti você falando sobre mim na televisão – a voz é lenta, pronúncia cada palavra claramente, mas está distorcida, provavelmente efeito de algum aplicativo de celular – Gostei de como disse com tanta certeza que irá me encontrar – outra pausa, seguida pela respiração pesada, como se fosse alguém subindo um lance de escadas – Mas eu sei que você fez de propósito! Queria que eu entrasse em contato, não é?

- Bom... Obrigada por me retornar então – responde. Ela não sente medo, não ainda.

- Você não respondeu a minha pergunta. Recebeu o meu presente?

- Está aqui comigo – Aurora se apoia no capo do carro – Por que está me entregando isso? – e só então percebe que estava segurando o casaco apertado junto ao corpo.

- Já que está me investigando, achei justo retribuir o favor. Porque não me conta um pouco sobre ela... sobre Liza.

Outro arrepio atinge a promotora desta vez percorrendo toda sua espinha. Ela estica as costas como se fizesse um alongamento respirando fundo tentando puxar todo ar que seus pulmões podem aguentar.

- É uma longa história... – responde mordendo os lábios, não quer transparecer a fúria que sente neste momento. Como aquele maldito sabe sobre Liza?! – Acho que seria melhor conversarmos pessoalmente para eu te contar.

- Você não vai ficar feliz quando me conhecer, *Aurora* – quando, e não “se”.

Outro arrepio toma conta dela e a promotora engole em seco.

- E de qualquer forma... – continua a voz distorcida do outro lado da linha – Tenho outros planos para nós. E você tem razão... É uma longa história e eu já sei tudo sobre Liza, e mais importante ainda, sei tudo sobre o que você fez depois que ela morreu! Parece que não somos tão diferentes assim...

- Não somos a mesma coisa, isso eu posso te garantir!

- E por que pensa assim?

- Porque eu posso e vou te trancar numa cela pelo resto da sua vida miserável e você não pode fazer o mesmo comigo! – Aurora ouve atentamente a respiração no outro lado da linha e de alguma maneira sabe que neste momento o dono daquela voz sorriu, não como se ela contasse uma piada, mas como se ela fosse a própria.

- Para fazer isso, primeiro tem que me encontrar, vossa excelência – aquela respiração pesada como um Darth Vader saindo diretamente do inferno toma a ligação novamente – E não está tendo muita sorte pelo que podemos ver... Eu, por outro lado, sei exatamente onde você está! E tenho grandes surpresas preparadas, *Aurora*... Algo bem grande como... Um presente de casamento! – o assassino desliga.

CAPÍTULO 12

LIZA

Na garagem do prédio cor marrom argila de Aurora no bairro Pinheiros, agora são quase 19:00h e a equipe forense que chegou vinte minutos após a ligação de Aurora para o departamento, examina o carro onde o presente foi deixado pelo assassino. Todos sabem que seria uma procura em vão, ele provavelmente havia usado luvas e como a garagem só tem acesso através do elevador de entrada dos moradores, não há nenhuma câmera de segurança. O assassino que caçam é muito mais engenhoso e experiente do que até então a polícia e a promotora sabem.

Aurora está no canto da garagem sentada nos últimos degraus da escadaria de emergência há alguns metros de seu carro. Ela observa a equipe técnica recolhendo DNA e examinando o suéter cor rosa salmão que foi deixado para ela. Aquele suéter pertencia a Liza Marques. O casaco está sujo com manchas marrons de sujeira e manchas de sangue seco e Aurora se lembra perfeitamente de como elas foram parar ali.

- Como está se sentindo? – pergunta Phelipe que se aproxima trazendo uma lata de Coca-Cola – Açúcar é bom para limpar a mente – ele entrega o refrigerante.

- Obrigada.

- O novo delegado está a caminho. Ele disse que vai aproveitar a oportunidade para conhecê-la.

- Ah, ótimo! – Aurora não está nada entusiasmada – Isso é uma perda de tempo...

- Concordo perfeitamente – o novo delegado diz aproximando-se – Sou o delegado Santos. Marco Aurélio Santos. Acredito que você é a promotora Aurora Padilha, correto? – diz estendendo a mão.

- Sim – responde o cumprimentando e se levantando da escadaria. Aurora cerra os olhos reconhecendo o homem que deve ter um metro e oitenta e começa a mostrar os primeiros resquícios de cabelo branco tanto na cabeça quanto na barba.

- Quer me dizer por que acha que isso é uma falta de tempo para ver se é pelo mesmo motivo que eu acho?

- Aquele suéter foi tirado do arquivo de evidências de um caso encerrado – Aurora responde – Se o homem que estamos procurando é cuidadoso ao ponto de ninguém perceber que ele pegou isso do banco de evidência, então tenho certeza de que ele é inteligente o suficiente para não deixar qualquer vestígio de DNA aqui – ela o encara – Mas para pegar aquele suéter ele precisou ir até a delegacia, ou até onde quer que ele estivesse guardado, precisamos ver as filmagens para ver se ele conversou com alguém.

- Não há nenhum registro da retirada do suéter da delegacia da polícia rodoviária – Marco responde colocando as mãos no bolso – Temos um registro de mau funcionamento das câmeras desde a quarta-feira passada e acreditamos que é quando o roubo pode ter acontecido – o homem encara Aurora, ele exhibe o distintivo da polícia pendurado pelo pescoço descendo por uma cordinha de prata até a altura do umbigo – Tem algo que me intriga mais do que como ele retirou este casaco da delegacia.

- E o que é? – Aurora pergunta cruzando os braços.

- Por que ele entregou para você?

- Eu fui a advogada que trabalhou neste caso.

- Eu sei disso! Eu era investigador na época e também trabalhei no caso depois da morte da menina – o novo delegado responde, Aurora finalmente se lembra de onde o conhece – Mas você trabalhou em centenas de casos depois disso. Por que ele quis te relembrar exatamente sobre este?

Aurora sabia o porquê. Ela suspira e responde:

- Bom... Acho que precisamos prendê-lo para poder perguntar isso, não é?

- Sei que foi um caso complicado, e sei também que foi pessoal para você.

- É claro que foi pessoal, ela era minha irmã! – Aurora retruca irritada.

- Mas o que estamos vendo aqui... – o delegado continua – É um contato pessoal do assassino com você, assim como o bilhete que ele deixou com seu nome, ele ou ela...

- É um homem!

- Então preciso saber o que ele quer dizer te entregando este suéter?

- Não é óbvio?! – Aurora perde a paciência – Ele quer mostrar que não sou intocável, e que pode descobrir qualquer coisa sobre mim e entrar na porra da minha casa!

- Qualquer pessoa que pesquisar a sua carreira no Google saberá a respeito do caso de Liza – o delegado não recua – Acho que há outra coisa que ele está tentando dizer, e eu gostaria de falar com você a respeito disso.

- Quer um depoimento?

- Pode ser aqui mesmo ou na sua casa – ele responde – Não me importo, só preciso gravar.

Aurora o encara sem acreditar na inutilidade que está ouvindo. Ela molha os lábios, finaliza a coca e então responde:

- Sem problemas – como se não tivesse nada a esconder.

Eles entram no elevador em um clima completamente constrangedor. O elevador apita e a voz eletrônica informa que eles chegaram ao terceiro andar. Aurora e o novo delegado caminham até o apartamento dela. Ela destranca a porta, retira a jaqueta e deixando nos pinos atrás da porta. Eles se deparam com Léo, JV e Jonas que estão deitados no sofá preto retroativo. Eles se ajeitam cumprimentando o homem que exibe o distintivo e JV esconde a bolsinha rosa com um arco íris onde carrega sua maconha. Eles não entendem o que está acontecendo e permanecem em silêncio assistindo The Crown. Marco Aurélio acena com a cabeça os cumprimentando, mas não faz nenhum tipo de apresentação. Ele caminha pela pequena cozinha observando alguns desenhos assinados por Liza presos por ímãs na geladeira. Ele observa a mesa oval de mármore no centro da cozinha com alguns papéis e fichários de JV em cima dela. Ele está com as duas mãos no quadril, exibindo o distintivo com o paletó aberto. Aurora serve dois copos com água e entrega um para o delegado.

- Tenho uma coisa de trabalho para resolver – ela diz passando pelos amigos no sofá e indo para seu quarto dando um sinal com a cabeça para Marco segui-la.

O homem passa de cabeça baixa em frente à TV presa em um painel na parede. JV e Léo se encaram.

- Sente – Aurora diz apontando para uma poltrona ao lado da janela que está com as cortinas brancas abertas – Fique à vontade – ela se senta na cama perfeitamente arrumada em frente a poltrona.

O quarto de Aurora não é grande. Há sua cama Box no centro. Ao lado direito, a grande janela com persianas abertas e as cortinas brancas de duas camadas também aberta. Ali, há uma pequena mesa redonda com um porta-retrato, alguns itens de maquiagem, recibos velhos de

pagamentos em cartão de crédito e um pen drive. Ao lado da pequena mesa, há a poltrona onde Marco Aurélio está sentado. Do lado esquerdo da cama, há a mesa de cabeceira com um abajur, outro porta-retratos, um copo com algo que parece ser café seco no fundo, uma garrafa de água que está pela metade, um velho relógio despertador e a manteiga de cacau que Aurora usa todos os dias antes de dormir.

O delegado senta-se na poltrona observando todos os detalhes citados. Ele coloca o copo de água que Aurora o entregou em cima da mesinha e Aurora sentada na cama observa o homem que retira um gravador do bolso.

- Vintage... – ela diz.

- O passado nos ensina tudo que precisamos saber, Aurora – ele responde ligando o gravador – Se não se importa de sermos diretos, o caso de Liza Marques foi um dos primeiros no qual você trabalhou no início da carreira como advogada, certo?

- Sim! Na verdade, foi o primeiro.

- E você estava pessoalmente envolvida com ele?

- Sim, Liza era minha irmã adotiva.

- Por quanto tempo conviveram juntas na mesma casa?

- Sete anos... – os olhos de Aurora se perdem na claridade que entra pela janela, ela evita essas lembranças há cinco anos – E aí a mãe dela saiu da cadeia toda reabilitada e quis sua guarda de volta.

- E ela não foi a única que sua família adotou, não é? Liza tinha um irmão mais velho chamado Jean, e este apartamento na verdade pertence a ele. Foi um presente do seu pai para ele, não é? Pertenceu ao Jean até que ele o transferiu para você há cinco anos.

- Fez seu dever de casa – Aurora cruza os braços – Mas sim, Jean era irmão biológico de Liza, minha família adotou os dois. Ele ganhou o apartamento do meu pai depois que se formou na faculdade de ciências da tecnologia e deixou o apartamento para mim.

- Me perguntava por que uma promotora ainda morava num lugar como esse... – ele sorri nada amigável – Mas Jean está sendo procurado pela justiça, não é?

- Ele me deu o apartamento antes de tudo isso acontecer.

- Coincidência, hãhã? – Marco sorri irônico – Por que não me explica com as suas próprias palavras o que aconteceu? – o delegado cruza as pernas apoiando o rosto com os dedos.

Aurora engole em seco. Ela se ajeita na cama dobrando os joelhos e as pontas dos pés tocando no chão. Ela segura o copo de água com as duas mãos em frente ao corpo.

- Minha família adotou o Jean e a Liza quando eu tinha quinze anos. Nós éramos vizinhos, eles moravam perto da casa dos meus pais. Jean era fã de X-MEN, assim como eu, e logo nos tornamos amigos... – Aurora se perde nas memórias, com o dedo indicador ela arrasta o suor da água gelada no copo quente pelo calor de suas mãos – Mas os pais do Jean eram complicados... O pai dele era um advogado, mas ele se envolveu com lavagem de dinheiro e em seguida com tráfico de drogas e a mãe se envolveu com as drogas em si. Jean tinha treze anos quando o pai dele foi preso pela primeira vez – Aurora toma um gole da água gelada – Enfim, como eu disse o pai dele era advogado e saiu em pouco tempo... Ele ficou livre por alguns anos, Jean não sabia, mas Eduardo ainda estava envolvido com o esquema de lavagem de dinheiro. Três anos depois, a irmãzinha dele nasceu... Liza... – Aurora diz com o sorriso mais triste do mundo – Jean cuidou dela desde o início. Ele até mesmo escolheu o nome, Liza por conta da Liza Simpson... – Aurora sorri – Do desenho, sabe?

O delegado acena com a cabeça concordando.

- Ele dizia que ela seria tão inteligente quanto a Liza Simpson, e ela realmente era – os olhos de Aurora ficam devastados ao pronunciar o verbo no passado – Jean também cuidava da mãe dele, como um adolescente pode cuidar de um viciado... – ela engole em seco – A mãe dele sempre desaparecia, dois, três dias..., mas ela sempre voltava ou com a promessa de aquela era a última vez, ou para roubar alguma coisa da casa para comprar mais heroína. Antes da gravidez, ela gostava de cocaína... – Aurora solta um suspiro seguido por um leve sorriso do tipo que vem automaticamente com um déjà-vu – Durante a gravidez, ela mudou por completo, dizia que aquela criança era a segunda chance dela e que eles seriam uma família agora. Como se o Jean não fosse o suficiente...

- Seu pai era um juiz notável, se ele não tivesse sido tomado pelo câncer provavelmente estaria no Supremo Tribunal agora. Como ele convivia com essa realidade logo na casa da frente?

- Como eu disse, e você deve saber pela sua investigação do caso, o pai do Jean era um notável advogado, ele ganhava bem principalmente devido ao esquema de lavagem de dinheiro. O que comprou a eles uma boa casa, em um ótimo bairro, e além do mais, meu pai nunca gostou de se meter na vida alheia, ele dizia que o que podia fazer era cuidar daqueles que realmente

precisavam que eram as crianças, e que faria seu trabalho de julgar o pai deles quando chegasse sua vez na justiça, e chegou... – Aurora faz uma pausa – O pai do Jean foi preso pela última vez quando Jean estava prestes a fazer dezessete anos, Liza tinha seis meses. Depois que o pai dele estava na prisão, um rumor correu dizendo que ele faria um trato e entregaria as pessoas para quem ele trabalhava em troca de imunidade... E então ele foi morto. Foi encontrado enforcado em sua cela.

- O que houve depois disso? – o delegado já sabia de toda a história, mas precisava ver se Aurora ainda mantinha a sua versão dos fatos.

- A mãe do Jean enlouqueceu... – Aurora continua enquanto encara as mãos. Não gostava das lembranças a seguir – Quando recebeu a notícia de que o pai dos filhos dela estava morto, como uma boa viciada, Cristina achou que seria uma boa ideia tomar alguns comprimidos e você sabe... Usar um pouco de heroína e dar uma volta pela cidade. Ela não voltou por um dia, dois, três e... Depois ela voltou. Completamente maluca. Tentou atacar Jean e Liza com uma seringa de heroína e acabou sendo presa, foi quando meus pais decidiram adotá-los.

- O que houve em seguida?

- Vivemos felizes para sempre até que cinco anos atrás Cristina decidiu que estava apta para ser mãe e reapareceu tentando reconquistar a guarda de Liza. Ela não aceitou quando perdeu a causa e sequestrou Liza fugindo pela cidade e sendo perseguida por Jean até a serra onde o carro capotou e...

- Liza morreu – o delegado finaliza.

- Sim – Aurora responde, seus olhos lacrimejando.

Tanto sangue, havia tanto sangue naquele dia e Aurora nunca se sentiu realmente limpa depois do acidente.

- Mas Cristina sobreviveu ao acidente – o delegado continua. Está chegando na parte que realmente o interessa.

Aurora o encara. Seus olhos se transformam. Lágrimas escorrem pelo rosto pálido, mas o olhar que ela entrega a Marco não é de tristeza e sim de fúria conforme responde:

- Sim, Cristina sobreviveu!

- Até que ela morreu no hospital.

- Sim...

- Asfíxiada... Pelo próprio filho – ele encara Aurora como se fosse cúmplice.

- Essa é a teoria da polícia.

- Mas nunca conseguiram provar, porque jamais encontraram Jean depois da morte de Cristina. Nem mesmo você sabe onde ele está.

- As pessoas lidam com o luto de maneiras diferentes, delegado. Alguns deles só precisam sair pelo mundo e espairecer.

- E você não teve contato com o Jean durante todo esse tempo?

- Nunca mais o vi!

- E agora, cinco anos depois, o casaco que sua irmã usava no dia do acidente em que ela morreu e seu irmão adotivo sufocou a mãe biológica até a morte fugindo em seguida sem deixar rastros, apareceu no seu carro embrulhado por um assassino em série como um presente de Natal? – o delegado levanta-se apontando para o porta-retratos na mesa de cabeceira de Aurora. Na foto, estão ela e os amigos junto com Jean e Liza que segura presentes de Natal – Dava para escrever um livro com essa porra de história, hãh?

- Bom... Fico contente de você achar que a tragédia da minha vida pode ser usada para o entretenimento de terceiros – o sorriso irônico está no canto dos lábios de Aurora e ela fita o delegado com desprezo.

- Obrigado pelo seu tempo, Aurora – responde o delegado recolhendo o gravador e o colocando no bolso – Estou ansioso para trabalharmos juntos – ele se afasta até a porta, olha para trás como quem se esqueceu de algo – A propósito, como você sabe eu era um dos detetives do caso da Cristina antes de ser promovido. Procurei Jean em todos os lugares e nunca encontrei um rastro sequer. E então um pensamento pairou sobre mim. Você acha que ele pode estar morto?

Aurora permanece em silêncio, a verdade é que pensava nessa possibilidade todos os dias por pelo menos quarenta minutos antes de dormir. Ela não responde e Marco Aurélio não persiste. Ele abre a porta do quarto passando pela sala de amigos que fingem que não estavam ouvindo a conversa por detrás da porta. Aurora permanece sentada na cama, ela também encara o porta-retratos lembrando-se dos irmãos.

- Ah, merda! – Aurora diz levantando-se e indo atrás de Marco – Ele me ligou! – ela grita no corredor antes que o homem entrasse no elevador.

- O que?! – o delegado a encara.

- O assassino! – Aurora se aproxima – Ele me ligou de um número privado para perguntar se eu havia recebido o presente, e depois ele disse que tinha algo muito maior preparado, como um presente de casamento – ela se aproxima encarando Marco que segura com a mão esquerda as portas do elevador – Minhas melhores amigas se casarão depois de amanhã e acho que poderíamos usar algumas escoltas no evento.

- Concordo! Vou pedir para uma viatura dormir aqui nesta noite para fazer a vigilância do local. E redobramos a segurança no casamento.

- Obrigada.

- Posso te perguntar mais uma coisa? Se ele te contatasse, você contaria à polícia?

- É o que eu acabei de fazer.

- Não estou falando sobre o assassino, estou falando sobre Jean.

- Ele nem ao menos foi ao funeral da Liza, sabia? – Aurora responde encarando os olhos castanhos do delegado – Jean desapareceu para nós também, Marco! Eu estava no carro junto com ele no dia do acidente, e vi Liza morrer nos braços dele e acredite quando eu te digo... Eu sou a última pessoa com quem ele faria contato.

- Eu não acredito! Mas deixaremos assim por enquanto – o delegado solta as portas do elevador.

Aurora permanece no corredor por alguns segundos quando ouve uma das portas abrindo.

- Boa noite – André a encara saindo do apartamento de Thabata – Pode vir aqui por um instante? Quero te mostrar algo!

CAPÍTULO 13

André e o presente de casamento.

Aurora caminha lentamente com os braços cruzados até o apartamento de Thabata, André a aguarda na porta com um leve sorriso. Ao entrar, Aurora nota que as luzes estão baixas e na mesa de jantar, perto da janela, há velas e dois pratos.

- É nosso aniversário de casamento – André revela orgulhoso com um sorriso apaixonado enquanto vai até o quarto.

Aurora permanece na sala de estar. Ela sente o cheiro de algo no forno, provavelmente mais algum prato delicioso que o renomado Chef prepara. Em cima do sofá, Aurora nota uma bagunça de papéis.

- Podia organizar a casa como presente – comenta a promotora ranzinza.

O homem sorri enquanto retorna arrastando algo embrulhado em um papel de presente.

- São alguns papéis de uma transferência de terreno que estou vendendo – ele se apoia no presente encarando a mulher – Inclusive sobre isso, preciso te pedir desculpas. Sei que Thabata falou com você a respeito da escritura do galpão, eu achei a original mais tarde, estava bem aqui... – ele aponta para a escrivaninha – Dá para acreditar? Às vezes as coisas estão bem diante dos nossos olhos e nós não conseguimos enxergá-las.

Todo o corpo de Aurora estremece. O mesmo arrepio que sentiu ao falar no telefone com o assassino a toma por completo. Ela permanece extasiada parada na frente do homem ao menos vinte centímetros mais alto do que ela, que exhibe os músculos usando uma regata. Ela engole em seco.

- De qualquer forma... – André continua enquanto ajeita o laço vermelho que embrulha o papel de presente – É um frigobar! – ele encara Aurora que ainda está sem reação – É uma nova linha que estou promovendo para a Brastemp e ganhei um de presente, mas como já tenho alguns e não vou poder comparecer ao casamento de Clara e Sofia, então estava pensando que podia entregar para mim, por favor.

- Foi convidado para o casamento? – de todas as coisas que poderia falar, é isso que consegue.

- Mas é claro! – André estranha a pergunta, quem não ia querer uma celebridade em seu casamento? – Eu e Clara conversamos o tempo todo. Estive em um evento beneficente para crianças venezuelanas no hospital em que ela trabalha, conversamos o dia todo e no final ela me convidou para o casamento, o que me lembra... – André vai até o balcão e retorna com um envelope na mão – Ela me disse que a lua de mel será em Fernando de Noronha, conheço o Chef do restaurante do hotel onde elas estarão hospedadas, diga a Clara para entregar isto a ele e elas terão a melhor comida da ilha de graça – ele termina com um sorriso e coloca as mãos no bolso da calça de moletom.

Aurora ainda pensa sobre a escritura.

- Está tudo bem? – ele pergunta tocando no ombro da mulher que se afasta imediatamente com o toque – Você está pálida...

- Estou bem! – responde se afastando e indo rapidamente até a porta – Só fico feliz em saber que você achou a escritura.

- Ah, sim – André diz descontraído enquanto serve a si mesmo um pouco de vinho em uma taça – Tenho a memória péssima! – diz entre um gole. Ele a fita por alguns instantes e Aurora não desvia o olhar – Escute, Aurora... Eu também te devo um pedido de desculpas sobre aquele dia no corredor, acabei descontando em você minhas próprias falhas no meu casamento e peço desculpas.

- Sem problemas – Aurora diz ainda pensando na escritura.

- É só que... – André começa a chorar com a cabeça baixa enquanto encara a taça de vinho.

Aurora franzi as sobrancelhas sem entender o que diabos está acontecendo.

- Estávamos nos dando tão bem e de repente, tudo mudou... – o homem vira uma manteiga derretida – Fico aterrorizado só de pensar em Thabata não me amando mais.

Aurora dá uma leve coçada na testa constrangida, o homem está sentado no sofá agora.

- Eu até tentei comprar um balão para ela e mesmo assim, ela não quer voltar para casa! Quem não iria querer um balão?! Até ofereci cozinhar e comermos no balão viajando em algum lugar como Paris ou Londres. Ofereci uma viagem para Veneza e ela me disse que não gosta de comida italiana. Eu venho fazendo comida italiana todo o nosso casamento, você acha que foi isso que nos arruinou?

- Ähnn... – Aurora não sabe o que dizer ou como se portar. Ela retira calmamente a taça de vinho da mão de André a deixando no balcão – Talvez deva beber uma água agora... – diz com um tom de ternura, mas a verdade é que quer sair dali o mais rápido possível – Vocês estão juntos há bastante tempo, tenho certeza de que vão superar essa fase.

- Eu espero que sim – ele diz limpando as lágrimas com a palma da mão – Eu amo a Thabata e eu realmente preciso dela, Aurora!

A porta se abre. É a dona do apartamento que sente o cheiro de velas, encara Aurora, André no sofá com o rosto vermelho e os olhos úmidos e depois o presente ao lado do balcão de mármore.

- Oi... – ela diz claramente desconcertada – Está tudo bem?

- Eu vou pedir para os meus amigos virem buscar o frigobar – Aurora diz enquanto se afasta – Tenho que ir, até mais.

Thabata permanece encarando André.

No apartamento de Aurora, ela passa correndo pelos amigos indo até sua bolsa que está no chão ao lado da TV. Retira tudo de dentro da bolsa em busca da escritura, ela não a encontra. “Não é possível” pensa.

- O que está fazendo? – JV pergunta.

- O André esteve aqui?! – Aurora encara os amigos. Parece descontrolada com o cabelo bagunçado – André Marconi esteve aqui?

- Não! – JV e Léo respondem.

- Por que André Marconi viria aqui? – Jonas pergunta desligando a TV.

- Minha bolsa estava no meu carro quando o presente foi deixado lá...

- Presente? – Jonas pergunta encarando os amigos. Nenhum deles entende o que está acontecendo.

- Do que está falando? – JV pergunta.

- É... Você parece um pouco louquinha – Léo comenta.

- Não estou louquinha! – a mulher pega a bolsa do chão e a chave do carro.

- Aonde vai?! – JV pergunta.

- Preciso ver uma pessoa – Aurora bate à porta.

Entrando no Corolla 2018, ela tenta ligar novamente para Alexandre sem sucesso e então vai até o endereço do velho delegado. Alexandre mora a quarenta minutos do prédio de Aurora.

Já são quase nove da noite na grande São Paulo quando a promotora chega à casa do delegado. Um belo sobrado pintado de azul com um portão marrom de grades que permitem a vista do ajeitado jardim. Aurora estaciona o carro em frente a guia rebaixada da garagem de Alexandre sem se preocupar em ser multada. Ela desce do carro e é imediatamente bombardeada pelo frio que uma pesada brisa trás. Ela se agarra a jaqueta laranja de couro que havia ganhado do pai em sua formatura na faculdade de São Paulo, odiava a cor da jaqueta, mas sempre a mantinha por perto. O tempo está carregado. O céu está coberto por aquelas nuvens rosadas que avisam que uma tempestade está a caminho. Um clarão se faz no céu seguido por um trovão. As luzes da casa de Alexandre estão apagadas. “Velhote já deve estar dormindo” ela pensa aproximando-se da campainha. Aurora toca, uma, duas, três vezes. Não tem sucesso e percebe que o portãozinho menor está aberto. Sabia que Alexandre só tinha dois gatos, ele usava a foto dos bichanos no papel de parede de celular. Ela os ouve miando loucamente no interior da casa. Aurora acende a lanterna do celular e caminha pelo quintal do homem após abrir o portãozinho. Ela nota pelo caminho de pedras que leva do jardim até a porta de entrada da casa, algumas correspondências no chão. Outro estrondo se faz no céu e uma ventania espalha folhas pelo jardim. Aurora continua até a porta principal que está trancada. Olhando ao redor, iluminando o caminho com a lanterna do celular, ela avista uma janela de vidro sem grade que parece ser da sala de estar, ela se aproxima dos vidros e avista os dois gatinhos do delegado ainda miando. Aurora tenta abrir a janela que não tem o trinco fechado do outro lado. Ela consegue entrar na casa. Está tudo escuro, e uma nova brisa faz os cabelos em sua nuca arrepiarem. Os gatos começam a rodeá-la, esfregando as cabeças peludas e aconchegantes em seu tornozelo. Aurora se curva e os acaricia enquanto olha ao redor. Os miados cessam agora e tudo o que ela pode ouvir é o vento lá fora e o ronronar dos bichanos. Ela caminha até um interruptor ao lado da janela e acende as luzes. Vai até a cozinha onde nota pratos sujos na pia com moscas rodeando e o saco de ração dos gatos caído no chão e espalhado, mas no potinho de comida, não há um grão sequer.

- Alex?! – alguém grita no portão da frente.

- Merda! – Aurora se assusta derrubando o celular. Os gatos se escondem com o barulho.

Aurora vai até a janela avistando uma senhorinha que tem os olhos apertados como os míopes fazem quando tentam enxergar.

- Boa noite – Aurora diz saindo da casa e indo até o portão. O vento está mais forte e ela se agarra mais à jaqueta.

- Ah! Boa noite – a senhora magra poderia ser levada pelo vento que fica cada vez mais intenso – Alex está em casa?

- Não... – Aurora responde abrindo o portão – Estou tentando encontrá-lo, na verdade. Sabe onde ele pode estar? Meu nome é Aurora, trabalho com ele.

- Ah, sim... – a mulher que deve ter quase oitenta anos parece confusa – Se ele não está no trabalho, não sei onde pode estar. Nós somos amigos. Jogamos xadrez toda noite, mas desde ontem que eu não o vejo. E quando olho para cá, só vejo as luzes apagadas. Achei que ele poderia estar viajando a trabalho, o que mesmo assim seria estranho porque ele sempre me pede para cuidar do Walter e do Jesse quando ele vai viajar.

Aurora não sabe o que dizer. Um turbilhão de pensamentos a atinge. Pelo que se pode ver, Alexandre está desaparecido desde o dia que foi até o galpão.

- Senhorita?

- Desculpe... – Aurora diz – Acho que ele deve estar viajando a trabalho – ela engole em seco.

A pequena velha que usa um gorro cor de rosa que poderia ser visto do Rio de Janeiro não parece satisfeita, mas aceita a história. A senhora deseja boa noite e volta para sua casa do outro lado da rua. Aurora está trêmula agora. Seu rosto está pálido e ela caminha rapidamente com o longo cabelo ruivo contra o vento de volta para a casa. Fechando a porta, ela sobe as escadas indo até o quarto onde tudo está ajeitado, porém as janelas estão abertas, era uma surpresa os gatos não terem fugido ainda. No armário de Alexandre, todas as suas roupas parecem estar em ordem, assim como as duas malas na prateleira superior. Aurora pressente o pior.

“Tenho a pior intuição do mundo, ela sempre está certa” suas próprias palavras para o delegado ecoam em sua mente.

Os gatos subiram as escadas atrás dela, eles roçam na sua perna como se sentissem falta de carinho. Ela os pega no colo, desce as escadas e pega o saco de ração.

Começa a chover. Gotas rápidas e pesadas caem sem misericórdia.

O vento balança a copa das árvores violentamente em um terreno (longe dali) já mencionado anteriormente onde dezenas de corpos estão enterrados um ao lado do outro. A terra molhada começa a deslizar. A chuva se transforma rapidamente em um temporal. O céu parece prestes a desmoronar com trovões barulhentos e raios que demonstram a fúria de Zeus. A terra continua deslizando, estamos há 260 km da casa de Alexandre. O terreno descrito é a Serra da Bocaina, na divisa dos estados de São Paulo e Rio de Janeiro, e algo repugnante é revelado pela tempestade. Um corpo desliza pelo chão. Já está em estado avançado de decomposição. É o corpo de uma mulher, ou melhor, uma garota, que ainda tinha os olhos abertos, mas agora comidos por larvas. Próximo a ela, conforme a terra desliza virando barro, é possível notar mais uma mão.

CAPÍTULO 14

Ladrão que rouba ladrão.

No caminho de volta para casa, Aurora observa os gatos dormindo tranquilamente no banco de trás do carro ao lado do saco de ração. Ela se lembra de Liza, a irmãzinha que faleceu apenas com sete anos de idade, cinco anos atrás no acidente de carro. Liza sempre quis ter um gatinho, mas Jean era extremamente alérgico e a família nunca adotou um. Se a pequena Liza visse aquelas duas bolas de pelo, deitados um ao lado do outro como estão agora, ela com certeza se deitaria perto deles e os observaria por um longo tempo os acariciando sem fazer nenhum som. Aurora está sorrindo sem perceber com este pensamento, mas seus olhos estão lacrimejando. Ela ouve os dois gatinhos ronronando. Um deles é laranja e tem na coleirinha em volta do pescoço o nome de Jesse, o outro é cinza e leva o nome de Walter. Eles permanecem adormecidos pacificamente.

Aurora está com certa dificuldade para enxergar o caminho devido à chuva e também devido às lágrimas que caem conforme cria diferentes cenários sobre o paradeiro de Alexandre, e em todos eles, ela é a culpada pelo fim do delegado. Afinal de contas, ele só foi investigar o galpão a pedido dela devido a sua paranoia com André, e agora tudo o que Aurora não quer, é estar certa. Ela aperta os dedos mais forte em volta do volante. Já são quase dez da noite quando finalmente chega ao seu apartamento. Ela traz os gatos nos braços e está com as roupas molhadas e os bichanos miando. Ao abrir a porta, solta os gatos no chão e coloca em um potinho qualquer um pouco da ração que trouxe da casa do delegado. Os gatos comem furiosamente enquanto Aurora senta-se na cadeira e chora.

No dia seguinte, seria o tão esperado casamento de Clara e Sofia que neste momento, enquanto Aurora chora ao lado dos gatos, as noivas bebem champanhe em seu quarto. Elas estão simplesmente eletrizadas e ansiosas demais para dormir.

- Então... – Clara diz enquanto coloca o pijama – Estamos juntas há quase seis anos.

- Graças a Deus – Sofia responde sorrindo da cama – E amanhã vamos concretizar isso pelo resto da vida.

- Graças a Deus! – Clara diz encarando a futura esposa. Ela se aproxima deitando-se ao lado de Sofia – Nós tivemos aquele evento beneficente do hospital, sabe?

- Aquele que o Marconi foi e você o convidou para nosso casamento?

- Sim – Clara sorri como uma tiete boba – E trabalhando com todas aquelas crianças eu pensei que... – ela encara os olhos castanhos de Sofia – Acha que estamos preparadas?

- Para o que?

- Para ter filhos.

Sofia arregala os olhos. Ela se engasga deixando a taça com champagne na mesa de cabeceira.

- Quero dizer... – a médica continua – Eu gosto de crianças, você também. Temos nossa casa, carreira...

- Sim! – Sofia a interrompe e em seguida a beija – Com toda a certeza do mundo eu teria um filho com você!

- Sério?

- Mas é claro! Só que você já sabe, nosso filho teria os tios mais loucos do mundo. E... Como você se sente sobre adoção?

- Era exatamente sobre isso que queria falar com você! – Clara se senta na cama encarando a futura esposa e pensando no quão sortuda é por tê-la – Eu vi todas aquelas crianças e além de não estarem em seu país de nascença, algumas também eram órfãos. E eu não consigo imaginar como é ter uma vida assim e muitas crianças sofrem essa realidade e... Eu sei que as coisas acontecem e as pessoas têm filhos, mas eu me sentiria sendo egoísta se fizéssemos isso ao invés de adotar.

- Eu concordo! – Sofia diz finalizando o champagne – Se eu não tivesse meu avô, provavelmente seria mais uma criança na estatística de órfãos e Deus sabe o que poderia ter acontecido comigo! Vou ficar mais do que realizada de poder prover essa segurança para outra pessoa.

- E eu sempre quis ter dois filhos e estava lendo uma matéria que diz que irmãos têm muito mais dificuldade para serem adotados do que apenas uma criança então... – ela encara Sofia como um cachorro quando pede comida – Talvez pudéssemos ter dois.

- Vai com calma, Angelina Jolie! – Sofia sorri enquanto se ajeita para deitar – Vamos ver nossas opções, fazer um balanço das nossas despesas, pois afinal de contas nosso casamento saiu bem caro porque você insistiu tanto em fazer uma porra de baile de máscaras na festa de casamento.

- Tenho uma surpresa para você, já disse! – Clara responde apagando a luz do abajur ao seu lado – E eu acho que eu amaria ter quatro filhos...

- Meu Deus do céu! Boa noite! – Sofia se cobre com o edredom até a cabeça.

Amanhece na grande metrópole e no apartamento de Aurora a promotora conseguiu dormir por apenas três horas na noite passada. Seu rosto começa a se transformar no rosto cansado e exausto que teria pelos próximos nove meses. Ela encara seu reflexo em frente ao espelho tentando esconder as olheiras com um pouco de maquiagem.

- AURORAAAAAAA! – JV grita da sala.

Ela corre até a porta e encara o amigo.

- O QUE DIABOS É ISSO?! – ele pergunta apontando para os gatos.

- Achei que tivesse acontecido alguma coisa séria! – ela diz aproximando-se dos gatos que estão deitados no sofá.

- Por que tem dois gatos aqui? E por que eles estão de coleira? Você roubou estes gatos, Aurora?! – JV cruza os braços.

- É claro que não roubei os gatos! Por que eu roubaria dois gatos?! – ela responde os acariciando – Eles são de um amigo meu e ficarão conosco por um tempo.

- Até quando?!

- Até eu descobrir o que diabos aconteceu com o dono deles!

- Ah! – JV percebe o estresse na resposta dela – O que aconteceu com o dono deles?

- Eu não sei! Mas vou até o escritório do delegado geral agora mesmo para descobrir. Então, por favor, mantenha as janelas fechadas, ok?

- Precisamos nos preparar para o casamento, não se esqueça!

- Sou a madrinha, não vou esquecer! – Aurora pega a bolsa e a chave do carro de cima da mesa na cozinha e vai ao encontro do delegado geral.

JV se aproxima dos gatinhos. Com a boca ele faz um bico típico de quem avista algo com a fofura além da compreensão.

- Psipsipsi, que gatinho mais lindo do mundo, meu Deus do céu – diz enquanto se senta no meio dos gatos e os acaricia.

- Deveria arrumar um namorado! – Léo diz saindo do quarto do amigo, havia dormido lá naquela noite.

- Bom dia para você também – JV responde com os gatos no colo – Tem passado muito tempo aqui, Léo... – ele encara o amigo com os cabelos cacheados desengrenados e usa uma camiseta do Iron Maiden de JV – Está tudo bem na sua casa com sua mãe?

A mãe de Leonardo é uma renomada pastora bastante conhecida na comunidade religiosa. Léo a ama, mas sempre estiveram em lados opostos em suas convicções.

- Não me leve a mal – JV continua – Pode ficar aqui por quanto tempo precisar, mas se quiser conversar também estou aqui.

- Desde quando vocês têm gatos?! – Léo pergunta desassociando.

Na rua Riachuelo, Aurora chega ao prédio do Ministério Público estacionando na vaga especial para os promotores. Ela sobe até o quinto andar que estava sendo ocupado pela delegacia geral devido a um alagamento no escritório antes ocupado por eles na rua Brigadeiro Tobias (o que Aurora agradeceu, pois senão teria que dirigir por quase duas horas até lá).

Aurora caminha pelo andar que está uma completa bagunça. Há secretárias e policiais fardados andando de um lado para o outro carregando caixas, computadores e telefones. Há muita conversa e os telefones já instalados não param de tocar. Ela os observa enquanto procura pela sala do delegado geral. Avista uma secretária que está sentada em uma mesa baixa demais para ela e então vê que por detrás da jovem com um coque tão preso no alto da cabeça que parece que vai explodir a qualquer segundo, há uma placa escrita **DELEGADO GERAL**.

- Sinto muito, mas ele não pode atendê-la no momento – a mulher informa.

- Diga a ele que é a promotora criminal Aurora Padilha e é muito importante.

- Ele está em uma reunião com André Marconi.

Aurora revira os olhos automaticamente ao ouvir aquele nome. O desprezo por ele aumenta cada dia mais. Ela se apoia na mesa encarando a secretária.

- Eles estão organizando o baile beneficente anual da polícia – a secretaria continua – Vamos precisar de muitos fundos, ainda mais agora com o alagamento e André se ofereceu para disponibilizar o restaurante dele e ajudar atrair doações.

- É claro que ele ofereceu! Porque André Marconi além de um cozinheiro do caralho é praticamente um anjo das boas ações!

- Não é?! – a mulher concorda não absorvendo a ironia – A esposa dele é tão sortuda.

Aurora respira fundo apertando os lábios. Ela está com os braços cruzados agora e pela janela do escritório vê os dois homens de pé dando um aperto de mãos. André deixa o escritório do delegado geral com o velho sorriso de tapete vermelho inocente de sempre. Na porta, ele é cumprimentado por um dos policiais que elogia seu programa do dia anterior. Aurora caminha até ele.

- Tem os amigos certos em qualquer lugar do mundo, hãh?

André a encara.

- Ah, olá Aurora – ele responde digitando uma mensagem no Iphone – Como vai? – ele guarda o celular no bolso.

- Sem papo furado, André! – Aurora permanece com os braços cruzados e os olhos furiosos – Você mexeu nas minhas coisas!

- Do que está falando?! – André pergunta baixinho olhando ao redor para ver se alguém os escuta.

- Da escritura! – ela se aproxima mais do rosto dele. Aqueles olhos azuis parecem um abismo quando vistos muito de perto.

- Então você admite que a pegou?! – André retribui o olhar, o tom de voz e os braços cruzados.

- Toda aquela cena de ontem à noite não passava disso, não é?! Uma cena mixuruca com direito a lágrimas de crocodilo! – ela começa a se exaltar.

- É isso mesmo! – o homem responde. A voz firme e o olhar centrado nos olhos verdes acinzentados de Aurora, ela treme com a resposta e ele percebe – Eu sabia que você pegou a escritura do apartamento da Thabata – ele se aproxima. Está a milímetros do rosto de Aurora. – Eu só não consigo entender o motivo!

- Então você achou que podia invadir meu carro e mexer na minha bolsa para pegá-la de volta?!

- Não é diferente do que você fez, vossa excelência! – ele responde sarcástico com os dedos entrelaçados e as mãos em frente ao corpo – Você roubou de nós primeiro! Então eu roubei de volta! Ladrão que rouba ladrão...

- Quer saber por que eu peguei aquela escritura, André?! – Aurora o interrompe. Ela está com o rosto vermelho agora e uma leve saliência na testa de uma veia estufada, aponta o dedo indicador para o cozinheiro. Policiais, secretarias e oficiais do governo que perambulam pelo corredor estão atentos a discussão – Porque o endereço dela fica exatamente há dois simples quilômetros de onde os corpos do assassinato que estou investigando foram encontrados! E quer saber mais uma coisa sobre seu galpão?! – ela franze as sobrancelhas se aproximando do rosto com os poros perfeitamente fechados de André – Um dos meus amigos desapareceu quando foi investigá-lo, inclusive ele é um delegado! Talvez possa responder algumas perguntas sobre isso!

Nesta altura, o tom de voz de Aurora é bem mais alto do que os barulhos de teclados, pessoas falando ao telefone, funcionários conversando. A maioria deles está apenas com os olhos atentos a discussão.

- Eu nunca nem ao menos fui naquele lugar! – André responde – Inclusive já havia fechado a venda do terreno há duas semanas e o atual dono já estava utilizando-o! Se tem perguntas, fale com ele! A única coisa que estávamos aguardando são algumas assinaturas em papéis e se o seu amigo foi lá investigar sem um mandado então talvez seja eu quem deveria estar te fazendo perguntas! E quer saber, Aurora?! – André se aproxima frustrado. Ele coloca o peso do corpo na perna direita – Já estou de saco cheio dessa sua atitude! Se quiser me dizer mais alguma coisa pode falar com o meu assessor, ou melhor, com os meus advogados!

- Pode ter certeza de que eu vou! – Aurora grita – E a próxima vez que você invadir a propriedade privada de um servidor público, eu vou mandar prender você!

Todos no andar a encaram. André se afasta com uma última olhada perplexa. Ele dá as costas a ignorando e desce as escadas para a saída do prédio.

- Ele está livre agora?! – Aurora pergunta para a secretária que a encara com os olhos estufados.

- E-ele acabou de sair para almoçar.

- São dez e meia da manhã!

A mulher apenas dá com os ombros.

- Ei?! – o delegado Marco Aurélio chama por Aurora – Pode vir aqui um instante?

Aurora suspira, ela caminha até ele passando por todos os olhares que a julgam.

- Tenho novas informações para você... – Marco diz – Recebi um comunicado vindo da delegacia com jurisdição vizinha a respeito de uma denúncia de corpos encontrados na Serra da Bocaina.

- Corpos?!

- Desenterraram três por enquanto e...

- Por que estão comunicando você a respeito disso? – Aurora senta-se.

- Porque a primeira autópsia foi realizada e eles notaram que a vítima estava sem o intestino grosso. Acharam que podia ser devido a alguma cirurgia, mas a vítima não tinha nenhum histórico de problemas de saúde.

- Então não era uma pessoa em situação de rua? – Aurora ajeita-se na cadeira e coça a testa formulando teorias.

- Não – o delegado responde indo até a jarra d'água que mantém no escritório servindo-se de um copo – Era um pai de família que estava desaparecido há três anos.

Aurora permanece em silêncio.

- Um pai?!

- Sim... Ele tinha trinta e oito anos na época do desaparecimento.

Aurora permanece em silêncio encarando o carpete desbotado no chão do escritório.

- Estão esperando o resultado da autópsia dos outros corpos, até agora encontraram este homem e mais duas garotinhas, mas... Acha que é o nosso cara?

- Provavelmente – Aurora responde levantando-se e andando de um lado para o outro.

- Bom... Eles disseram que irão nos informar assim que a autópsia sair.

- Acha que era o cemitério dele? – Aurora pergunta roendo a cutícula do dedo indicador que já está praticamente na carne viva.

- Não sei... Os outros corpos simplesmente foram achados, não estavam enterrados. Por que ele faria isso se tivesse um cemitério?

Aurora apenas o encara como se o respondesse com os olhos.

- Ele queria que nós encontrássemos! – o delegado conclui.

- Estava mostrando seu trabalho – Aurora morde os lábios – Esses corpos foram encontrados por conta da chuva, não foi?

- Sim, a terra não aguentou toda aquela pancada e deslizou trazendo à tona os corpos.

- Ele vai ficar tão puto! – Aurora solta um leve sorriso.

- Está falando sério?!

- Mas é claro que sim! – ela o encara ainda com a expressão hilária – Ele não planejou isso, não queria que esses corpos fossem encontrados e agora que encontramos... Estamos um passo mais perto dele! Confie em mim... esse merdinha vai ficar puto pra caralho e começar a cometer erros!

O celular da promotora toca, é o alarme a lembrando que está na hora de encontrar Sofia e as damas de honra para o casamento.

- Mas nem sabemos se é o nosso cara! – o delegado continua enquanto Aurora desliga o celular.

- Preciso ir agora! – Aurora bebe a água do copo que Marco havia servido para ele – Me ligue se for o nosso cara!

- Posso te perguntar algo? – ele a interrompe antes que abra a porta – Sobre o que foi aquilo?

- Aquilo o que?!

- Você e André Marconi?

- Não foi nada! – Aurora responde enquanto digita uma mensagem para Sofia.

- Você disse que um delegado desapareceu enquanto investigava o galpão dele e depois disse que iria prendê-lo... E não foi nada?!

Aurora respira fundo, era evidente que Marco Aurélio não iria desistir até ter uma resposta decente sobre a discussão.

- Você gosta dele? – ela pergunta.

- Do André? – ele a encara não entendendo a pergunta – Minha mulher tem o livro de receitas dele, mas eu não conheço o cara, ou me importo com sua existência. Por quê?

- Eu o acho esquisito. Muito perfeito.

- Ele é uma celebridade, eles são todos esquisitos!

- Não, mas André é diferente! – Aurora encosta-se no braço do pequeno sofá no canto da sala – A esposa dele mora no meu prédio e um dia eles me convidaram para o café da manhã, enquanto conversávamos, ele me perguntou com o que eu trabalhava e eu disse que era promotora, foi há algumas semanas e já estávamos trabalhando neste caso. Dois dos três corpos já tinham sido encontrados e enquanto falávamos sobre isso, ele disse “alguém que já matou sete pessoas, não pode sair impune”. Primeiro que ele já considerou o terceiro garoto desaparecido como morto, e segundo que...

- Juntou os corpos dessa investigação com o da passada – conclui Marco – Essa informação nunca foi revelada a mídia sobre os corpos de três anos atrás...

- Exatamente! – Aurora diz – Isso ficou na minha cabeça e eu expressei meus pensamentos para o Alexandre e foi quando Phelipe me explicou que em uma das festas da polícia que André participou, eles conversaram e Phelipe contou para o André a respeito dos meninos de três anos atrás, para impressioná-lo e continuar falando com ele sobre algo interessante.

- Então está explicado.

- Sério?! – Aurora se levanta. Ela está com os braços cruzados e o fita como se estivesse prestes a contar a uma criança que papai Noel não existe – Alguém como André Marconi guardaria essa informação de um policial aleatório de um dos milhões de bailes beneficentes que compareceu três anos atrás?! Eu não caio nessa! – ela solta um sorriso que mais se parece com uma bufada de exaustão – Os meninos desaparecidos daquele ano não saíram em nenhuma

manchete! Nosso cenário político estava pegando fogo e ninguém queria saber de crianças mendigas que foram encontradas sem o baço na beira da estrada!

- Foi uma história diferente que ele ouviu de um policial! – o delegado não entende a euforia de Aurora – Algumas pessoas gostam de guardar esse tipo de informação.

- Primeiro, guardar esse tipo de informação é esquisito para caralho! E segundo, eu ainda não caio nessa! E como eu disse, a esposa dele mora no meu prédio e um dia enquanto estava no apartamento dela, notei alguns documentos que tinham o nome do André e ao perceber que se tratava de uma escritura, vi que o endereço ficava nas redondezas de onde encontramos o primeiro corpo do caso de três anos atrás, e novamente o terceiro corpo da criança do caso atual... eu contei ao Alexandre – os olhos dela se perdem nas teorias do que pode ter acontecido com ele – Contei sobre o galpão e ele foi lá investigar – Aurora engole em seco – Ele nunca retornou! E no outro dia recebi a carta do delegado geral dizendo que Alexandre foi transferido e que você o substituiria.

O delegado Santos encara a mulher com a mesma expressão deixada a todo telespectador que já assistiu DiCaprio em A Origem.

- Então... – diz batendo com a ponta dos dedos levemente na mesa – Você acha que André Marconi é um assassino em série que matou Alexandre e foi acobertado pelo delegado geral?

- Ele estava conversando com ele cinco segundos atrás.

- Você não percebe como isso soa insano?

- Ele invadiu o meu carro, ok?!

- Por que ele faria isso?!

Aurora permanece em silêncio. Ela não quer revelar ao delegado a verdade sobre ter roubado a escritura. Mas o homem era um detetive em sua mais pura essência e continua:

- Aquilo que ele estava falando para você agora pouco sobre recuperar algo de volta... – ele se levanta caminhando até a frente da mesa onde se apoia com as mãos no quadril e percebe pelo silêncio de Aurora qual é a resposta para a pergunta a seguir – Você não apenas viu a escritura, não é?

- Pode ser que eu tenha pegado emprestado...

- AURORA!

- Eu ia devolver!

- Mas ele descobriu?!

- Sim.

Marco Aurélio respira fundo.

- Seu pai já havia me dito que você era obcecada.

- Eu não sou obcecada! E quando foi que conheceu meu pai?! – Aurora se levanta vendo as horas no celular e percebendo que está atrasada – Quer saber?! Eu não me importo! Só me importo com os fatos que são, André sabia o número de vítimas, ele é dono de um galpão suspeito perto de onde os corpos foram encontrados e ele invadiu meu carro para pegar a escritura. Quem me garante que não foi ele que deixou aquele suéter para mim? Afinal de contas ele é amicíssimo do delegado geral, não teria dificuldade para invadir a sala de evidências!

- Falar sobre um evento beneficente para crianças cegas é completamente diferente de invadir uma delegacia para pegar algo da sala de evidências, Aurora! Tenho certeza de que André Marconi não deixou aquele suéter para você e todos os fatos que vejo até agora são: você está obcecada por um comentário infeliz de uma informação que já sabemos como André recebeu e dois, você roubou algo dele!

- Então por que Alexandre não volta para casa a mais de três dias?!

- O que?!

- Eu fui até a casa dele e falei com uma das vizinhas, ela disse que Alexandre não voltou para casa!

- Talvez ele tenha sido transferido para outra cidade!

- E deixou os gatos dele abandonados em casa com as janelas abertas?

- Como sabe que os gatos dele estão na cidade e que as janelas estão abertas?! – Marco percebe novamente com o silêncio da promotora a resposta para a própria pergunta – Ah, meu pai! Não me diga que invadiu a casa do Alexandre também?

O celular de Aurora toca novamente, desta vez é uma mensagem de voz de Sofia depois de dezenas de mensagens de texto.

- Não tenho tempo para isso! Preciso ir para a porra de um casamento agora!

- Aurora!

- Me ligue quando tiver notícias da Serra! – ela bate à porta.

Na Serra da Bocaina, na divisa do estado de São Paulo com o Rio de Janeiro, a polícia carioca trabalha desenterrando os corpos que até então chegaram à contagem de sete. Um dos peritos retira a máscara e se afasta dos corpos, são quase seis da tarde, ele se aproxima de um homem que usa o distintivo na cintura.

- Já temos o resultado da autópsia de quatros corpos, senhor. Todos eles estão com algum órgão faltando.

- Mas que merda! – o delegado suspira observando a área toda interceptada com faixas amarelas, viaturas e a equipe forense – Vou contatar a promotoria em São Paulo, provavelmente é o mesmo homem que eles estão investigando.

CAPÍTULO 15

O casamento, a verdade sobre Liza e o cemitério.

Sofia usa o longo vestido de noiva tradicional branco, longo e rendado. A policial está com o cabelo solto com as pontas encaracoladas e uma bela tiara com pedras swarovski que segura o longo véu que vai até o final da cauda do vestido. No rosto, ela usa uma maquiagem leve que ressalta a cor de seus olhos castanhos claros. Léo ajeita a cauda do vestido da melhor amiga enquanto derruba lágrimas de emoção por vê-la tão angelical.

- Para de chorar! – JV diz do canto da sala. Ele usa um terno preto que realça os ombros. Na mão, ele segura uma taça de champanhe, já é sua terceira.

- É... – Sofia concorda encarando Léo pelo espelho – Pare de chorar ou vai molhar o meu vestido.

- Vocês sabem que eu choro em casamentos! – Léo diz levantando-se e secando os olhos com um lenço que retira do bolso do paletó – Me desculpe se tenho sentimentos!

- MEU DEUS! – Jonas entra na pequena sala que fica no fundo da igreja e também usa um vestido que ele mesmo desenhou especialmente para o casamento. – VOCÊ ESTÁ PERFEITA!

Aurora entra de fininho pela porta do fundo. Com a ponta dos pés, ela tenta ir até o banheiro para se trocar.

- EU TO TE VENDENDO, AURORA! – Sofia grita a encarando pelo espelho.

- Você parece uma obra de arte! – Aurora diz aproximando-se com os braços esticados para um abraço.

- Nem vem com essa, Aurora! – Sofia responde virando-se com dificuldade. Seu vestido é gigante – Você está atrasada!

- Me desculpe! – Aurora diz enquanto tira as roupas e começa a se trocar.

- Não está nem vestida! – Sofia continua com as broncas.

- Se lembrou de trazer as alianças? – JV pergunta, servindo-se de mais champanhe.

Aurora encara os amigos como quem havia esquecido e depois gargalha.

- Mas é claro! – responde retirando as alianças da bolsa – Você está perfeita! – diz novamente para Sofia.

- VÁ SE VESTIR! – todos dizem juntos.

No salão da igreja, dezenas de convidados aguardam pela noiva. A maioria deles são policiais amigos de Sofia, até o investigador Phelipe está presente. Há alguns médicos que trabalham com Clara, os pais dela e o avô de Sofia que a aguarda para levá-la até o altar. Thabata também está presente representando André que não pode comparecer devido a um evento de última hora da emissora que cede seu programa.

No altar, Clara está ao lado dos pais, a doutora usa um terno branco em cetim. Os longos cabelos pretos estão amarrados em um alto rabo de cavalo com duas presilhas de flores e pedras swarovski o enfeitando. Ela balança com as pernas para tentar esquecer o nervosismo e a dor que sente nos pés por conta do scarpin. Jonas se aproxima fechando o leque que usa para espantar o calor.

- Ela está quinze minutos atrasada – Clara diz – Por favor, não me diga que ela desistiu.

- Mas é claro que não! – Jonas sorri.

As portas se abrem, e a marcha nupcial inicia-se. Os olhos de Clara brilham ao ver Sofia que também segura o choro e o buquê de rosas. Todos no salão se levantam. Sofia caminha até o altar acompanhada pelo avô que desaba de emoção assim como Léo no primeiro banco que treme demais tentando filmar o casamento. JV está ao lado do amigo e toma a câmera da mão dele para filmar melhor. Phelipe está ao lado deles. Aurora está no altar e encara Thabata que parece triste. JV, Léo e Phelipe soltam um sorriso para Sofia assim que ela passa por eles.

- Que vocês continuem se cuidando e nos mostrando todo o dia como o amor deve parecer – diz o avô de Sofia para Clara ao soltar a mão da neta.

- Você está linda! – dizem as duas noivas juntas. Elas sorriem.

O padre começa a cerimônia que dura quinze minutos até os votos do casal. Sofia é a primeira a falar:

- Esse é o momento mais esperado por mim! – diz segurando as lágrimas.

- Pode começar – diz o padre que esboça um largo sorriso e tem a voz calma que é pura ternura.

- Bom, eu nem sei muito bem como começar... – diz Sofia segurando o choro – Venho ensaiando isso há dias e não adiantou nada treinar, porque ainda vou chorar – sorri nervosa, Clara sorri apaixonada – Eu quero dizer que sei que tudo na vida acontece por uma razão e como você costuma me dizer, nada é por acaso. Por isso, amor da minha vida, tenho que dizer que conhecer você foi a coisa mais maravilhosa e significativa que aconteceu nos meus vinte e oito anos. Quando eu não sabia onde encontrar sentido para ser feliz, você apareceu...

Nesse momento, JV não consegue conter as lágrimas e dá uma leve soluçada enquanto enxuga rapidamente as lágrimas. Aurora olha para as amigas e pensa no quão grata está naquele instante. Preste bem atenção nesta cena. Nos rostos e nos sorrisos, nas lágrimas de alegria. Preste bem atenção em como todos estão tão felizes, em como estão gratos e completos, e preste bem atenção em como de maneira trágica tudo isso ruirá, pois esta cena repetirá nos pensamentos e sonhos da família de amigos por muito tempo e eles se arrependerão por não terem aproveitado mais, ou por não terem fugido quando tiveram a chance.

Sofia continua:

- E eu serei eternamente grata ao seu amor, que me ensina todos os dias a ser uma pessoa melhor. Mal posso esperar para continuar te admirando e te amando para sempre, Clara. Eu amo você!

Lágrimas percorrem o rosto de Clara que respira fundo. O padre a encara acenando com a cabeça indicando que é a sua vez de fazer os votos.

- Não tenho palavras para explicar o amor e a gratidão que eu sinto por conhecer você, Sofia. Eu não costumava acreditar em Deus até te conhecer... Desculpe... – diz baixinho encarando o padre – Mas se você está aqui, eu tenho o prazer de poder te sentir e segurar sua mão, e por isso sei que ele existe, porque alguém tão perfeita como você só pode ter sido criada por uma força divina. Eu te amo mais do que posso expressar com palavras, e juro que vou passar o resto dos meus dias provando a você como seu amor me faz melhor! Eu te amo, e mal posso esperar para passar o resto da minha vida com você.

Sofia desaba em lágrimas, assim como Léo e JV e Aurora limpa as suas rapidamente para não estragar a maquiagem.

O padre encerra a cerimônia. Todos os convidados aplaudem de pé enquanto as noivas passam pelo corredor até a saída da igreja onde são recebidas por mais convidados que jogam arroz as desejando sorte. Uma limusine alugada pelos amigos de Sofia espera por elas para as levarem até a formosa fazenda onde será a festa.

Distante da igreja, na Serra da Bocaina, a equipe forense continua o trabalho de desenterrar os corpos, já são quase oito da noite e os corpos já chegaram à contagem de vinte.

A fazenda para onde os convidados dirigem-se pertence à família de Clara, é uma propriedade de seus falecidos avós. A ampla fazenda é agora um lugar que a família usa para alugar para eventos como casamentos, festas de aniversário, entre outros. Um dos detalhes que Clara foi extremamente rigorosa a respeito, foi o tema da sua festa de casamento, ela quis um baile de máscaras e não desistiu até Sofia concordar. Os convidados que não quisessem ir mascarados não eram obrigados, mas a maioria concordou com a divertida ideia e usavam máscaras até que bem específicas, como Augusto, um dos policiais que usava uma máscara do Batman.

Sofia se troca em um dos quartos, após uma sessão fotográfica com convidados e detalhes da bela decoração. Ela suspira aliviada, livrando-se do peso do vestido de noiva para um bem mais confortável. JV e Phelipe conversam sobre receitas vegetarianas no bar, Phelipe bebe whisky e JV champanhe. Jonas dança ao lado do avô de Sofia na pista de dança quando Clara o chama cochichando algo em seu ouvido.

- Ei – Aurora diz aproximando-se de JV – Clara disse que precisa falar conosco a sós.

Os amigos caminham para o quarto onde Sofia se trocava.

- Onde está nos levando? – pergunta Léo, ajeitando o cabelo.

- Eu tenho uma surpresa para vocês – Clara responde parando em frente à uma porta perto do banheiro no final de um longo corredor na casa principal da fazenda – Fechem os olhos!

- Eu não gosto disso... – reclama JV.

Jonas respira fundo fechando os olhos e tapando com suas mãos os olhos de JV. Léo também os fecha, assim como Aurora. Clara abre a porta.

- Podem abrir agora – diz Sofia de dentro do quarto.

- MEU DEUS! – Léo diz ao ver o do que se trata a surpresa, ou melhor, de quem.

- JEAN! – JV diz correndo até o amigo que não vê há cinco anos o abraçando.

Jonas é o próximo que abraça os amigos fazendo um sanduíche, seguido por Léo. Sofia permanece em um canto, ela está aliviada por finalmente poder tirar os sapatos de salto alto. Ela já havia conversado com o velho amigo que também não via desde a morte de Liza há cinco

anos. Aurora permanece na porta encarando o irmão adotivo ser abraçado e esmagado pela família de amigos. Seu corpo está gelado e ela se sente em terceiro plano como se aquela fosse uma cena que ela só observa, mas não faz mais parte.

Jean é um rapaz alto, nascido com o cabelo loiro que hoje é tingido de preto. Seus olhos são castanhos, pequenos, com um par de cílios bem escuro e densos. Ele é especialista em ciência da computação e análise de sistemas, formado como o primeiro da classe pela Universidade de São Paulo. A barba está grande e cobre uma cicatriz no lado direito do rosto, uma das muitas que adquiriu no acidente de carro no dia da morte de Liza. Jean está diferente, está um pouco mais rechonchudo também e parece saudável. Ele veste um terno e sapato social, o cabelo está bem penteado e ele sorri abertamente para os amigos. Quem visse a distância, acreditaria que este é apenas mais um reencontro entre amigos de longa data, e não uma policial e sua esposa abrigando um fugitivo acusado de assassinato.

- E aí pessoal... – Jean diz, ele tem a voz grave e doce, e sorri envergonhado – Eu senti tanta a falta de vocês! – continua enquanto abraça Jonas – Amei o vestido, está perfeito!

- Sentimos sua falta, cara! – diz JV – Amei seu cabelo.

- É... – Léo diz também grudado no amigo – Combina com você.

- Obrigado – Jean agradece e então encara Aurora que ainda está de pé na porta sem dizer uma palavra.

- É por isso que eu precisava de um baile de máscaras – Clara explica – Para que Jean pudesse vir sem ser reconhecido considerando que...

- Estamos num lugar cheio de tiras – JV completa.

- Bom... – Sofia diz percebendo o desconforto na expressão sisuda de Aurora, a policial é a única que sabe o que realmente aconteceu na noite em que Jean se tornou fugitivo – Jean tem a noite toda para ficar conosco e tenho certeza de que já devem estar nos procurando... – ela diz caminhando para perto dos amigos – Então, que tal deixarmos os irmãos conversando?

- Mas estou esperando cinco anos para ver isso – Léo diz.

- Cala a boca, Léo! – os amigos dizem juntos.

- Vamos! – JV o puxa pelo braço.

Sofia dá um beijo no rosto de Jean e também deixa a sala seguindo o restante dos amigos.

Há um silêncio constrangedor. Aurora dá dois passos para dentro do quarto conforme Sofia se retira fechando a porta.

- Oi... – Jean se aproxima mantendo as mãos no bolso de trás da calça preta social. Ele parece quinze anos mais velho.

- Este cabelo te deixou mais velho – Aurora diz.

- Vejo que ainda não aprendeu a falar com as pessoas.

- Cala a boca.

- Viu?!

Os dois sorriem e se encaram em silêncio novamente por alguns segundos. Eles cresceram juntos, e agora é como se não passassem de dois estranhos. Embora a família de Aurora adotou Jean e Liza apenas quando ela tinha quinze anos, ela e Jean já se conheciam desde a sexta série quando ele foi transferido para o colégio onde Aurora estudava e ambos se tornaram colegas de classe. Eles compartilhavam o mesmo gosto pela matéria de história e por quadrinhos de super-heróis. O desconforto permanece até que Jean dá o primeiro passo para abraçar Aurora. Ela permanece com os braços ao lado do corpo por alguns instantes e então sede ao abraço. Eles não se veem há cinco anos, mas para Aurora agora naquele abraço, a sensação de estranheza some, e é como se o seu irmão (a única pessoa que conseguia vencê-la no xadrez) nunca tivesse partido.

- Eu sinto muito... – ela diz agora chorando – Eu sinto muito por aquele dia! Por favor, me perdoe! Eu não sei o que aconteceu, eu só...

- Não precisamos conversar sobre isso! – Jean a solta segurando carinhosamente nos ombros – Não se preocupe! – ele seca os olhos de Aurora com o polegar – Você fez o que precisou fazer e... Não precisamos falar sobre isso!

- Mas eu me arrependo todos os dias.

- Não se arrependa! Aurora... Não se arrependa! – Jean se senta – Prometemos sempre nos proteger e é isso que estávamos fazendo! E eu tenho tanta coisa para te contar, não quero passar esse tempo falando sobre o passado.

Para um melhor entendimento do diálogo que vem a seguir entre os dois irmãos, eu levarei você até a tarde do dia 25 de março de 2015, o dia em que Liza morreu.

Era uma tarde calorenta na grande metrópole, aquela era a última audiência de custódia para ver quem ganharia a guarda de Liza, se seria Cristina, a mãe viciada que alegava estar a três anos sóbria, ou se seria Jean, o irmão mais velho da menininha de sete anos que a criou desde que ela era apenas um bebê. Aquele era o primeiro caso em que Aurora trabalhava após conseguir sua carteira da Ordem dos Advogados. Devido a sua relação pessoal com o caso, Aurora relutou por muito tempo contra o irmão para que não fosse sua advogada, mas Jean não desistiu, alegando não confiar em ninguém além dela para conseguir que ele mantivesse a guarda de Liza. Por fim, Aurora aceitou.

O julgamento não ia nada bem para os Padilha, apesar de Aurora não admitir, tudo ia a favor de Cristina ganhar a guarda da garotinha até que uma nova evidência foi apresentada à juíza do caso. Foram encontrados vestígios de substâncias ilícitas no último exame de sangue que Cristina havia realizado a pedido de seu oficial de condicional. A mulher gritava dentro da sala da juíza alegando que aquilo não podia ser verdade, que o exame só podia ter sido alterado, que ela estava limpa há três anos e jamais prejudicaria suas chances de conseguir a guarda da criança de volta. Cristina exigia aos berros que o exame fosse realizado novamente, algo que não foi aceito pela juíza e devido à nova evidência, a guarda foi concedida para Jean.

- Bem... – a juíza diz – Tendo ouvido ambas as partes, vejo que há muitos erros a serem reparados em ambos os lares, e acredito que com a minha escolha eles serão. Uma criança deve crescer em um lar pacífico, amoroso e protegido. Cristina, eu recomendo que a senhora retorne para a reabilitação, só assim terá uma relação saudável com a sua filha. Jean, parabéns, você tem agora a custódia de Liza! Mas você será supervisionado, então tome cuidado.

- MEU DEUS! – Léo pula no banco de trás – AH MEU DEUS! NÓS VENCEMOS!

- NÓS CONSEGUIMOS! – Jean encara Aurora – NÓS CONSEGUIMOS! – ele a puxa para um abraço a levantando no ar – Eu amo você!

- NÓS CONSEGUIMOS! – JV grita pulando com o amigo em um abraço grupal – Eu vou ficar tão bêbado hoje à noite!

A juíza ouve o encarando. Cristina deixa a sala sem ser percebida

- EU ESTOU BRINCANDO! – JV sorri – APENAS BRINCANDO! Vamos tomar um chá nessa noite, com biscoitos...

- Ou leite com Nescau... – diz Léo.

A juíza dá as costas não dando ouvidos a eles. Todos sorriem e comemoram abraçando-se e pensando no que fariam para o jantar.

O apartamento de Aurora era diferente naquela época, seus companheiros de quarto eram o irmão Jean e Liza que dormia no quarto que hoje é o escritório de Aurora. Nas paredes, havia dezenas de cartazes pendurados com desenhos que Liza fazia na escola com temas como natal, dia dos Pais e páscoa, cada cartaz vinha com uma foto de cada um dos tios pintados como os personagens do tema, um deles tinha o rosto de Léo e JV como coelhos da Páscoa, e outro tinha Jean e Aurora como renas de Natal. Na sala, como sempre, havia os casacos dos amigos em cima do braço do sofá. Na geladeira, havia uma foto do aniversário de sete anos de Liza e o tema que ela havia escolhido foi o do filme Monstros S.A. Liza usava a fantasia de Bu, JV era o Sullivan e Léo Mike Wazowski.

Na tarde da última audiência do processo de custódia de Liza, Sofia e Clara estavam encarregadas de cuidar dela durante a audiência e a criança embora fosse ainda pequena, era surpreendentemente inteligente. Elas haviam acabado de almoçar e Sofia e Clara tiravam uma soneca no quarto de Aurora enquanto a garotinha que tinha os cabelos castanhos claro, estava na sala assistindo desenhos comendo brigadeiro de micro-ondas que ela mesmo havia preparado. Aurora vinha tentando ligar para Sofia para informá-la sobre a decisão da juíza durante todo o percurso até o apartamento, mas o celular de Sofia estava no modo silencioso e nem ela ou Clara acordaram com as ligações.

Alguém bate à porta, Liza está com a boca cheia de brigadeiro segurando uma caneca e a colher. Ela olha em direção ao quarto vendo que Sofia e Clara babavam na cama. Outra batida na porta. Liza se levanta indo até a cozinha e alcançando com as mãos pequenas e gordinhas o papel de toalha no fundo do armário. Ela limpa a boca e vai até a porta para ver quem era. Havia aprendido com o tio Jonas que não podia falar com estranhos sem um adulto por perto independentemente de onde estivesse. Liza alcança um banquinho que ficava ao lado da poltrona logo na entrada (reservado exatamente para esse tipo de situação) e sobe nele para ver pelo olho mágico quem estava do lado de fora. A pequena reconhece a mãe. No início do processo de custódia, Cristina muito paciente conversou com Aurora e Jean pedindo a permissão para poder passar algumas horas por dia com a filha. Elas ficavam a maior parte do tempo no apartamento, Cristina ajudava Liza com as tarefas da escola e às vezes elas assistiam filmes juntas. Cristina bate à porta novamente e Liza desce do banquinho o colocando de volta no lugar e abrindo a porta.

- Mamãe?

- Oi querida... Você está sozinha? – Cristina pergunta olhando em volta.

- Tia Sofia está no quarto com a tia Clara – Liza responde – Quer que eu as chame?

- Não, não... Não precisa, minha querida – Cristina diz – Vamos passear com a mamãe, quer ir ao Shopping comprar Finis?

- Eu não devo sair sem dizer nada – Liza responde cruzando os bracinhos.

- Está tudo bem, querida! Você está comigo, e eu já avisei o seu irmão. Vamos?

- Vai me comprar vários Finis? – Liza pergunta erguendo as sobrancelhas.

- Um monte!

- E posso comer um Burger King também?

- Todos que você quiser, meu bem!

Liza abriu um imenso sorriso deixando aparecer a janelinha dos dentes caninos que haviam caído naquele mês. Ela corre para dentro ainda com a porta aberta, desliga a televisão, ajeita as almofadas no sofá, dá uma última olhada para as tias que dormiam e então coloca o suéter rosa salmão, apesar do calor, Liza nunca saía sem o suéter com o desenho da pequena sereia. Por alguma razão, a criança olhou para trás e registrou pela última vez em sua breve vida, o apartamento onde cresceu e amou cada segundo. Cuidadosamente, ela fecha a porta do apartamento sem saber que aquela seria sua última vez que faria isso.

Jean, Aurora, Léo e JV chegam ao prédio no exato momento em que Cristina colocava Liza em seu carro. De alguns metros, Jean reconhece o carro da mãe que ao ver o filho não se lembra do cinto de segurança em Liza e fecha a porta do passageiro correndo até o lado do motorista.

- Mas que porra é essa?! – Jean diz vendo a cena – O que está fazendo?! – grita descendo do carro batendo a porta furioso – O QUE ESTÁ FAZENDO?!

Cristina vira-se vendo o filho, ela dá partida e sai cantando pneu.

- Jesus! – Léo grita do banco de trás – Liza está no carro?

- O que ela está fazendo?! – JV diz.

- Pare! – Jean começa a gritar correndo e batendo no vidro do carro em movimento sem sucesso. Ele corre de volta para seu carro, um Fiat Focus branco 1.6 que não havia nem ao menos desligado quando saiu, ele abaixa o freio de mão e inicia a perseguição atrás da mãe.

- Não devíamos chamar a polícia? – JV pergunta no banco de trás do carro.

Léo pega o celular ligando para a emergência.

- CRISTINA! – Jean grita enquanto buzina pela cidade atrás do Fiesta.

- Está indo muito rápido! – alerta Aurora no banco do passageiro ao lado do irmão.

- Não era para a Sofia estar cuidando dela?! – Jean pergunta encarando a irmã que tenta falar com Sofia no celular – PARE O CARRO! – ele grita com a cabeça para fora da janela ao conseguir se aproximar do carro da mãe – CRISTINA, PARE ESSA MERDA DE CARRO, AGORA!

- Mamãe!!! – Liza grita se segurando no banco do passageiro.

Elas estão há cem quilômetros por hora e o motor do Fiesta faz um barulho nada agradável.

- Estamos na contramão, Jean! – JV grita.

- Mamãe! – Liza berra do banco do passageiro ao lado de Cristina – Eu quero descer!

- Está tudo bem, querida, está tudo bem – não estava.

Eles se deparam com um sinal vermelho, Cristina o ultrapassa, Jean a segue.

- Sim... – Léo diz no celular com a emergência – Ela sequestrou a criança, por favor, precisamos de ajuda!

- Vocês têm que parar o carro! – a voz diz do outro lado da linha – Estou mandando duas viaturas ao local, mas vocês precisam parar com a perseguição antes que alguém se machuque!

- Pare o carro, Jean! – JV pede ao amigo que não escuta.

- JEAN, PARE O CARRO! – Aurora berra na orelha do irmão que não aparenta ouvi-la.

110km aponta o marcador de quilometragem no painel do Focus. Carros e motos buzina para Jean que dirige como um louco, assim como Cristina ao seu lado.

Eles começam a sair da cidade agora, na pista central que está livre por algum milagre, ou não (como viriam a descobrir mais tarde), Cristina assim como Jean acelera mais ainda.

- Pare o carro, Jean! – Aurora continua.

- Pai nosso que estais no céu... – Léo aperta as mãos de JV.

- TODO MUNDO CALE A BOCA! – Jean ordena.

- MEU DEUS! – Léo grita notando o que havia à frente.

- JEAN! – Aurora grita.

Cristina também se assusta ao notar porque a rodovia estava tranquila. O trânsito a frente está todo impedido devido a um acidente que ocorreu no sentido norte de São Paulo. Ela tenta frear, assim como o filho mais velho. O carro derrapa. JV e Léo mesmo utilizando o cinto de segurança sofrem um forte impacto para a frente assim que os freios são acionados. Jean perde o controle do volante, ele bate com a cabeça e desmaia. O carro desliza por alguns metros e acerta o carro de Cristina que derrapa até o monte de pedras na lateral da rodovia. Liza, que não usava cinto de segurança, atravessa o para-brisa com o final do impacto. Ela morre instantaneamente.

Sofia estava na sala do apartamento de Aurora, ela e Clara estavam desesperadas procurando por Liza quando o plantão do noticiário aparece na TV reportando o acidente na rodovia, Sofia reconhece o carro de Jean. Jonas abre a porta do apartamento em total estado de choque.

- São eles! – ele diz – Léo me enviou uma mensagem dizendo que Jean estava surtado e eles estavam correndo atrás de Cristina!

Eles encaram os destroços e a poça de sangue que mostra na TV.

Na rodovia, JV abre os olhos. Seu rosto está ensanguentado e ele sente um grande peso em seu tórax, era Léo.

- Léo? – JV o chama – LÉO!

- O QUE?! – Léo acorda – Meu Deus... – o rapaz diz pasmo, estava todo torto em cima de JV que tinha a testa sangrando.

- Você consegue se mexer? – JV pergunta.

- Sim, sim.

- ENTÃO SAI DE CIMA DE MIM, PORRA!

- Vocês estão bem? – um dos socorristas pergunta na janela do carro – Conseguem se mexer?

- Estamos bem! – JV responde – Mas não consigo sentir meu corpo! Léo saia de cima de mim, caramba!

Léo consegue sair do carro pela janela traseira que estava com o vidro todo esvaado, JV o segue.

- Estão machucados! – o socorrista continua – Fiquem aqui! – ele os senta no acostamento.

- Onde está a Aurora? – Léo pergunta.

- Meu Deus! – JV se espanta ao ver a situação do carro de Cristina.

O carro estava todo arrebentado, com a frente, a lateral e a traseira amassados. Perda total, eu acredito que um mecânico diria ao ver o automóvel. A mulher sangrava pela boca e pelo nariz, deitada no asfalto com um dos socorristas ao seu lado imobilizando seu pescoço.

- ONDE ESTÁ A AURORA? – Léo grita – AURORA!

Uma trilha de sangue se formava pelo gramado ao lado do acostamento. Havia um sapato perdido, era de Liza. Léo que consegue andar mancando com a perna esquerda ferida, ignora um dos médicos do SAMU que pedia para ele ficar parado. Ele segue a trilha que o leva até a tragédia.

Jean estava com Liza em seu colo, estava com os braços em volta do pescoço da irmã mais nova, da irmã que viu nascer, que cuidou e amou, e agora está morta em seus braços. Jean segurava o rosto de Liza apertado contra seu peito. Sua mão direita sangra abundantemente assim como Liza que tem o crânio amassado e destruído, seu rosto está desfigurado e essa é a cena responsável pelos pesadelos do irmão Padilha mais velho pelos próximos cinco anos. Muito sangue escorre pelas mãos de Jean. O casaco de Liza está sujo e seu braço, assim como suas pernas estão quebrados. Dois socorristas estão ao lado do rapaz pedindo para que ele solte Liza. Jean não conseguia parar de chorar, suas mãos tremiam e ele balançava a criança como se estivesse tentando fazê-la dormir, e o grito que ele solta a seguir não é nada humano e é como se todos ali sentissem sua dor. O suéter rosa salmão de Liza está com a pequena sereia banhada por sangue. Aurora estava em pé ao lado do irmão em completo estado de choque, ela e Jean usavam cinto de segurança e só tiveram ferimentos leves. Aurora não expressa nenhuma reação, seus olhos estão vermelhos e molhados. Ela foi a primeira a sair do carro pela janela ao seu lado e a correr até Liza no asfalto daquela tarde quente. Aurora berrou ardentemente ao se deparar com a irmã com o pequeno rosto desfigurado. A futura jovem promotora só consegue ficar ali, parada, em silêncio, quase catatônica.

- Achei que nunca mais ia conseguir respirar depois daquele dia... – Jean diz.

Estamos de volta no presente, na sala onde ele e Aurora conversam enquanto uma música animada de forró toca no salão de festas.

- Era para ela ser adolescente agora – ele continua. Jean está sentado em uma cadeira ao lado de uma cômoda. Está com os cotovelos apoiados nos joelhos e encara as próprias mãos. É como se pudesse rever todo o sangue de Liza novamente.

Aurora limpa os olhos das lágrimas que escorrem. Evitava mais do que tudo pensar naquele dia.

- Eu coloquei toda a minha raiva em você – Jean diz erguendo o rosto e a fitando – Eu coloquei toda a minha raiva na Sofia e na Clara... até culpei o Léo por ficar gritando na minha cabeça e pensei que talvez tivesse sido por isso que perdi o controle do volante. Mas... – ele suspira – Tudo isso foi só para esconder a dor de que eu era o verdadeiro culpado! E a verdade é que... tenho sorte por não ter mais sangue em minhas mãos.

- Do que está falando?! – Aurora se aproxima – Foi um acidente!

- Ela ia ganhar a tutela da Liza, Aurora! Eu sabia, você sabia! – ele a fita com os olhos vermelhos e molhados – Então...

- Então o que?!

- Eu hackeei o laboratório encarregado pelo exame toxicológico dela e mudei o resultado.

- VOCÊ O QUE?! – Aurora pergunta aos berros.

- Eu não podia suportar Liza morando com aquela mulher, Aurora! – Jean responde também exaltando-se – Você sabe o que ela nos fez passar!

- Ela estava sóbria?! Cristina estava sóbria?! – Aurora começa a andar de um lado para o outro com as duas mãos na cabeça como alguém prestes a surtar – Ela estava sóbria! E só estava tentando conseguir a filha dela de volta?! Meu Deus, Jean! – ela o encara com as mãos trêmulas e um filete de suor na testa – Eu... Eu matei uma mulher inocente!

25 de março de 2015.

Após os amigos serem socorridos, eles foram levados de ambulância para o hospital mais próximo. Léo precisou de curativos na perna, e foi atendido no corredor por uma das enfermeiras, JV se aproximou com o braço engessado. Ele abraça o amigo aliviado por não ter piores consequências.

Cristina foi retirada do local em estado grave, a mulher tinha vários ferimentos e uma hemorragia severa que precisou ser controlada através de cirurgia que durou em torno de uma hora e meia. Demoraria, mas ela provavelmente sobreviveria. Cristina estava em um quarto individual, entubada e algemada à maca. Aurora a observa do canto do quarto. Aurora não teve grandes lesões com o acidente, sua mão esquerda estava enfaixada e havia dois curativos em sua testa, mas a futura jovem promotora estava livre de grandes riscos, embora o pior ainda não tivesse passado. Ela suspirou encarando a mulher no leito. Analisando cada centímetro do rosto de Cristina e lembrando-se de todas as vezes em que Jean acordou no meio da noite ensopado de suor tendo pesadelos com os pais. Aurora lembrava-se de todas as vezes que ajudou Liza a se trocar para ir à escola, de todas as vezes que respondeu alguma pergunta embaraçosa, mas interessante que a pequena garotinha fazia constantemente, como quando a perguntou o que era luta de classes que o tio JV vivia falando sobre. Aurora se lembra de assistir a Jean contando histórias para Liza antes de ela dormir, se lembra do irmão imitando monstros e princesas ao lado da cama dela e a pequena Liza morrendo de rir. Se lembra dos brigadeiros de caneca que Liza adorava e começa a chorar como choraria daqui a três horas quando chegasse em casa e encontrasse uma dessas canecas ainda suja de brigadeiro. E então, ela se lembra que nunca mais passaria por nada disso por culpa da mulher sedada em sua frente. Os olhos verdes acinzentados estão direcionados e atentos a Cristina e começam a tonalizar com o vermelho na esclera por conta do choro dando a Aurora um olhar sombrio e devastador, o mesmo olhar que ela terá no final dessa trágica história que conto a vocês.

Aurora está a passos do leito agora e nem ao menos se lembra de caminhar até lá. A dor de nunca mais ver quem se ama, de nunca mais poder ouvir sua voz, sua risada. A dor de não ver Liza crescer para se tornar uma bela e forte mulher. Naquele momento, no instante em que Aurora percebe que dali para frente acordaria todos os dias sem Liza por culpa da mulher que Aurora acreditava (nesta época) estar sob influências de drogas. Aurora entende que aquela desgraçada nunca deixaria de ser uma viciada, e é aqui que toma a decisão que desmancha sua família de uma vez por todas.

Aurora já havia passado muito tempo em hospitais. Liza tinha uma condição de imunidade baixa que já havia feito à garotinha ter duas pneumonias em menos de um ano que a fez precisar de respiradores. Aurora sabia como eles funcionavam. Ela encara o respirador preso em Cristina. Se aproxima da porta e a fecha lentamente enquanto observa se havia alguém a caminho no corredor vazio. Aurora abaixa o volume da aparelhagem que fazia o acompanhamento dos sinais vitais da paciente entubada. A sala está silenciosa.

- Já chega de arruinar nossas vidas – Aurora diz e desliga os aparelhos da tomada.

Cristina começa a se debater e a sufocar com o tubo na garganta, Aurora segura um travesseiro no rosto da mulher abafando o som que ela fazia enquanto se debate na maca que balança com o peso de seu corpo. As mãos de Aurora estão firmes conforme ela exerce a força que precisa para manter o travesseiro cobrindo o rosto de Cristina. Depois de alguns segundos, Aurora pensa em desistir e chamar a enfermeira. Se pedisse ajuda agora talvez ainda conseguisse salvar a vida da mulher que deu à luz a Liza, mas..., mas aquela também era a mulher responsável por tirar a luz de Liza. Os olhos de Aurora se fecham e ela se concentra na escuridão conforme aperta os lábios ainda forçando o travesseiro no rosto de Cristina. Ela chora, mas não pela mulher que está matando. As batidas do corpo de Cristina começam a ficar mais lentas e então cessam por completo. Cristina está morta. Aurora suspira. Ela se afasta deixando ainda o travesseiro cobrindo o rosto dela. A porta se abre. Era Jean que rapidamente percebe o que diabos estava acontecendo ali. Seus olhos vão de Aurora para o travesseiro contra o rosto mobilizado de Cristina para os aparelhos desligados e de volta para Aurora. Ele entra no quarto rapidamente e fecha a porta encostando uma cadeira na maçaneta para que ninguém mais entrasse.

- O que você fez?! – pergunta exasperado se aproximando da irmã – O que foi que você fez, Aurora?!

De volta ao presente. Jean encara Aurora que está encostada a uma das cômodas, ela está de braços cruzados e mantém a cabeça baixa fitando o chão.

- Eu estava indo te contar que havia adulterado o resultado dos exames – Jean revela – Mas então me deparei com aquilo e sabia que se contasse a verdade só causaria mais danos.

A porta do quarto se abre, é Thabata que encara Aurora próxima a Jean e não reconhece o rapaz.

- Me desculpe... – diz se virando – Achei que aqui era o banheiro.

- É no final do corredor à esquerda – Jean responde.

- Está tudo bem? – Thabata pergunta encarando Aurora que não parece feliz.

- Estamos bem – ela responde encarando a mulher na porta que balança com a cabeça e deixa o quarto.

No salão da festa, os convidados dançam e se deliciam com o banquete e drinks especiais preparados pelo Buffet, o delegado Marco Aurélio Santos chega à festa cumprimentando alguns dos policiais que encontra. Marco não foi convidado e não estava usando nenhuma máscara, ele atravessa a multidão procurando por Aurora. O delegado havia

recebido a ligação da polícia carioca a respeito dos corpos na Serra da Bocaina e a presença da promotora do caso também havia sido solicitada pela polícia do estado vizinho.

- Não é aquele homem que trabalha com Aurora? – Jonas pergunta a JV que tenta sambar descoordenadamente.

-Olá, delegado! – um dos convidados diz.

- Mas que droga, ele é um delegado! – diz JV deixando a taça de champanhe em cima do balcão – Preciso avisar Aurora e Jean!

- É por isso que fez tudo aquilo...? – Aurora pergunta andando de um lado para o outro no quarto – É por isso que adulterou as filmagens do hospital e assumiu a culpa fugindo? Porque sabia que era responsável pelos resultados falsos de Cristina e talvez sem aqueles resultados, ela nunca teria sequestrado Liza!

- Se eu te dissesse a verdade, você iria à polícia e provavelmente seria presa por assassinato! Não importa o que te levou a matá-la, você ainda a matou! E isso teria arruinado sua carreira e eu... Eu não podia perder outra irmã, Aurora!

- Então decidiu mentir para mim e fugir para o outro lado do mundo ou para Deus sabe onde?!

- EU TE PROTEGI! – Jean responde aos berros – Estive em sua retaguarda todo esse tempo! Aceitei a culpa por um crime que eu não cometi e é assim que você me agradece?!

- ELA ESTAVA SÓBRIA, JEAN! – Aurora bate com a mão em cima da cômoda – CRISTINA ESTAVA SÓBRIA!

- Até que ela não estivesse mais e aí...? – Jean pergunta franzindo a testa – O que aconteceria com a Liza, hãh?! – se aproxima a encarando profundamente – O que aconteceria com ela se Cristina tivesse outra recaída?! Você sabe o que acontecia comigo! Eu não tenho arrependimentos, Aurora!

- O que está acontecendo aqui?! – Sofia pergunta entrando no quarto – Dá para ouvir os gritos lá de fora!

- Não deveria ter voltado! – Aurora diz encarando o irmão.

- Aurora, tem um delegado procurando por você! – JV diz da porta. Ele percebe o clima entre os irmãos que se encaram com desprezo – O que houve? – pergunta a Sofia ao seu lado.

- Com certeza foi um erro. – Jean responde se afastando.

Aurora deixa a sala.

Thabata estava saindo do banheiro no final do corredor quando a avista claramente chateada enquanto passa pelos amigos na porta. Thabata também passa por eles andando um pouco mais rápido para alcançar Aurora.

- Ei! – Thabata diz aproximando-se – Tem certeza de que está tudo bem?! – ela segura Aurora pelo braço – Quero dizer... Aquilo parecia a cena de um término dolorido.

- Ew! Que nojo! – Aurora a encara soltando-se – Aquele era o meu irmão! – responde avistando Marco de longe.

- Ah... Não sabia que tinha um irmão! – Thabata esboça um sorriso de alívio e encara Aurora que nem sequer a olha – Queria saber se podemos conversar?

- Licença, Thabata! Mas preciso ir – a promotora afasta-se indo ao encontro de Marco Aurélio.

- Sinto por arruinar sua noite – diz o delegado enquanto Aurora se aproxima – Mas preciso que venha comigo.

- O que houve?!

O Parque Nacional da Serra da Bocaina localiza-se na divisa entre os estados do Rio de Janeiro e São Paulo, na região Sudeste do Brasil. É um segmento da Serra do Mar. Foi criado por Decreto Federal em 1971, compreende uma área aproximada de cento e trinta e quatro mil hectares e possui uma expressiva biodiversidade. A criação do parque teve como objetivo a implantação de um escudo de vegetação nativa, nas escarpas da Serra do Mar como proteção de um eventual acidente nuclear nas usinas de Angra I e II. Apesar do fácil acesso, a parte onde os corpos foram enterrados está localizada bem no topo de uma das montanhas e para facilitar o trabalho da equipe forense, a polícia improvisou um campo de aterrissagem para que os legistas e investigadores fossem levados de helicóptero.

Aurora e o delegado Santos chegam ao local acompanhados por Phelipe que também precisou deixar o casamento por ser o detetive principal no caso do “sequestrador de órgãos”, como a mídia já estava o chamando.

Já são quase dez da noite, e num frio de ranger os dentes, Aurora usa a jaqueta do delegado emprestada. A promotora desce do helicóptero ainda no vestido azul bebê que Clara havia escolhido para as madrinhas.

O local é imenso. Aurora se lembra da Serra da Bocaina, já havia feito diversas viagens para lá com os amigos na época da faculdade. Postes de luz foram improvisados para iluminar o local energizados por geradores. As árvores no topo da montanha balançam com muita força devido a ventania naquela altitude. Cinquenta homens caminham pelos cadáveres, eles usam máscaras, luvas e roupas protetoras brancas para não alterar nada da cena do crime. É um verdadeiro cenário apocalíptico. Os peritos recolhem vestígios dos cadáveres, tiram fotos e examinam aqueles que ainda tinham unhas recolhendo traços de DNA. Examinam as cicatrizes, identificam o sexo e levam aqueles que tiveram o DNA e impressões digitais recolhidos para um segundo helicóptero usado para levar os cadáveres para o IML.

Aurora nunca viu nada como aquilo. Ninguém ali nunca viu nada como aquilo. Ela encara todas aquelas covas abertas e agarra a jaqueta de Marco Aurélio contra seu corpo. Sente o suor do nervosismo descer por suas costas, e engole em seco boquiaberta enquanto escuta tudo à sua volta. O cheiro é insuportável. Todas aquelas vidas tiradas por uma única pessoa. As mãos da jovem promotora estão geladas, assim como seu nariz que além de vermelho está sufocando com o cheiro da cova dos mortos. Os corpos estão alinhados. Era como se tivessem sido enterrados precisamente um ao lado do outro. Todos estavam nus, e em sua maioria eram jovens, garotas e crianças. O cheiro fica mais insuportável a cada instante.

- Quantos até agora? – Phelipe pergunta ao delegado carioca.

- Cinquenta e quatro.

Aurora vomita.

CAPÍTULO 16

Ele tirou seu coração.

- Tá tudo bem aí, Padilha? – o delegado Santos pergunta enquanto Aurora termina de vomitar.

Aurora o encara passando os dedos no canto da boca. Marco a oferece uma bala de menta que a promotora aceita sem hesitar.

- Deve ser o delegado Santos... – diz um homem baixinho usando terno e óculos se aproximando – Sou o delegado Marinho – ele estende a mão para um cumprimento – Estou encarregado da equipe forense.

- É um prazer – Marco responde – Já tem alguma ordem do governador?

- Ainda não, mas como sabemos que o caso se iniciou em São Paulo provavelmente a jurisdição será de vocês, espero que possamos trabalhar juntos – Marinho diz.

- Mas é claro!

Aurora mantém os olhos fixos em toda aquela morte e sua espinha está arrepiada, não seria humana se não estivesse. Dois peritos passam por ela carregando em uma maca um corpo que parece pertencer a uma criança.

- Espere! – ela diz – Quantos anos esse tinha?

- É difícil dizer pelo estado de decomposição, mas acreditamos que entre nove e dez anos – eles continuam caminhando em direção ao helicóptero que levaria a vítima para a autópsia.

Aurora tampa a boca com a mão esquerda sentindo o estômago embrulhar novamente. Acredito que este seja o momento em que ela começou a se arrepender por desejar um grande caso.

- Se controle, Padilha! – diz Marco Aurélio – Eu sei que isso é difícil, mas precisamos nos controlar. Entendido?

Aurora acena com a cabeça.

Um alto assobio vem da direção do final dos corpos que estão alinhados e continuam sendo desenterrados. Algumas lanternas são vistas piscando e balançando no alto.

- É o sinal para uma nova vítima – informa o delegado Marinho e eles caminham até o local.

- Temos algo que parece um carro aqui na lagoa! – grita um dos peritos.

A equipe utiliza uma espécie de guincho para retirar o carro da água. Conforme o veículo retorna a superfície, Aurora e os delegados caminham pelo cemitério em direção ao lago. Eles avistam o guincho que puxa um Honda Civic na cor prata. Aurora reconhece o modelo.

- É o carro do Alexandre! – ela diz – É o carro do Alexandre! – grita correndo até a lagoa.

- SENHORA, PRECISA SE AFASTAR! – um dos peritos ordena.

- AURORA! – Marco Aurélio grita trotando atrás dela.

- Alexandre! – Aurora diz em frente à janela do motorista que está aberta – Não, não, não, não! – ela chora abrindo a porta do carro que jorra água – Não, não, não, não! – sua teoria se torna realidade.

Dentro do carro está o corpo do velho delegado. Aurora chora ajoelhada na beira da lagoa.

- Senhora, precisa se afastar! – um dos peritos repete a erguendo pelo braço – Está contaminando a cena do crime!

- Meu Cristo redentor! – diz um perito que se aproxima vendo o corpo do delegado no banco do motorista. A camisa do falecido está com uma tonalidade escura e o corpo molhado e cinza tem a aparência de casca de laranja podre. O perito começa examinar o corpo e se levanta rapidamente assim que abre os botões da camisa do falecido.

- O que foi?! – Aurora pergunta vendo a reação assustadora do perito conforme é arrastada para fora da cena do crime – O QUE FOI?!

Ele encara os delegados que se aproximam.

- Ele tirou seu coração – responde – O assassino arrancou o coração dele!

Aurora desmaia.

CAPÍTULO 17

Um novo suspeito.

O que lhes mostrarei agora faz parte de uma das memórias de Aurora, a lembrança a seguir aconteceu na noite em que a jovem promotora e o velho delegado agora falecido investigavam as filmagens de segurança em busca pela Mercedes preta.

Já eram onze da noite e Aurora havia feito um pedido de comida japonesa usando um aplicativo de comida. Promotores normalmente não participam dessa parte da investigação, mas aquele era o primeiro caso de sua carreira e ela queria estar presente a cada passo que davam em busca do que a mídia agora chama de “o sequestrador de órgãos”. Alexandre tinha os óculos na ponta do nariz como sempre os usava, ele observava as filmagens no notebook.

- Não pode comer aqui – diz a Aurora que se aproxima comendo sushi pingando shoyu.
- Pare de ser um policial chato!
- Sabe... Você é bem sem educação para alguém que foi criada por um juiz.
- Sabe... Meu pai vivia me dizendo isso também! Vocês seriam ótimos amigos!
- Nós éramos! – o homem diz retirando os óculos e a encarando – Você nunca fala sobre ele.
- O que tem para falar?
- Seu pai foi um dos maiores juízes que esse país já viu! Ele foi responsável por sentenciar um político candidato à presidência da república a trinta anos de prisão por tráfico de drogas! Mesmo com toda a população contra ele! Mas é... – Alexandre bufa irônico – O que é que tem para falar?!

Aurora ajeita-se na cadeira. Ela engole em seco deixando à pequena bandeja de comida à mesa.

- Não nos dávamos bem... – responde – Meu pai sempre foi extremamente exigente, ele queria que eu fosse perfeita o tempo todo.
- É por isso que começou a responder as pessoas? Para desafiá-lo?
- Talvez... – ela sorri, nunca tinha parado para pensar nisso – Eu tentei por muito tempo agradá-lo. Quando ele e minha mãe decidiram adotar Jean e Liza, as coisas melhoraram e eu

percebi que quando ele estava perto deles, principalmente do meu irmão, era como se... Se eu nem existisse.

- Dramática! – o homem diz roubando um sushi.

- Eu fiquei feliz, na verdade! Ele finalmente parou de prestar atenção em mim, e eu pude ser eu mesma... Jean era excepcional, mesmo naquela época com qualquer tipo de tecnologia, celular, jogos...

- É... Eu já vi a ficha dele!

- E não importa o que ele fizesse, meu pai sempre o protegia. Teve uma vez quando estávamos no primeiro ano da faculdade, eu estava para reprovar em uma das matérias de direito penal e Jean hackeou o sistema para alterar a minha nota. Eu descobri, nós brigamos e meu pai ouviu a discussão. Quando ele entrou no quarto achei que ele iria matar o Jean, mas ao invés disso... Ele fez uma doação para a faculdade e nunca contou para ninguém – ela encara o delegado – Quando meu irmão pulou o segundo ano da faculdade indo direto para o terceiro, meu pai o presenteou com um trabalho na inteligência da polícia federal. E para mim? Ele me disse a mesma coisa de quando eu contei que queria ir para a faculdade de direito.

- O que?

- Que eu não era capaz... E que minhas notas caindo foi só mais uma prova disso.

- Isso é uma coisa horrível de se dizer! – Alexandre nunca tinha ouvido esse lado da personalidade do amigo – O que você respondeu para ele?

- Que eu não tinha tempo para discutir naquela hora, mas que o ligaria quando eu estivesse de boa na minha cadeira no Supremo Tribunal Federal.

Alexandre sorri.

De volta ao presente, Aurora desperta de um sono profundo. Ela está em seu apartamento, deitada em sua cama e vestindo pijamas. Ela encara as leves rachaduras no teto lembrando-se de apenas alguns detalhes da noite passada. A morte de Alexandre a atinge como um trem descarrilhado.

- Bom dia – diz Jean se aproximando, ele traz a caneca de café personalizada **NÃO TOQUE NESSA CANECA, SUJEITO A PROCESSO** e a entrega para Aurora.

- Pensei que estaria em um avião para Deus sabe onde agora – Aurora responde levantando-se. Ela ainda está pálida e sente um vazio interno que não sabe dizer se é fome ou trauma.

- Não podia deixar as coisas da maneira como deixamos – Jean responde sentando-se à beira da cama – Chegou em casa muito abalada ontem à noite – ele encara as olheiras que cercam os olhos de Aurora – Jonas me disse que está trabalhando no caso do sequestrador de órgãos, aconteceu alguma coisa?

- Cinquenta e quatro corpos aconteceram! – Aurora suspira lembrando-se que o corpo de Alexandre faz parte da contagem.

Ela se levanta indo para a frente do mesmo espelho onde sorria semanas atrás por seu primeiro dia de trabalho. Engole em seco vendo seu reflexo percebendo o quão diferente está agora. Também se lembra qual foi o último ato do falecido amigo.

- O galpão! – diz em tom de protesto fitando o irmão com os olhos verdes acinzentados possuídos por algo que Jean reconhece – Você ainda hackea as coisas?

- Do que precisa?!

Na sala do apartamento, Léo e JV assistem ao noticiário da manhã que fala sobre os corpos encontrados na Serra da Bocaina. A notícia choca o país e algo daquela magnitude jamais conseguiria ser escondido da mídia apesar dos esforços policiais. Os jornalistas informam não saber ao certo quantos corpos já foram desenterrados, mas especulam que a contagem já passou dos sessenta. Notícias sobre a relação do sequestrador de órgãos com o corpo do delegado Alexandre encontrado em meio às vítimas cai como uma bomba no meio do corpo policial, e o delegado geral informa que a transferência de Alexandre já estava programada e que o departamento estava realizando buscas pelo homem após seu misterioso desaparecimento.

- Mas que monte de merda! – diz Aurora saindo do quarto e ouvindo a notícia.

JV serve o café da manhã na mesa oval na pequena cozinha, ele mantém um pano de prato nos ombros e belisca torradas enquanto escuta o noticiário. Léo está de pé em frente a TV com os braços cruzados boquiaberto enquanto imagens feitas de um helicóptero mostram a magnitude do cemitério clandestino.

- Eu preciso correr para o trabalho! – diz Aurora já vestida com a roupa social.

O rosto da promotora também aparece na televisão com imagens do pronunciamento que havia feito há algumas semanas. “Eu vou te encontrar”, repete na notícia na TV com a manchete “**PROMESSAS VAZIAS:** promotoria criminal ainda não se pronunciou sobre cemitério clandestino do sequestrador de órgãos”. Aurora engole em seco.

- Vou ter o que me pediu à hora que voltar – informa Jean.

- Fiz o café da manhã – JV diz aproximando-se dos amigos – Não vai nem comer?

Léo já está na mesa comendo o bolo de laranja que o amigo tinha preparado. Eles o encaram com um pedaço gigante de bolo na boca.

- O que foi?! – ele pergunta cuspidando farelos.

- Vamos, Aurora! Vamos tomar café! – pede JV.

A porta se abre, é Jonas que entra correndo e ofegante.

- Gente, está um inferno de repórteres lá fora! – ele encara os amigos.

- Merda! – Aurora diz revirando os olhos e massageando as têmporas.

- Vamos! – diz JV – Vamos comer, você vai precisar de toda a força possível!

A família de amigos caminha até a mesa para o café da manhã.

- Faz tanto tempo desde a última vez que estivemos todos aqui – diz Jonas – Devíamos ligar no Facetime para Sofia – ele alcança o celular.

- Isso é maravilhoso, gente! – diz Aurora levantando-se – Mas o mundo lá fora está pegando fogo e eu realmente preciso ir para o trabalho.

- Bom, eu estava pensando em fazer costela para o jantar – diz JV.

- MARAVILHOSO! – exclama Léo que agora devora uma torrada – Eu trago o vinho!

Aurora afasta-se enquanto observa os amigos discutindo sobre o jantar, Léo dá a ideia de jogar UNO e Jean lembra de uma noite em que Leonardo e JV quase saíram no soco por conta do jogo.

- EU ESTAVA GANHANDO! – diz Léo.

- Você estava trapaceando! – JV o encara segurando a faca de passar manteiga.

- Não me faça te bater de novo, por que você sabe que eu vou!

Aurora pega as chaves e deixa o apartamento. Enquanto aguarda no corredor pelo elevador, a porta do apartamento de Thabata se abre. Ela solta um sorriso ao ver Aurora que não entende o porquê da contente reação da vizinha que se aproxima.

- Bom dia – Thabata diz estranhamente entusiasmada. O sorriso em seu rosto dá a impressão de que ela ainda não ligou a TV naquela manhã.

- Bom dia – Aurora responde sem entender a expressão.

- Então... Devíamos falar sobre ontem à noite?

A memória de Aurora ainda está bagunçada, provavelmente por conta dos drinks que havia tomado na festa de casamento e o desmaio que teve após o encontro nada romântico com o cadáver de Alexandre. A noite passada para ela é um grande borrão e ao ouvir aquela pergunta, a relaciona com a cena do crime e não quer de forma alguma falar sobre aquilo, especialmente com Thabata.

- Me desculpe, mas eu não posso conversar com você a respeito de uma investigação em andamento – responde.

- Do que está falando?! – Thabata a pergunta franzindo a sobrancelha.

Aurora a encara.

- Do que você está falando?!

O elevador chega ao andar.

- De nós! – Thabata responde.

- Me desculpe, mas eu preciso ir trabalhar! – responde enquanto a porta se fecha.

“De nós” Aurora pensa enquanto o elevador desce até a garagem “Do que diabos ela estava falando?!”.

A garagem do subsolo do prédio cor marrom argila tem a saída para o quarteirão lateral. Ela dá ré no carro e deixa a garagem vendo os repórteres de costas para a porta de entrada do prédio, atentos à movimentação. Um deles, que estava fumando um cigarro ao lado da garagem, a viu e a reconheceu pegando a câmera imediatamente para tirar uma foto. Logo a multidão de jornalistas começa a correr atrás do carro de Aurora que sai cantando pneu. Os amigos observam da janela do apartamento.

Depois de trinta e cinco minutos, Aurora chega até o prédio do Ministério Público que está simplesmente caótico. O andar da promotoria criminal está abarrotado de peritos e investigadores. Ela suspira passando pela multidão e indo até a sala de Marco Aurélio que finaliza uma reunião de vídeo conferência com o governador que ordena a montagem de uma força tarefa para o caso. Aurora abre a porta encarando o delegado que não parece nada contente.

- Bom dia, bela adormecida – ele diz – Está se sentindo melhor?

- Me desculpe por aquilo.

- Peça desculpa a Phelipe e aos peritos cariocas que precisaram te carregar até o helicóptero – ele se levanta – Bom, a contagem dos corpos finalmente terminou.

- Quantos?

- Oitenta e dois.

- Jesus! – Aurora senta-se abaixando a cabeça.

- Até agora apenas trinta passaram pela autópsia e todos eles, como imaginávamos, estão com “algo faltando”.

- Alguém já intimou o André Marconi?

- Não pode estar falando sério! – o delegado diz com as mãos no quadril.

- O que?! O último ato do Alexandre enquanto vivo foi investigar o galpão daquele homem e depois ele desapareceu! E agora está morto com a merda do coração arrancado! Precisa intimar o André! Ou quer que eu entre em contato com um juiz?

- Tem oitenta e dois malditos corpos mortos lá embaixo e você realmente acha que André Marconi, um homem que ganha à vida cozinhando e vendendo livros de receita é responsável por eles?! Nenhum juiz vai assinar uma intimação para Marconi, Aurora! Vê se acorda! Mas ei?! Talvez possamos ir lá fora e perguntá-lo “você assassinou oitenta e duas pessoas?”.

- Não seja passivo-agressivo comigo!

- Temos a oportunidade, ele está logo ali fora!

Aurora avista André pela janela da sala do delegado. A celebridade serve, ao lado de alguns de seus funcionários, pratos com petiscos para os policiais e para os peritos enquanto agradece por seu trabalho.

- Por que essa porra de homem está sempre por aqui?! – Aurora diz levantando-se.

- Não comece, Aurora!

A mulher sai da sala ajeitando a jaqueta do terno preto social. Ela caminha até André que desta vez não exhibe o sorriso insolente no rosto. Ele parece triste e vestido de preto cumprimenta todos os policiais de luto pela morte do antigo delegado.

- Sinto muito por sua perda – diz André enquanto entrega um pedaço de torta a um perito.

Aurora o encara com desprezo. André a avista e então ergue as sobrancelhas contente, como se carregasse a notícia de que ela ganhou na Mega Sena.

- Graças a Deus! – diz indo até Aurora, ele tem uma pasta na mão – Eu estava procurando por você.

- Ah, é mesmo?! – Aurora pergunta cruzando os braços.

- Sim! – ele puxa a promotora até um canto afastado – Depois daquele dia que conversamos, eu fui até minha terapeuta e ela me repreendeu pela forma como te tratei – André diz com os olhos sinceros – Ela disse que você estava apenas fazendo seu trabalho e que embora a sua atitude de roubar a minha escritura foi errada não era roubando de volta que eu iria consertar isso... E quando me disse a respeito do desaparecimento de Alexandre, eu fiquei realmente preocupado! – continua André que fala baixo quase cochichando – E como pedidos de desculpas, quero te entregar isso... – ele entrega a pasta.

- O que é isso?

- Eu não sou uma pessoa desconfiada dos outros, Aurora. E quando vendo meus imóveis não fico investigando quem está interessado neles, só vendo para quem tem a melhor oferta e em relação ao galpão, a melhor oferta era do Paulo.

- Quem é Paulo?

- O homem para quem vendi o galpão – André explica – Enfim, como eu te disse, Paulo já estava fazendo uso do galpão antes de oficializarmos a venda porque ele me disse que tinha um carregamento de carros novos chegando e sua outra oficina estava lotada, então eu o deixei

usar o lugar enquanto ainda acertamos os últimos detalhes. Quando você me disse que Alexandre havia desaparecido depois de ter ido até lá, eu resolvi investigá-lo e descobri isso – ele abre a pasta que Aurora segura e na primeira página há uma foto do mecânico de uma das vezes que ele foi fichado na polícia – A ficha dele é gigantesca! Assalto, porte de armas e... – André passa para a última página.

- Meu Deus! – Aurora arregala os olhos.

- A última vez que ele foi preso foi porque matou o gato da vizinha que vivia indo na casa dele comer as amoras da sua árvore e...

- Ele tirou as tripas do animal e deixou na porta da vizinha – completa Aurora enquanto lê a ficha do homem.

- Se eu soubesse disso antes jamais teria vendido aquele galpão para ele e... – André engole em seco – Eu achei isso muito bizarro! Mas aparentemente ele está envolvido com pessoas poderosas que sempre pagam suas fianças e sua equipe de advogados, e por isso ele está solto. Mas ele parecia um cara normal para mim, sabe?! Eu nunca deveria ter vendido para ele! Nunca, nunca, nunca! – André começa a repetir agitado – Eu coloquei um monte de gente em risco, eu sou tão idiota! – o homem bate com a mão na cabeça – Idiota, idiota!

- PARE! – Aurora segura à mão do enlouquecido – Está me assustando!

- Me perdoe!

- Como descobriu tudo isso?

- Deve se perguntar por que estou aqui o tempo todo, não é? – pergunta André como se lesse a mente de Aurora – Meu pai era policial – revela. Seus olhos brilham agora, como se as memórias doessem de certa forma – Quer dizer, meu pai adotivo... Ele salvou a minha vida e... Passei muito tempo em lugares como esse quando eu era pequeno, e sei da importância do trabalho destas pessoas para a sociedade, é por isso que gosto de me envolver, sabe? – ele encara Aurora que tem os olhos direcionados a ficha de Paulo – Então agora que sei que talvez por minha culpa um delegado se machucou, eu... Eu não sei o que fazer, Aurora! Só quero poder ajudar e te pedir desculpas novamente pelo mal-entendido com a escritura. E se tiver qualquer coisa que precise, eu me prontifico a ajudar! – ele toca levemente no ombro direito de Aurora, ela pode sentir o perfume dele e o hálito de menta – Sinto que começamos com o pé esquerdo por um ciúme idiota que senti com a Thabata...

“Thabata” o nome da mulher ecoa na mente de Aurora que finalmente se lembra da noite anterior. Dentre alguns flashes de sua memória, Aurora se lembra de chegar a seu prédio.

Thabata retirava o lixo e Aurora chorava desesperada sem conseguir esquecer a imagem de Alexandre morto e enrugado dentro do carro com os lábios e a pele roxa e gelada. As memórias da morte de Cristina e da morte de Liza trazidas à tona com o reencontro com Jean e todo aquele trauma em um dia só. Thabata se aproximou dizendo alguma coisa que Aurora não consegue recordar. Aurora se lembra de estar ofegante, zozza e tendo um ataque de pânico. Aurora sente que desmaiaria novamente quando se encostou à parede procurando por apoio tentando recuperar o fôlego. Thabata continuou dizendo alguma coisa que Aurora não conseguia ouvir, ela sentia uma pressão gigantesca no ouvido e o ar tão denso como se fosse palpável. Thabata gritava pelo nome de Aurora que continuava ofegante buscando por ar. Thabata então segurou seu rosto fortemente com as duas mãos e a beijou.

- E minha esposa é livre, sei que vocês são só amigas... – continua André falando sem perceber que atenção de Aurora não estava em nenhuma de suas palavras – Certo?! – ele a encara e então nota a expressão no rosto dela que parece com a de alguém que havia deixado o gás ligado em casa e acabará de se lembrar – Aurora?! Está tudo bem?

- Sim! – a mulher responde finalmente retornando ao presente – Estou bem!

- Então... Se precisar de alguma coisa pode me ligar... Meu número está na última página – ele sorri – Meus pêsames pela sua perda. Te vejo por aí – o homem dá as costas.

“Merda” pensa Aurora “Mas que merda!”.

CAPÍTULO 18

O que afinal você quer de mim?

Aurora caminha até a sala de Marco Aurélio segurando a pasta que André a entregou na mão direita. A mão esquerda elevada à cabeça enquanto pensa no que diabos estava acontecendo. “Era sobre isso que Thabata queria falar”, pensa.

- Então... – o delegado a encara com um olhar irônico – Ele confessou?!

Aurora joga o arquivo em cima da mesa do delegado.

- Que porra é essa?! – ele pergunta folheando as páginas.

- É o homem para quem André vendeu o galpão – Aurora responde andando de um lado para o outro no carpete do escritório.

- Meu Deus, que dó desse gato!

- Ele disse que o homem já estava fazendo uso do galpão antes de terminarem com a papelada e que ele não sabia dessa ficha.

- Vou falar com o juiz e pegar um mandado para trazê-lo aqui. Está tudo bem? Você está suando!

- Me ligue quando ele estiver aqui – Aurora deixa a sala.

- Onde você... – ele não termina a frase vendo que Aurora já se foi.

No apartamento no bairro Pinheiros, Léo está em seu dia de folga e decidiu passar a tarde ao lado de Jean. Eles jogam xadrez, algo que costumavam fazer bastante quando eram mais jovens e Jean não era um fugitivo. Léo é excelente no jogo e Jean tinha como objetivo um dia vencê-lo.

- Seu tempo está acabando... – comenta Léo analisando o tabuleiro.

- Estou pensando, aceleradinho! – Jean responde com a mão direita apoiando o queixo. Ele move uma peça e reinicia o relógio de xadrez, um bem parecido com o profissional que Léo achou na 25 de março por apenas R\$10,00 – Então... Como estão as coisas com sua mãe?

- Está tentando me distrair, seu miserável?

- Claro que não! – Jean sorri, ele se lembra agora do quanto sentia falta dos exageros do amigo – É só que me lembro de que antes de eu ir embora vocês não estavam se dando bem.

Léo move seu bispo comendo dois peões de Jean e reinicia o relógio.

- Bom, continua tudo na mesma... Mas pelo menos ela parou de tentar me curar.

- Te curar do que?!

Léo apenas o encara em silêncio com a sobrancelha esquerda erguida.

- Ah! – Jean entende – Não consigo imaginar como isso deve fazer você se sentir, e continuo achando que você não deve continuar morando naquela casa.

- Ela está entrando para a política agora, acredita?! – Léo o encara – Mais uma representante para a bancada evangélica.

- Por que não sai de lá?

- Eu não posso deixá-la sozinha – responde Léo encarando o tabuleiro – Ela mudou muito depois que meu pai morreu. É como se ela tivesse perdido uma parte de sua identidade e agora se escora na igreja como se Deus fosse a solução para esse problema.

- Não era para ser?

- Ah, me poupe! Olha para o mundo, Jean! Pense sobre tudo que já passamos. Pense sobre Liza morrendo naquele asfalto, pense sobre o caso do assassino que Aurora está investigando, todas aquelas crianças mortas! Pense sobre as guerras e sobre a fome! Você realmente acredita que tem alguém lá em cima olhando por nós?

- Não, mas... Eu acho que é por isso que as pessoas estão aqui! – ele encara o amigo cético – Para que possamos olhar um pelo outro e é exatamente o que está fazendo pela sua mãe quando se recusa a deixá-la naquela casa sozinha.

- Oh! Olha só... – Léo o encara com um sorriso se gabando – Alguém está em xeque!

No corredor do prédio, Aurora respira fundo na frente da porta do apartamento de Thabata. Suas mãos tremem, e sua intuição (aquela que está supostamente sempre certa) grita em sua mente pedindo para que ela não faça isso, mesmo assim, Aurora bate à porta.

- Ei – diz Thabata ao atendê-la.

- Posso entrar?

- Claro! – Thabata abre a porta. Ela encara Aurora que fica parada no meio da sala com os braços cruzados e o cenho franzido – Você precisa de alguma coisa?

- O que você quer de mim?! – Aurora pergunta – Sério?! Eu não consigo entender!

- Aceita uma taça de vinho?

- Não, obrigada. Não temos um bom histórico com vinho.

- Bom... Se vamos ter essa conversa, eu preciso de uma! – Thabata vai até a geladeira onde já tinha uma garrafa aberta, ela bebe da própria garrafa enquanto retorna para a sala.

- Então... – Aurora a encara.

- Então...

- Meu Deus do céu! Apenas responda a minha pergunta! – Aurora toma a garrafa das mãos de Thabata.

- Eu não sei! Eu não sei o que te falar! – Thabata a encara – É só que depois daquela noite na sua casa em que nos conhecemos e conversamos a noite toda, e teve aquela vez que nos beijamos aqui...

- Você que me beijou! – Aurora corrige.

- Enfim... – Thabata a encara – Precisa mesmo que eu fale?!

- Você é casada com um homem!

- Pessoas bissexuais existem, Aurora! E estou me separando de um homem! Pelo menos estou tentando...

- Não pode me meter no meio da bagunça do seu casamento, Thabata.

- Nem eu quero estar na bagunça do meu casamento, Aurora! – responde jogando-se no sofá – Mas... Eu meio que me esqueço de tudo quando estou com você.

Aurora permanece em silêncio encarando os olhos pretos de Thabata. Elas se encaram por alguns instantes e é como se estivessem ali por horas. Thabata se levanta indo até ela.

- Mas se me disser que não sente o mesmo... – Thabata segura à mão direita de Aurora que usa a esquerda para levar a garrafa de vinho até a boca – Eu nunca mais falarei disso novamente!

Aurora termina o gole e comete o que seria no futuro o pior erro de sua vida. A jovem promotora beija Thabata. A garrafa de vinho cai no chão, elas não se importam e continuam o beijo. Thabata retira a jaqueta de Aurora também jogando no chão. Aurora beija o pescoço de Thabata que a leva para o quarto.

Longe do adultério. O detetive Phelipe ao lado de mais três policiais vão até o galpão que pertence ao suspeito Paulo, o mesmo galpão onde Alexandre teve seu encontro fatal com o assassino. Os policiais estão vestidos com colete à prova de balas e se dividem cercando o local. Já haviam tentado ir até o endereço do homem, mas lá encontraram apenas uma senhora que se identificou como sua avó e disse que o neto estava trabalhando na nova oficina. Phelipe faz sinal para a equipe avançar. Ele é o primeiro na linha de frente e olhando para uma das brechas percebe que há movimentação no interior do galpão. Há uma música Rock 'n' Roll tocando alto e Phelipe faz sinal para que os homens invadam o local. Phelipe adentra o galpão já com voz de prisão, o homem estava embaixo de um dos carros fazendo seu suposto trabalho. Ele desliza para fora vendo a polícia.

- Senhor Paulo Fernandes... – diz Phelipe aproximando-se – Precisa vir comigo até a delegacia! – ele joga no chão o mandado assinado por um juiz – Podemos contar com sua colaboração ou precisaremos te algemar?

Paulo permanece em silêncio enquanto limpa as mãos de graxa.

- Posso saber do que isso se trata? – pergunta.

- Terá mais detalhes quando chegarmos à delegacia. Você tem o direito de chamar o seu advogado, se quiser. E se permite um conselho, deveria!

Algumas horas se passam, já são quase seis da tarde quando Aurora dá os oito passos em sua curta caminhada da vergonha do apartamento de Thabata (que dorme um sono profundo) até o seu. A jovem promotora abre a porta deparando-se com os amigos. JV está na cozinha fazendo o jantar com a ajuda de Jonas. Léo e Jean jogam uma nova partida de xadrez. Aurora permanece parada à porta com a jaqueta em sua mão.

- TERRA PARA PADILHA! – diz JV gritando da pia onde tempera as costelas que fará para o jantar – Viu um espírito lá fora?

- Não brinca com isso! – diz Jonas acertando o amigo com um pano de prato – Sabe que eu tenho medo!

-Aconteceu alguma coisa? – pergunta Jean tirando os olhos do tabuleiro e encarando a irmã.

- Não, está tudo... Perfeitamente perfeito! – de cabeça baixa ela vai para seu quarto.

Os amigos a encaram. Jean se afasta da partida e segue a irmã.

- Então decidi trair o movimento dos engravatados – diz apontando para a roupa amassada e desajeitada de Aurora.

- Eu não traí ninguém! Eu não tenho um compromisso sério com ninguém para ter traído!

- Mas gente! – Jean não entende – Estava só fazendo uma brincadeira! – ele senta-se a poltrona no canto da janela – Terminei o que me pediu – diz apontando para um pen drive em cima da cama – Aí tem tudo o que precisa saber sobre André Marconi.

- Ah! – Aurora se lembra do pedido que havia feito naquela manhã – Muito obrigada, mas não precisava ter perdido seu tempo com isso, eu sinto que... Não o julguei corretamente.

- Por que sua intuição e senso crítico estão atrapalhados por conta do amor que sente pela esposa dele?

Aurora arregala os olhos encarando o irmão que gargalha com a reação.

- Léo me contou – ele revela.

- Ah... então foi isso que fizeram a tarde inteira? Ficaram fofocando?!

- Óbvio! – Jean sorri – Mas sério... Tem alguma coisa acontecendo entre vocês duas?

- Eu não quero falar sobre isso.

- Então a resposta é sim! – o irmão mais velho responde levantando-se – De qualquer forma, pode ficar com o pen drive caso precise de alguma informação para manchar a reputação de André com sua amada.

- Ela não é minha amada.

- Quis dizer que era a dele, mas nossa... O coração tá batendo forte, hein?

- Sai daqui!

- É brincadeira! – ele diz rindo – Mas sério, tem fotos engraçadíssimas dele pequeno em Birigui.

- Birigui?

- É a cidade natal dele. Quem diria que alguém nascido no fim do mundo seria um dos cozinheiros mais famosos do país, bom... Reynaldo Gianecchini também é de lá então...

O telefone de Aurora toca, é uma mensagem do delegado Marco Aurélio a informando sobre a prisão de Paulo.

- Obrigada, mas eu realmente acho que não vou precisar disso – ela responde enquanto manda uma mensagem de volta para Marco – Preciso voltar para o trabalho! A equipe está com um suspeito.

- Vai estar de volta para o jantar? Porque... – Jean engole em seco – Meu avião sai as dez.

- Mas já?!

- Bom, não é como se estivesse tirando férias com os amigos. Já passei tempo demais por aqui, Aurora!

- Estarei aqui! – ela diz abraçando o irmão – Preciso muito ir!

Na delegacia, Marco Aurélio conduz o interrogatório ao lado do detetive Phelipe.

- Então, Paulo... – diz Phelipe encostado na parede com os braços cruzados encarando o suspeito – Você estripa só gatos ou gosta de fazer isso com pessoas também?

CAPÍTULO 19

Mas que bela reunião de família,
posso participar?

Aurora acompanha através do espelho espião da sala de interrogatórios o depoimento do suspeito que alegava ter um álibi para o dia do desaparecimento de Alexandre. Phelipe não acredita e permanece na sala fazendo perguntas enquanto Marco Aurélio retira-se para pedir a alguns sargentos que verifiquem o álibi do homem que dizia estar com seu agente da condicional o dia todo. O delegado entra na sala ficando ao lado de Aurora.

- Onde está o advogado dele? – ela pergunta.

- Disse que está no caminho, mas ele não se importou em responder nada do que perguntamos – Marco se serve de um pouco de café de uma garrafa térmica disposta na sala para os policiais e promotores – Preciso ser sincero... – ele assopra a bebida – Acho que ele diz a verdade.

- Vamos esperar esse tal de agente depor e depois tiramos nossa conclusão. O que ele disse a respeito do gato?

- Foi um incidente que ocorreu há três anos. Ele disse que foi a última vez que foi preso, pois foi quando percebeu que precisava sair da rotina de viciado e ajeitar a vida.

- Acredita nisso?

- O histórico dele está limpo depois do incidente do gato! – responde Marco Aurélio balançando com os ombros como quem não tem dúvidas – Ele até conseguiu sair mais cedo por bom comportamento e disse que tem comprovantes das reuniões de reabilitação que continua comparecendo. Estamos de volta à estaca zero ou podemos prender André Marconi? – o delegado tenta provocar alguma reação em Aurora que parece não ter ouvido uma palavra que o homem acabara de dizer.

- Eu tenho um compromisso importante agora – diz ela afastando-se – Me ligue se algo mudar.

Enquanto dirige de volta para casa, Aurora pensa no que o irmão havia dito a respeito de seus sentimentos por Thabata estarem atrapalhando seu discernimento sobre André, “e se for verdade?” ela teme. Passou esse tempo todo focada em um homem aleatório que talvez possa ter

perdido algum detalhe realmente relevante sobre o caso que poderia levá-la até o verdadeiro assassino.

No apartamento, Leonardo e JV argumentam sobre qual música iriam ouvir. Jonas termina de temperar a salada de rúcula com tomate e Jean sai do banho secando o cabelo e pensando no quanto sentia a falta da convivência com os amigos. Já são quase oito da noite e enquanto Jonas leva a vasilha com a salada para mesa, Aurora chega deixando a jaqueta nos pinos atrás da porta.

- Queria que Sofia estivesse aqui – diz Léo colocando as taças na mesa.

- Sofia deve estar pelada bebendo em Fernando de Noronha, eu quem queria estar com ela – responde JV.

Jonas balança a cabeça concordando assim como Jean e Aurora. Eles se servem de vinho e sentam-se à mesa para jantar.

- Então... – diz Léo enquanto serve-se da deliciosa costelinha assada – Não pode mesmo nos dizer onde está morando? – pergunta encarando Jean a seu lado.

- Léo, saber disso nos fará cúmplices! – JV diz.

- É por que dê certo ele jantando aqui com a gente já não nos faz cúmplices, não é? – Léo o encara.

Jean quase cospe o vinho que toma e sorrindo respira fundo.

- Não posso lhes contar, mas saiba disso, você iria amar!

- É um lugar que a Britney já fez show?! – Léo pergunta.

Jonas encara o amigo não entendendo o sentido da pergunta, ele sorri e aproveita o momento para tirar uma foto espontânea dos amigos com o celular.

Foram quase duas horas de risadas e lembranças de quando eram mais jovens. A comida de JV estava deliciosa, como sempre, embora Léo ainda insistisse que podia ter mais pimenta. Para a sobremesa, Léo havia comprado uma torta de limão que Jonas comeu três pedaços. Faltam trinta minutos para às dez e é hora de irem para o aeroporto levar Jean que tem o cabelo preto escondido por um boné. E também usa óculos de grau falso.

- Clark Kent ligou, ele quer o disfarce de volta! – diz JV no corredor indo até o elevador.

- É por isso que você está carregando a minha mala mais pesada – responde Jean passando pelo amigo e entrando no elevador.

Aurora sorri mantendo as portas abertas enquanto o restante do grupo se ajeita. A porta do apartamento de Thabata se abre com a moça encarando Aurora. Ela faz um gesto com a mão pedindo para que Aurora fosse até ela. “Mais tarde” Aurora responde também fazendo um gesto.

Eles passam pelo saguão que ainda não tem um porteiro e vão até a garagem. JV abre o porta-malas do carro colocando as malas de Jean lá dentro. Eles se confortam no banco de trás do Toyota Corolla 2018 e Aurora vai dirigindo com Jean a seu lado.

O aeroporto fica a dez minutos do prédio e àquela hora o trânsito está bem menos sobrecarregado, o que os leva rapidamente a seu destino. Jean dá dois passos à frente dos amigos assim que chegam até os portões de embarque. Faltam quinze minutos para seu voo decolar. Ele observa cada um dos seus melhores amigos de infância e seus olhos enchem-se de lágrimas. A próxima vez que Jean estiver de volta à capital, um de seus amigos estará morto, e nada além de caos seguirá após isso.

- Não consigo – diz JV com a cabeça baixa – Apenas... – ele dá um rápido abraço no velho amigo – Não se esqueça de nós! E ligue com mais frequência! – JV se afasta.

Léo já está se afogando nas próprias lágrimas. Jonas se aproxima de Jean, aperta a mão do amigo e o abraça fortemente em seguida.

- Eu amo você! Por favor, não desapareça por mais cinco anos! – diz.

- Eu amo você também, Jô! – diz Jean.

- Quando estiver pronto para nos dizer onde está, iremos fazer uma visita! – Jonas sorri dando um último abraço no amigo e também se afasta para perto de JV que tenta disfarçar as lágrimas.

- É o melhor rival que eu poderia pedir no xadrez! – diz Léo abraçando Jean e molhando sua jaqueta com as lágrimas.

- Ainda precisamos terminar aquela última partida – responde Jean que também chora.

- Vou deixar lá para a próxima vez que vier! – Léo dá um beijo no rosto do amigo e se junta aos outros.

Aurora respira fundo e é a única que não chora.

- Pelo menos conseguimos nos despedir desta vez – ela diz com as mãos no bolso da calça jeans.

- Eu devia ter te contado antes – Jean diz – Sobre a Cristina...

- Não vamos falar sobre isso! Nada que dissermos vai mudar o que aconteceu – ela se aproxima ajeitando o boné do irmão e tocando em seu rosto como se tentasse memorizar cada detalhe dele – Só estou feliz por podermos passar esses dias juntos.

- Eu também – ele diz abraçando a irmã – Sabe onde me encontrar se precisar hackear outro pretendente da sua amada.

- Cala a boca!

- Obrigado por continuar sendo minha irmã! – Jean sorri, ele ajeita a mochila nas costas e segura a maior mala de rodinhas – Boa sorte no seu grande primeiro caso! Tenho certeza de que será tão triunfante assim como nosso pai!

- Ou melhor! – Aurora sorri.

Eles se encaram em silêncio por alguns instantes sem saber que a próxima vez que se verem as condições seriam para lá de desesperadoras e sangrentas.

Jean suspira, dá uma última olhada nos amigos que acenam de longe e então engolindo a seco, dá as costas. Aurora permanece ali, apenas o assistindo ir embora. Ela se vira vendo o restante de sua família de amigos e corre para eles.

Na delegacia, Phelipe assina os papéis de liberação do até então suspeito Paulo, seu agente da condicional, Sérgio, estava presente e trouxe consigo as filmagens de seu escritório no presídio que ficava a quase três horas de distância do galpão. Nas filmagens, aparecem ele e Paulo assinando os papéis do acompanhamento da condicional no dia do desaparecimento do falecido delegado. A investigação está de volta à estaca zero.

Após deixar Jonas em sua casa e Léo também. Aurora e JV retornam para o prédio. Aurora tranca o carro enquanto o amigo caminha para o saguão e percebe uma encomenda que estava na caixa de correio correspondente ao apartamento deles.

- Que estranho... – diz pegando a caixinha – Isso não estava aqui à hora que saímos! É por isso que amo o Mercado Livre, entrega a qualquer dia e a qualquer hora – ele balança a pequena embalagem de isopor cinza que tinha uma etiqueta indicando que o destinatário era Aurora Padilha no apartamento 21 – Chegou para você – JV diz – O que comprou dessa vez?

Aurora também balança a embalagem não conseguindo reconhecer o som do conteúdo no interior.

- Deve ser as capinhas de silicone que comprei na semana passada.

Eles saem do elevador. Aurora lembra-se do prometido a Thabata e pensa em ir até lá quando seu celular toca. JV abriu a porta e disse alguma coisa a Aurora que não prestou atenção, pois está em choque encarando a notificação de número desconhecido na tela do celular. Aurora tem a mesma sensação alarmante seguida pelo arrepio na espinha que teve no dia em que recebeu o suéter de Liza. Ela ouve JV dando boa noite, mas sua voz parece distante como se estivesse no fundo de um túnel. Ele entra para o quarto fechando a porta. Aurora permanece encarando o celular que vibra com **NÚMERO DESCONHECIDO** brilhando na tela. Ela põe a encomenda em cima da mesa e tranca a porta. Aurora atende à ligação.

- Alô?

- Olá, *Aurora*... – é a mesma voz distorcida.

A jovem promotora respira fundo. Seu corpo inteiro está arrepiado, as luzes estão apagadas e o apartamento está iluminado apenas com a luz do luar que entra pela grande janela na sala. Ela acende um dos interruptores percebendo que não queria ficar sozinha no escuro nem mesmo com sua própria sombra.

- Achei que tivesse se esquecido de mim... – ela responde brincando com a morte, suas mãos estão suadas.

- Poderia dizer a mesma coisa já que nem me convidou para a sua reunião familiar, mande minhas lembranças a Jean.

Aurora engole em seco. Seu coração dispara. “Como diabos ele sabe disso?”.

- Espero que não tenha estragado muito o vestido quando entrou na água para encontrar Alexandre – a voz continua.

Aurora sente o coração pulsando no ouvido.

- O gato comeu sua língua, *Aurora*?! – o assassino continua – Está bem menos falante do que a última vez que conversamos... O que foi? Está assustada ao perceber que eu continuo sabendo muito mais sobre você do que você sobre mim? – uma pausa, aquele som pesado de respiração possui a ligação – Mas eu entendo... Passar muitos dias com a família pode ser cansativo. De qualquer forma, espero que goste do presente que deixei para você.

Aurora encara a embalagem em cima da mesa.

- Está um pouco atrasado da data que prometi. Mas, é sincero... – há aquele som de respiração novamente e Aurora sente que ele está sorrindo – Do fundo do meu coração!

“Chamada encerrada” aparece no visor do celular e a tela apaga.

Aurora está em estado de choque. Suas mãos estão trêmulas e ela sente um filete de suor escorrer nas costas. Ela engole em seco pensando em qual será o horror que sairá de dentro daquela caixinha de papelão. Conforme se aproxima da mesa de jantar, onde há pouco sorria e contava histórias sobre o tempo do ensino médio, ela pensa em chamar a polícia. Mas como sabemos, Aurora também tem segredos que não pode arriscar serem revelados. Ela alcança o estilete que JV deixava no balcão da cozinha para abrir encomendas do correio e começa a cortar a fita que isola a caixa. A saliva desce rasgando a garganta seca. Aurora abre a caixa. “MAS QUE MERDA!” ela berra e se afasta da mesa.

CAPÍTULO 20

A primeira vítima.

Dentro da caixa há um coração humano. O órgão tem sangue coagulado ao lado, está roxo esbranquiçado e com uma aparência e cheiro de decomposição. Aurora ouve o estômago embrulhar e se afasta para vomitar na pia da cozinha. Ela sente como se encarasse um profundo abismo que a encara de volta com a escuridão preparada para devorá-la.

Quarenta minutos depois, após conseguir se desvencilhar de JV que abriu a porta do quarto assustado com o grito e os gemidos de vômito, a jovem promotora caminha pelo corredor do andar da promotoria criminal no prédio do Ministério Público levando a caixa com o coração dentro de um saco plástico para não contaminar mais ainda a evidência.

- Por que essas coisas continuam acontecendo com você?! – pergunta Marco Aurélio que espera por ela na porta de seu escritório.

- Acredite em mim, eu me pergunto a mesma coisa! – ela o entrega o saco – Acha que é... Acha que é o do Alexandre?

- Vou ser honesto e dizer que espero que sim – o delegado responde indo até sua cadeira – Porque senão, significa que tem outro coitado por aí sem a porra do coração! Tenho vinte anos de carreira e nunca trabalhei em um caso sem pistas assim... pelo menos os peritos disseram que o relatório de todos os oitenta e dois corpos fica pronto nesta tarde e podemos finalmente ter alguma pista sobre o que diabos está acontecendo.

- Eles te adiantaram alguma coisa?

- Só que a primeira vítima foi provavelmente a mais ou menos dezessete anos atrás.

- Dezessete?!

- Estão esperando o resultado do DNA para a identificação, mas...

- Ele vem matando há muito mais tempo do que pensamos... – diz Aurora.

- Olha só a hora! – Marco diz vendo o relógio e vestindo o paletó – Vá para casa, Padilha. Não tem nada que possa fazer até sair o resultado da perícia e amanhã tem um longo dia pela frente. Vai ao enterro, não é?

- Claro! – Aurora responde.

- Vou pedir para duas viaturas irem com você e ficarem de tocaia no prédio. Se esse número te ligar novamente, não atenda! – Marco a encara sabendo que ela não obedeceria.

- Está bem... – Aurora responde ainda sentada com os braços cruzados e a expressão taciturna.

Marco a encara pela última vez e pegando sua pasta deixa a sala. Aurora permanece sentada na penumbra com nada mais que seus pensamentos. O relógio atinge a meia noite.

A autópsia de Alexandre foi uma das prioridades da equipe médica legista. Alexandre tinha marcas pelo corpo que os médicos alegaram ser de resistência, provavelmente tinha tentado lutar por sua vida quando foi capturado. Infelizmente, por conta dos dias que passou na água, qualquer vestígio de DNA estava arruinado. Alexandre não tinha filhos, nunca nem ao menos se casou, a única família que tinha era uma irmã que morava em Belo Horizonte e um sobrinho na Argentina. Ambos já haviam sido comunicados sobre o enterro.

A madrugada termina na grande São Paulo, dando lugar a um sol que nasce sem força por conta do tempo nublado daquela manhã de quarta-feira. Aurora está em sua cama ao lado dos gatos que resgatou da casa do falecido amigo. Ela acaricia um deles enquanto se perde entre seus próprios pensamentos. Já é o quarto alarme que desperta avisando que precisava levantar e se trocar para o velório que tinha início marcado para às oito da manhã. Alexandre seria enterrado no cemitério da lapa, e já são dez e quarenta quando Aurora finalmente chega ao local que está lotado, cercado de policiais e detetives que vieram prestar seu respeito ao falecido delegado. Ao todo, estão presentes duzentas pessoas. Alexandre não tinha uma família tradicional constituída, mas tinha uma família no trabalho formada por todas as pessoas que cativava diariamente. Algumas personalidades marcantes estavam presentes e uma delas é claro, André Marconi que, para a surpresa de Aurora, está acompanhado por Thabata que esconde os olhos pretos por detrás dos óculos de sol.

- Achei que não fosse vir – diz Phelipe aproximando-se da promotora que está com os olhos direcionados ao caixão.

- Não vá desmaiar novamente, Padilha! – diz o delegado indelicado aproximando-se.

Aurora não dá a mínima para o comentário infeliz e ignorando o delegado vai em direção do caixão. Ela está em frente ao baú de madeira onde querendo ou não a maioria de nós um dia vai parar, se preparando para tocar na beira quando ouve uma voz.

- Olá! – diz por cima do ombro da jovem promotora. É André – Como está se sentindo? Não precisa responder isso! – ele logo a abraça – É um enterro, posso deduzir como está se sentindo – ele a aperta com os braços musculosos e ela sente o perfume dele embrulhar seu estômago – Meus pêsames...

- Ele era um amigo... – Aurora responde soltando-se do abraço – Não um colega. Alexandre era meu amigo!

- Me perdoe! – o homem diz com a voz baixa e as mãos no bolso da calça jeans – Não queria chateá-la...

- Não chateou – Aurora continua com os olhos fixos no caixão.

- Sei que não é um bom momento, mas farei um almoço no apartamento de Thabata para aqueles mais próximos de Alexandre – André a fita evitando olhar o caixão – Ficarei feliz se você comparecer, mas entendo se preferir ficar de fora dessa... é que a irmã do Alexandre é fã da minha receita de camarão na abóbora cabotiá, então vou cozinhar para ela como forma de oferecer minhas condolências.

- É... Obrigada pelo convite, mas vou ficar fora dessa.

- Ah! – diz Thabata aproximando-se – Por favor, aceite o convite.

Aurora a encara com desprezo. Ela nota a mão de Thabata buscando pela de André e se lembra da conversa que teve uma semana atrás enquanto provava o vestido de madrinha de casamento e Sofia a dizia “você não quer ficar presa no meio disso, não é?”. A resposta era ‘não’, mas ainda assim o olhar de desprezo permanece no rosto de Aurora enquanto observa Thabata ao lado do marido que a envolve com o braço direito e beija sua testa.

- Está tudo bem, querida – ele diz – As pessoas lidam com o luto de formas diferentes! Mas o convite fica aberto, caso mude de ideia.

Aurora fecha os olhos suspirando. Ela massageia as têmporas e de repente parece como se todo o ar dali estivesse sendo sugado por todos os outros convidados e nada estivesse sobrando para ela. Ela engole em seco encarando o caixão aberto. O antigo delegado está sendo enterrado vestindo sua farda. Aurora toca suavemente a mão do amigo que está posicionada sobre seu peito como se ele estivesse em um juramento infinito à bandeira.

- Me perdoe – diz baixinho – Por favor, me perdoe! – as lágrimas caem pelo rosto vermelho – Isso não deveria ter acontecido com você! – ela engole em seco – Eu vou descobrir quem fez isso, eu juro! Eu juro!

- Me desculpe incomodá-la – diz Marco Aurélio aproximando-se – Mas acabei de receber a notícia da equipe legista sobre as autópsias. Estou indo lá para detalhes. Quer ir comigo?

- Sim, claro!

Aurora seguiu no Corolla por trinta minutos até o prédio do IML. Eles são registrados na entrada e ela segue o delegado por um corredor frio e mal iluminado até a sala onde os corpos das vítimas estão sendo mantidos. Marco e Aurora aguardam em silêncio por alguns instantes até que são atendidos pelo Dr. Marcelo Abreu que começa com o relatório.

- Bom, se até então era só um rumor que temos um assassino em série que retira os órgãos de suas vítimas, então odeio ser a pessoa que agora os confirma – o homem diz enquanto passa através das dezenas de corpos indo até um em particular. Ele usa uma máscara assim como Marco e Aurora por conta do cheiro na sala – A causa da morte é derivada, mas a maioria foi por estrangulamento ou traumatismo craniano. Acredito que seja a forma como ele aborda as vítimas, pois nos chamou muita atenção como nenhum deles tem nenhum hematoma pelo corpo sugerindo alguma possível luta com o agressor, tirando é claro o delegado Alexandre – o homem tira uma pausa para respirar – Temos, como vocês sabem, um total de oitenta e dois corpos e percebemos certa evolução na maneira como os órgãos foram retirados. As primeiras vítimas têm cicatrizes bem violentas e irregulares, como se o assassino não soubesse o que ele estava fazendo. Mas as mais recentes estão perfeitas, quer dizer... – ele encara o delegado e a promotora – São praticamente cirúrgicas.

- Acha que o responsável pode ser um médico? – pergunta o delegado – Algum tipo de cirurgião?

- Acho que não! Este aqui, por exemplo... – o legista aponta para um dos corpos com um grande corte no tórax – O órgão retirado foi o rim. De acordo com este corte na vertical, o assassino teve um trabalhão para fazer a retirada do órgão. Esse corte gigantesco para tirar um rim não faria sentido para um médico, ainda mais para um cirurgião! E também as vítimas mais recentes, apesar de estarem suturadas, o material usado não é material médico, é veterinário.

- Jesus! – Aurora diz – De quando é a vítima mais recente?

- Uma semana atrás – o médico responde encarando o corpo em sua frente – É este garoto aqui. Ele tem dezessete anos, estava desaparecido há dez dias e foi identificado como Jean Christie Gonçalves.

“Jean” explode na mente de Aurora.

- Como seu irmão – diz o delegado a encarando.

“Como uma ameaça” pensa Aurora.

- A causa da morte foi estrangulamento e o órgão retirado foi o pulmão direito – continua o médico – Todos os órgãos foram retirados pós-morte, mas o que mais nos intrigou foi este aqui – ele diz enquanto caminha até um dos corpos que parece ser o mais velho ali, pois é apenas um esqueleto – Acreditamos que essa foi à primeira vítima. Foi morta dezessete anos atrás. De acordo com a formação esquelética, acreditamos que nenhum órgão tenha sido retirado, o que faz com que ela fuja do padrão das outras vítimas, mas sabemos que era uma jovem adolescente que tinha entre treze e quinze anos quando morreu. A maior demora para o relatório ficar pronto foi por conta dela, pois só conseguimos a identificação com a arcada dentária o que demora mais do que o normal – o homem diz pegando a ficha da garota e entregando ao delegado – Seu nome era Mariana Vasconcelos e encontramos um boletim de ocorrência de pessoa desaparecida com este nome, data e características em Birigui.

Aurora encara o médico franzindo as sobrancelhas.

- Birigui?! – pergunta.

“É a cidade natal de André”, se lembra do irmão falando.

- Sim, Birigui – o médico confirma – É a única vítima identificada de fora da capital e outra curiosidade, como eu disse, essa garota foi assassinada há dezessete anos e a próxima vítima depois dela foi nove anos depois.

Aurora continua em choque. Seu coração está pulsando tão forte e ansioso e ela se lembra do coração de Alexandre naquela mísera caixinha de papelão e se lembra de como para o assassino deveria parecer uma piada quando ela a abrisse e se tornasse exemplo para a expressão “tão assustada que ficou com o coração na mão”. Todos esses pensamentos a acertam em uma fração de segundos e tudo faz sentido. “Tenho a pior intuição do mundo, ela nunca está errada!” se lembra de gritar para Alexandre.

- Preciso ir! – Aurora diz dando as costas e deixando aquela sala ocupada por cadáveres.

“Birigui!” pensa no caminho até o carro enquanto abre a porta, “maldito, desgraçado!”.

CAPÍTULO 21

Pedro Cecílio.

Aurora atravessou a cidade a quase 120 km/h até seu prédio. Ela passou por sinais vermelhos e diversos motoristas irritados e assustados com a velocidade do Toyota Corolla que a mostraram o dedo. Ela sobe de elevador até seu apartamento e ouve música e risadas vindas do apartamento de Thabata, é o almoço de André acontecendo. Seu coração continua batendo forte e ela fecha os punhos tão forte que as unhas deixam marcas na palma das mãos enquanto as risadas na vizinha ficam mais altas.

Aurora abre a porta deixando sua bolsa ali mesmo no chão e corre até seu quarto. Ela vai até a escrivaninha onde deixou o pen drive que Jean a entregou com as informações que descobriu sobre André. Aurora liga o notebook, conecta o pen drive na entrada USB e visualiza as informações sobre o então cozinheiro que é possivelmente um assassino em série. Jean era excelente em seu trabalho e havia conseguido até a certidão de nascimento da celebridade que prova que ele é dois anos mais velho do que dizia em suas entrevistas, “mentiroso nato” pensa Aurora que estranha um detalhe: o nome na certidão de nascimento não é André Marconi e sim Pedro Cecílio, nascido em Birigui no dia 21 de outubro de 1978. Ela pega o celular do bolso da calça jeans e liga para o número que Jean havia deixado para emergências.

- Já está sentindo minha falta... – diz o irmão ao atender.

- Sempre! Mas escute... – Aurora cruza as pernas em frente ao notebook encarando o arquivo que parecia ter saído de um livro velho e amarelado – Estou com o pen drive que me entregou e gostaria que me ajudasse a entender quem diabos é Pedro Cecílio.

- Pedro Cecílio é André Marconi! – Jean responde – Quando comecei a minha busca percebi que todos os documentos e registros que achava de André iam apenas até vinte anos atrás! Antes disso era como se Marconi não existisse, o que me levou a pensar que muitas celebridades trocam seus nomes e foi quando entrei no sistema do cartório e achei o registro da troca de identidade dele. Aconteceu aí mesmo em São Paulo vinte anos atrás.

- Ele me disse que tinha sido adotado. Acha que tem algo a ver?

- Pode ser que sim! O documento foi assinado por Francisco Marconi, ele era um policial.

- Foi o homem quem o adotou.

- Sim! Mas André nasceu Pedro e foi adotado em Birigui. Ao pesquisar por Pedro Cecílio descobri que ele era órfão, sua mãe cometeu suicídio três meses depois que ele nasceu e o pai nunca foi identificado. Eu não sei se ele sabe disso, mas enfim, Pedro, ou André, como quiser, cresceu em um convento em Birigui. Eu tentei acessar os arquivos sobre o lugar, mas todos que tinham o nome de Pedro estavam selados com algum tipo de criptografia que eu não consegui quebrar. Ele viveu lá até a pré-adolescência quando o convento pegou fogo e ele foi adotado pelo policial Francisco Marconi. Por que se interessou novamente por ele?

- Te conto depois! Preciso ir – Aurora desliga.

Ela encara a tela do notebook por mais alguns segundos. Aquela maldita frase sobre sua intuição continua ecoando e ela se lembra do rosto de Alexandre rindo e duvidando e depois se lembra do rosto dele morto e enrugado por conta da água do lago da Serra da Bocaina e aquele buraco aberto em seu peito e seu coração entregue a ela em uma caixinha de papelão como se fosse um simples objeto e então vem a lembrança dela descendo do helicóptero e sendo recebida por aquele cheiro de morte e todos aqueles corpos em suas covas como se fossem simples objetos. Os olhos verdes acinzentados estão acirrados e tempestuosos e Aurora sente que está na hora de desmascarar aquele desgraçado. Aurora caminha até a cozinha, pega uma garrafa de vodca e vai até o apartamento de Thabata. Batendo a porta ela é atendida por Jonas.

- O que está fazendo aqui?! – pergunta ao se deparar com o amigo.

- Estávamos no seu apartamento quando André veio nos chamar – Jonas responde. Léo também está lá e fala com André na mesa do almoço.

- Precisa sair daqui! – ela diz como quem sabe que vai jogar a merda no ventilador e quer proteger o amigo de ser vítima dos espirros.

- Por quê?! – Jonas pergunta temendo o olhar enraivecido no rosto de Aurora.

- Aurora! – diz André abrindo os braços como quem espera um abraço – Que bom que mudou de ideia!

Ela mostra um sorriso ardiloso e Jonas assim como Léo notam a expressão terrível que ocupa o rosto dela por detrás daquela simpatia fictícia. Aurora avista Thabata atrás do balcão de mármore da cozinha. A jovem promotora cumprimenta os convidados e então se aproxima para entregar a esposa do cozinheiro a garrafa de vodca.

- Não sabia que seu mais tarde significava dois dias depois – Thabata diz.

Aurora a encara sem paciência para brincadeiras.

- O que foi? – Thabata questiona.

- Vou te perguntar isso apenas uma vez, Thabata... – Aurora está de costas para os convidados e fita os olhos da dona do apartamento friamente – E espero que seja sincera comigo.

- O que foi? Está me assustando!

- Você sabia?! – Aurora a encara. O tempo parece parar e o ar fica denso. Thabata permanece em silêncio – Você sabe o que o seu marido faz no tempo livre é por isso que estão se divorciando?

A expressão de Thabata muda automaticamente, os dois limões que ela segura para a caipirinha caem na pia. Ela fica pálida e engole em seco.

- Eu sabia! – diz Aurora afastando-se.

Jonas já tinha colocado uma cadeira ao seu lado para que Aurora se sentasse. Ela percebe que aquela é uma mesa diferente da que havia no apartamento algumas semanas atrás, não é a mesma em que havia tomado café da manhã com André e Thabata. Aquela ali é bem maior e tem um formato retangular, Aurora pensa que deve ter sido um presente de André, mas para que ele presentearia uma mulher que está tentando se divorciar dele com uma grande mesa para receber ao menos uma dúzia de convidados? A não ser, é claro, que já estivesse nos planos um almoço para amigos e família de uma certa vítima de assassinato.

Na mesa, há dez pessoas. Alguns dos detetives mais próximos de Alexandre, como Phelipe que está sentado ao lado de Léo que está ao lado de André que ocupa a cadeira na ponta da mesa como o grande anfitrião. O lugar ao seu lado direito, está reservado para a esposa. André conversa com a irmã de Alexandre que fala sobre a infância do falecido delegado, ela está sentada na outra ponta da larga mesa onde há duas grandes abóboras cabotiá com camarão, refrigerantes e duas garrafas de vinho que Aurora lê na embalagem que são chilenos. A jovem promotora se senta ao lado de Jonas e tem os olhos vidrados no homem que acredita ser o assassino que o país procura.

- Ah, mas eu entendo... – diz André sorrindo – Eu como paulistano não consigo entender como tem gente que não gosta de cachorro-quente com purê de batata, por exemplo.

- Não é?! – concorda a irmã de Alexandre.

- Então nasceu e cresceu aqui? – pergunta Aurora com um tom de voz um pouco mais alto interrompendo o diálogo.

- Sim – André responde com o velho sorriso cativante e dá um gole no vinho – Nasci no hospital São Luiz.

- É mesmo? – Aurora apoia os cotovelos sobre a mesa e fitando mais de perto – Quem escolheu seu nome?

André não entende a pergunta e solta um leve sorriso encarando os convidados que trocam olhares confusos. Jonas e Léo se entreolham e sabem que algo está prestes a acontecer.

- E quero dizer o nome de Pedro e não o de André – Aurora completa.

A expressão no rosto do cozinheiro muda completamente. Ele estava com os cotovelos apoiados na borda da mesa, mas desce os braços e os cruzando sobre o peito conforme se afasta. André engole em seco sem tirar os olhos de Aurora, e começa a balançar a perna ansioso.

- Como sabe disso? – pergunta circunspecto.

Os olhares mudam entre os convidados. Ninguém entende o que está acontecendo, mas todos sentem que não é nada de bom, e é como se aquele almoço de tonalidade amarela se tornasse cinza, prestes a ficar preto e sombrio, muito sombrio. Como o tempo fica quando o sol desaparece coberto por uma nuvem monstruosa que carrega uma tempestade de raios.

- O que foi? – Aurora está quase sorrindo – Está surpreso porque agora eu sei mais sobre você do que você sobre mim?! – repete a frase do assassino. As sobrancelhas levantadas acompanham o sorriso convencido de “te peguei”.

André encosta-se à cadeira, seu peito arfa com a respiração pesada e o olhar dele se torna preocupante.

- O que está fazendo, Aurora? – pergunta Thabata.

- Estou com toda a certeza surpreso! – André responde antes que Aurora diga alguma coisa – Não era para você ter acesso a essa informação.

- Era para eu ter muito mais informações se seus arquivos não estivessem criptografados!

- O que está acontecendo?! – Léo pergunta.

- Aurora, o que está fazendo? – Jonas a encara envergonhado.

- Por que estavam criptografados?! – Aurora continua – Cometeu um crime ou algo do tipo? Como matar uma garota chamada Mariana e depois arrancar dezenas de órgãos de outras pessoas e enterrá-los na Serra da Bocaina?!

- Aurora! – Léo a encara com um olhar hostil.

- Aurora, não acho que você deva dizer mais nenhuma palavra! – Phelipe diz com tom de aviso.

- Do que você está falando?! – André pergunta. Suas pernas estão balançando mais forte agora e é possível ouvir perfeitamente o barulho do mocassim batendo no chão – E para ser sincero, não te devo satisfações da minha vida! E não entendo que merda é essa sobre corpos na Serra!

- Me deu aquele arquivo sobre o Paulo apenas para nos atrasar, não foi? – Aurora não desiste, ignorando os avisos – Sabia que Paulo não era o culpado porque é você que...

- Estava tentando te ajudar! – André a interrompe. Seu tom de voz acompanha o de Aurora e falta segundos para que eles comecem a berrar – Não estou entendendo o motivo do ataque e você está sendo muito desagradável, Aurora!

- Ah, por favor, Pedro!

- NÃO ME CHAME POR ESSE NOME! – o homem esmurra a mesa se levantando. Todos os pratos e talheres chacoalham.

- Aurora, pare com isso! – diz Thabata.

- Por que estavam selados?! – Aurora continua também se levantando – O que foi que você fez, Pedro?! Por que os arquivos estavam criptografados?! O que aconteceu no incêndio no orfanato?

- Não tinha o direito de mexer nessas coisas! – André responde se afastando para perto da janela com a mão no peito.

- O QUE FOI QUE VOCÊ FEZ?! – Aurora perde as estribeiras.

- NÃO TE DEVO SATISFAÇÕES! – André responde e seus olhos ficam vermelhos e cheios de lágrimas.

- O QUE FOI QUE VOCÊ FEZ?! – Aurora insiste aos berros – O QUE VOCÊ FEZ?!

- Aurora! – Thabata também se levanta indo até eles.

- EU FUI ABUSADO! – André responde aos gritos – MORAVA NUM CONVENTO E FUI ESTUPRADO POR UM DOS PADRES! PRONTO! SATISFEITA?! ESTÁ FELIZ AGORA?! – André a encara. Ele está trêmulo e apoiado ao batente da janela. Há um filete de suor em seu rosto tomado por tristeza por conta das lembranças da infância – Estou farto de tentar ser simpático com você! E de tentar te ajudar e só receber em troca acusações falsas! E agora, não satisfeita com o escândalo que fez aquele dia no Ministério Público ameaçando me prender, você vem até aqui, num almoço para celebrar a memória de um grande homem, me envergonhar na frente de todas essas pessoas! – ele está a centímetros de Aurora que mantém-se encarando o chão não entendendo onde foi que tudo deu errado – Fazendo eu lembrar dos piores anos da minha vida! Pois aí está, Aurora! Foi isso que eu fiz! Fui abusado! – ele se aproxima – Durante longos anos que pareciam uma eternidade, eu fui abusado dentro do convento onde me chamavam de Pedro! O convento pegou fogo antes que eu pudesse denunciar o padre e por eu ser menor de idade e a história podendo se tornar um escândalo, a igreja e o conselho tutelar fizeram com que a papelada fosse criptografada para que não manchasse a reputação do padre e para que ninguém soubesse dos horrores que passei naquele lugar, mas aparentemente eles não fizeram um bom trabalho já que aqui está você, mais de trinta anos depois, me infernizando com essas merdas de memórias!

Aurora permanece em silêncio.

- Mas é bom isso acontecer... – André continua – Porque finalmente entendi que não podemos ser amigos, então, por favor, saia! – ele diz indo até a porta. Como é mesmo que dizem? A porta da rua é a serventia da casa – SAIA JÁ DAQUI, AGORA!

- Thabata, eu não quis que... – Aurora tenta se desculpar.

- Por favor, vá embora! – diz a mulher de cabeça baixa – Por favor, só vá!

Aurora encara os convidados na mesa que permanecem de cabeça baixa. Phelipe a encara com desaprovação. Ela engole em seco e se retira passando pela porta sem nem ao menos olhar para André. Léo e Jonas se levantam.

- Sentimos muito... – diz Léo para André na porta.

- Ah, mas que isso, meninos! – André responde tocando suavemente no ombro do rapaz – Vocês não têm pelo que se desculpar.

Jonas e Léo se entreolham.

- Vamos voltar a comer... – André diz fechando a porta e apertando o ombro de Léo enquanto o leva de volta para a mesa – Vamos voltar a comer e esquecer tudo isso!

Aurora olha para trás no corredor. Seus amigos não estão vindo.

CAPÍTULO 22

O plano.

Três dias haviam se passado desde o terrível almoço no apartamento de Thabata. O boato sobre o surto da jovem promotora com o cozinheiro mais querido do país tinha chegado ao ouvido de seus superiores e Aurora estava suspensa por uma semana e de brinde recebeu a ordem de comparecer a cinco sessões de terapia para que a psicóloga designada pudesse dizer se ela estava ou não apta para continuar fazendo seu trabalho.

Aurora está em seu quarto, vestida para a segunda sessão obrigatória com a psicóloga e ainda lê todos os arquivos do pen drive que Jean a entregou sobre André.

Como participante mudo desta história, gosto de pensar em cada um dos integrantes desta família de amigos como seres com funções distintas no bando que se completam no final. JV é a força. Léo o humor para a distração de tragédias. Jonas a sensibilidade. Jean a inteligência. Sofia é racional e Aurora... Aurora têm persistência, ou teimosia... Vou deixar com que você tire suas próprias conclusões.

- Ei – diz JV abrindo a porta do quarto – Sofia chegou.

Sofia e Clara retornavam da lua de mel em Fernando de Noronha. Clara parece um pimentão por conta de queimaduras solar e Sofia não está muito diferente.

- Se me abraçar eu te mato! – a policial diz a Jonas enquanto joga-se no sofá – Aurora precisa de um ar-condicionado.

- Ou poderia ter usado protetor solar... – diz Aurora saindo do quarto.

Clara está praticamente dentro da geladeira com a porta aberta se resfriando. Ela cumprimenta os amigos de longe.

- Como está? – Sofia pergunta encarando Aurora com os braços apoiados no balcão da cozinha – Léo me contou sobre seu surto com André.

- Eu não surtei!

- Você o culpou de estar envolvido nos assassinatos! – continua Sofia.

- Ele está! – Aurora persiste.

- Está falando sério?! – Sofia a encara ajeitando-se no sofá.

- O homem foi abusado, Aurora! – diz Léo.

- Não tenho como saber disso realmente, os arquivos estão criptografados!

- Está indo longe demais com isso, Aurora! – diz Sofia – Já prejudicou o seu trabalho, o que mais você quer?! Perder sua licença?

- Eu só preciso de uma prova!

- NÃO EXISTE NENHUMA PROVA! – Sofia se levanta perdendo o restante da paciência – VOCÊ ESTÁ AGINDO COMO UMA SURTADA E EU TENHO CERTEZA QUE É POR CAUSA DAQUELA MULHER!

- Sofia... – Clara tenta acalmar a esposa.

- Não! – Sofia encara os amigos na sala – Alguém tem que dizê-la a verdade! – ela se aproxima de Aurora – Precisa parar com isso ou vai perder toda sua credibilidade profissional e não é para isso que chegou até aqui!

- Você confia em mim? – Aurora pergunta cruzando os braços.

- Isso não tem nada a ver com confiança, Aurora!

- CONFIA EM MIM?!

Sofia respira fundo massageando as têmporas.

- Porque eu sei que eu estou certa sobre isso! – continua a promotora.

- Também achou que estava certa sobre Cristina e olha só onde nos levou...

Aurora engole em seco. Os amigos se entreolham. Sofia é a única deles que sabe a verdade sobre a morte de Cristina, tanto que Aurora é a verdadeira culpada pela morte da mulher, como a respeito de Jean ter adulterado os dados do exame. E a policial continua:

- Você também achou que estava fazendo a coisa certa quando fez aquilo com Cristina no hospital, por que sempre se deixa levar por seus sentimentos! E como aconteceu antes, vai ser igual agora... você vai se machucar!

- Eu sei que pareço louca, mas...

- Não tem nenhum “mas”, Aurora! Você parece louca e é isso! O que vai fazer a seguir para conseguir essa tal prova? Invadir a casa do homem e ver se consegue achar alguma coisa que o ligue aos crimes?!

Aurora fica em silêncio por alguns segundos como se realmente considerasse a possibilidade.

- Eu vou prender você, Aurora!

- É... tá bom! – a jovem promotora sorri debochando.

Sofia permanece séria com os braços cruzados.

- Está brincando, não é?! – Aurora se aproxima a fitando.

- Eu sou policial nessa sala e vou te prender se não obedecer à lei novamente...

- Sofia, por favor! – diz Clara aproximando-se.

- Alguém precisa colocar um basta nisso! – Sofia continua – E eu vou fazer o que deveria ter feito há cinco anos! – ela se aproxima mais de Aurora a encarando friamente – Se continuar com isso, eu te prendo! Afinal de contas, tenho certeza de que não foi de maneira legal que descobriu a identidade do André.

Aurora quer expulsar Sofia de sua casa da mesma forma como foi expulsa da casa de Thabata. Ela morde o lábio inferior não acreditando em toda essa merda e levanta as mãos como um bandido que se entrega dizendo:

- Tudo bem, Sofia! Eu não vou mais tocar no assunto.

- Vou ficar de olho em você! – a policial diz.

Aurora a encara pela última vez e então deixa o apartamento para ir até a sessão obrigatória com a psicóloga que mantém seu consultório no prédio do Ministério Público.

Os amigos continuam no apartamento e JV com os braços cruzados pergunta:

- Que merda foi aquela sobre Cristina?!

- O que estão escondendo de nós?! – também pergunta Léo se aproximando.

Sofia respira fundo. O que é que dizem sobre a verdade? Mais cedo ou mais tarde sempre aparece.

A quarenta minutos do prédio. Aurora está sentada em um pequeno sofá de dois lugares bege que segue os mesmos tons neutros na sala. Ela balança com uma das pernas inquietamente batendo com a sola do sapato do pé direito no carpete marrom. Aurora rói as cutículas já maltratadas do dedo indicador que sangra. Com os lábios secos, e o cabelo despenteado, aquela

é a aparência de alguém completamente obcecado. De alguém que sente em profundo âmagosaber de algo que ninguém mais sabe. Mas como você pode provar algo que somente você acredita? Como você pode provar que está certo quando todos ao seu redor dizem que não? Como um paranóico prova que não está paranóico e que está mesmo sendo perseguido?

Aurora mantém os olhos fixos no relógio preso no alto da parede em sua frente aguardando ansiosamente para que aquela sessão acabe e ela possa finalmente ir para casa.

- Aurora? – a doutora procura pela atenção da paciente – Podemos retomar?

- Claro – responde com o entusiasmo de quem não tem alternativa.

- Eu sei que você não acredita no trabalho que estamos fazendo e que está aqui apenas pela ordem judicial que o Ministério Público emitiu, porém quanto antes você colaborar com as nossas sessões, mais cedo você poderá retornar a sua rotina normal.

- Normal?! – Aurora repete cética – Não existe normal depois do que eu vi!

- Não foi o que eu quis dizer...

- Oitenta e dois corpos! – Aurora a interrompe dizendo – Tinha oitenta e dois corpos enterrados na merda daquele lugar! E entre eles... – seus olhos brilham, a saliva desce raspando e suas pernas balançam agitadas – Um dos meus amigos! – ela começa a chorar – Um dos meus amigos que estava sem seu coração! Um coração arrancado que foi enviado para mim na merda de uma embalagem de papelão! Que tipo de pessoa coloca o coração de outra dentro de uma maldita caixa de papelão?!

- Por que acha que o assassino está fazendo isso com você?

Aurora cerra os lábios lutando contra a vontade de culpar André Marconi. Ela respira fundo encarando a doutora que está sentada com as pernas cruzadas, uma prancheta no colo e uma caneta na mão direita.

- Porque eu sei quem ele é! – responde.

- Essa é uma afirmação muito séria, Aurora – a mulher se ajeita na cadeira – Já falou com os policiais e com seus superiores sobre isso?

- Ainda não – ela engole em seco – Preciso provar primeiro!

O cronômetro apita indicando o final da sessão.

No apartamento, os amigos falam sobre a morte de Cristina.

- Como puderam esconder isso de nós por todo esse tempo?! – berra JV.

- Fale baixo! Temos vizinhos! – diz Jonas.

- Não posso acreditar nisso! – JV continua indo até o balcão e servindo-se de um pouco de uísque.

- Eu estava protegendo Aurora! – justifica Sofia.

- Nos contar não ia colocá-la em perigo! – JV responde se aproximando – Se esqueceu de quem somos?!

- Por favor, não vamos brigar! – diz Jonas – Falar sobre o passado não vai mudar o que houve! Sofia fez o que achou que era certo, assim como Aurora! Não é nosso trabalho julgá-las.

- Um dos nossos amigos está vivendo clandestinamente pagando por um crime que ele não cometeu, Jonas! Vamos apenas sentar aqui e não fazer nada? – JV diz.

- E o que você quer fazer? – pergunta Jonas com os braços cruzados – Mandar Aurora para a cadeia?!

- Jean alterou os resultados do exame! – diz Léo – Foi aí que tudo começou.

- Mas isso não é assassinato, Léo! – continua JV furioso.

- Jean escolheu proteger Aurora! – Léo o encara – Ela não o forçou, Jean escolheu!

- E ela escolheu mentir para nós! – o amigo diz bebendo toda a dose de uísque.

- Ela queria contar... – revela Sofia sentada no sofá. Ela encara os dois gatos que rolam e brincam no chão – Na verdade, ela queria muito contar para vocês e eu a convenci de não fazer isso.

JV engole em seco. Jonas senta-se ao lado da amiga a acolhendo, um dos gatos sobe no sofá deitando-se no colo de Jonas.

- Dá onde eu vejo todos tem um pouco de culpa no que aconteceu – diz Clara.

- Então por que sou a única que está sendo ameaçada de ir para cadeia? – pergunta Aurora chegando à casa. Ela encara Sofia no sofá – Pode vir comigo, por favor?

Aurora e Sofia sobem de elevador até o terraço. O lugar é bem cuidado pelos moradores, há até mesmo uma horta improvisada. O local é bem limpo, apesar de ter algumas pombas, mas também tem plantas e banquinhos de madeira. Quando Jean ainda morava na

cidade, eles costumavam ir lá o tempo todo a noite para observar o céu. Liza tinha um telescópio e adorava nomear as estrelas inventando nomes para cada uma delas.

- Nem me lembro de quando foi a última vez que viemos aqui – diz Sofia.

- Dois dias antes da Liza morrer... – responde Aurora. Ela respira fundo. Há uma doce brisa batendo contra elas e o cabelo de Aurora acompanha o vento – Se eu soubesse a verdade sobre Cristina, nunca teria feito aquilo!

- Eu sei, é que...

- Mas eu sei a verdade sobre André!

- Aurora...

- Lembra quando estávamos na sétima série? – Aurora pergunta antes que o sermão comece – E você achava que aquela garota estava roubando seus lápis de cor.

- Não eram simples lápis de cor...

- Era um kit de setenta e duas cores da Faber Castell... – elas dizem juntas e sorriem.

- Contava eles todos os dias... – continua Aurora – E então percebeu que eles estavam desaparecendo e você culpou Daniele que se sentava a duas carteiras de você, mas ninguém acreditou na sua palavra por que Daniele era representante de sala, vivia ajudando os professores, tinha as melhores notas da classe...

- Disfarce perfeito! – diz Sofia.

- Exatamente! – Aurora suspira – Mas você sabia que era ela! Você me disse que sua intuição te dizia que era ela e eu acreditei em você.

- E eu estava certa! Conseguimos provar que era ela quem estava pegando meus lápis e também descobrimos que a única razão pela qual ela tirava boas notas era porque sempre conseguia roubar as provas na sala dos professores e sabia todas as questões que iam cair.

- Exatamente!

- É assim que se sente com André? – Sofia suspira – Mas Aurora... Daniele estava pegando lápis de cor. Você está acusando André Marconi de ser um assassino em série! Ele é...

- Perfeito? O cozinheiro mais querido do país? Engajado nas lutas sociais? Sempre sorrindo? Amigo da lei e salvador da pátria? Rosto da campanha criança esperança?!

- O disfarce perfeito... – Sofia finalmente percebe o que Aurora quer tanto dizer.

- EXATAMENTE! – Aurora diz sentando-se – Eu sei que aquele homem é culpado! Só estou pedindo para confiar em mim e me ajudar a provar.

Sofia parece relutante.

- Vamos apostar... – Aurora diz a encarando.

Sofia adorava apostas. Ela cruza os braços prestando atenção no que Aurora tem a oferecer.

- Você me ajuda, e se eu estiver certa provamos que André é um assassino em série.

- Mas se estiver errada?

- Se eu estiver errada... – Aurora olha ao redor ponderando – Você pode me pedir o que quiser! Pode até me prender, se quiser! Mas eu tenho uma advogada do caralho, então...

Sofia anda de um lado para o outro. Ela encara o chão enquanto pensa em uma resposta.

- Se você estiver errada... – ela se volta para Aurora – Não pode nunca mais falar sobre isso...

- O que quiser.

- Eu não terminei! – diz Sofia com um sorriso assustador – Se você estiver errada, o que eu sei que você está... você vai cuidar dos meus quatro filhos.

- Que?! Do que está falando?

- Ah, é! Estamos brigando desde que eu cheguei que não tive a oportunidade de contar, mas Clara quer adotar quadrigêmeos.

- Isso é loucura!

- Não, você é louca! Minha esposa é perfeita... Então se você estiver errada, terá que cuidar dos nossos filhos a qualquer hora que eu pedir.

- Fechado!

- Não terminei ainda! – Sofia continua com o sorriso malicioso – Terá que cuidar deles a qualquer hora do dia, como na hora do almoço ou de madrugada e também será responsável por comprar as fraldas por um ano!

- Meu Deus! Você quer me falir?!

- Sim, eu quero! Então é melhor já preparar sua poupança! – Sofia dá uma pausa encarando a melhor amiga – Mas se estiver certa...

- Se eu estiver certa pegamos um assassino em série! – Aurora completa.

Grandes nuvens cobrem o sol e o terraço fica escuro e fresco. O vento assobia batendo contra o rosto daquelas duas mulheres que não fazem ideia do erro terrível que estão prestes a cometer. Elas caminham para a beira do terraço e encaram a paisagem da barulhenta capital.

- Então qual é o plano? – Sofia pergunta não acreditando que está mesmo concordando com aquilo.

- Na verdade, é o seu plano – Aurora sorri – Eu vou invadir a casa dele!

- Jesus Cristo, Aurora!

- Me escute, me escute! O aniversário da Clara está chegando...

- Não posso envolver minha esposa nisso!

- Me deixe terminar! O aniversário da Clara está chegando então preciso que a convença a convidar o André para a festa. Ela é fã dele, e ele adora agradar os fãs e eu sei que ele vai aceitar o convite só para me provocar! Enquanto ele estiver na festa preciso que o mantenha ocupado o máximo que puder para que eu tenha tempo de invadir a casa dele.

- E acha que a casa de uma das maiores celebridades do país não tem nenhuma segurança?

- Não tem! – Aurora responde convencida – Thabata fica falante depois do sexo, e me contou que ele não tem seguranças e até me passou a senha do alarme que abre o portão.

- VOCÊ DORMIU COM ELA?! – Sofia perde as estribeiras novamente e então respira fundo – Não! Quer saber?! Eu nem quero saber! Por que primeiramente, NOJENTO! Segundo, vai me fazer desistir de te ajudar e eu realmente preciso que você perca para comprar as fraldas. Então continue...

- Eu sei a senha de segurança que abre os portões e depois disso tem as câmeras que eu sei como desligar remotamente.

Sofia a encara com a testa franzida.

- Tem certeza? – pergunta.

- Eu cresci com o Jean, acho que sei do que estou falando!

- Não acredito que está me convencendo a fazer isso... – diz Sofia massageando as têmporas. Horas atrás era apenas mais uma alegre recém-casada e agora faz parte de um plano para invadir a casa de uma celebridade/possível assassino em série.

- Eu só preciso que o mantenha ocupado. A mansão dele fica a mais ou menos uma hora daqui e eu preciso de tempo para vasculhar cada canto daquela casa.

- Se algo der errado você me liga!

- É só mantê-lo distraído que nada vai dar errado! – Aurora diz convencida que seu plano daria certo.

- Então tá bom, não acredito que está me convencendo a isso...

Aurora cospe na mão e a estende para Sofia.

- Trato?

- Isso é nojento.

Aurora continua a encarando com a mão estendida. Sofia faz o mesmo e elas selam a aposta com o aperto de mãos.

- Trato!

CAPÍTULO FINAL

E AGORA... O QUE EU VOU FAZER COM VOCÊ?

Duas semanas se passaram desde o trato de Aurora e Sofia no terraço, e o tão esperado dia finalmente chega. É um domingo ensolarado como qualquer outro. Está calor e o céu está estranhamente limpo de uma forma que há apenas duas grandes nuvens preguiçosas pairando na cidade.

Sofia prepara os últimos detalhes da festa de aniversário em sua casa. Ela ajeita mesas de plástico no quintal dos fundos, acende a churrasqueira, ajeita as bebidas sob o balcão de mármore, liga uma caixa de som e abre uma cerveja gelada dando três goles gulosos. Sofia marcou a festa para daqui vinte minutos. Alguns convidados já estão presentes, como JV que traz três fardos de cerveja e os coloca para gelar no freezer. Léo também está lá, e pesquisa receitas de molho verde na internet. Sofia enche bexigas cor de rosa e as pendura em forma de arco logo atrás de uma grande mesa onde logo estaria o delicioso bolo de aniversário. Aurora chega trazendo um presente para a aniversariante que também está a caminho da festa após seu plantão de doze horas no hospital.

- E aí – Aurora diz aproximando-se e deixando o presente perto do arco de bexigas.

- E aí – cumprimenta Sofia – Está nervosa?!

- Como qualquer pessoa prestes a invadir a casa de um assassino em série.

- Ele não é um assassino! – Sofia a encara convicta – Bom... pelo menos estava certa sobre ele aceitar o convite, mas...

- O que?!

- Ele vai trazer a Thabata – Sofia responde enquanto abre outra cerveja.

- Não me importo! – Aurora dá com os ombros também se servindo de uma bebida, uma dose de tequila para animar o corpo para uma invasão em domicílio – Eu só quero provar que aquele merdinha é uma merdinha!

- Bom, o seu merdinha é com certeza pontual – Sofia responde encarando a porta da frente e vendo pela fresta de vidro André acompanhado pela esposa.

- Eu vou sair pelo fundo – Aurora responde virando mais uma dose – O mantenha ocupado!

- Qualquer coisa você me liga!

Aurora deixa a festa enquanto Sofia vai até a porta da frente para receber os convidados. Aurora deixa a casa pelo corredor dos fundos, ela caminha rapidamente e prepara-se para entrar em seu carro quando a aniversariante chega.

- Aonde está indo?! – pergunta Clara aproximando-se. Ela está sem jaleco e usa uma calça jeans e camiseta branca.

- Ah... – Aurora gagueja – Tenho uma emergência do trabalho, mas logo estarei de volta.

Clara cruza os braços a encarando.

- Vocês têm um plano, não é? – pergunta.

- Não sei do que está falando... – Aurora responde tentando disfarçar.

- Qual é, Aurora! – Clara se aproxima. Ela se apoia ao teto do Corolla estacionado na esquina de sua casa – Sofia não me deu paz enquanto eu não concordei em convidar André Marconi para essa festa, e vendo aquela Range Rover ali acredito que ele já esteja aqui e você está saindo... – ela aperta os olhos como quem enxerga o segredo de Aurora – Então, vamos... me diga, qual é o plano?

- Eu prometi a Sofia que não ia te envolver nisso.

- Eu já estou envolvida nisso! Fui eu quem o convidou! QUAL É O PLANO?! – Clara fica realmente assustadora quando nervosa.

- Vou até a casa dele e ver se eu encontro alguma coisa.

- Vai invadir a casa de André Marconi?!

- Eu sei que eu estou fazendo, Clara! Não se preocupe! – Aurora entra no carro.

Clara rapidamente abre a outra porta sentando-se no confortável banco do passageiro.

- O que está fazendo?

- Vou com você! – Clara coloca o cinto de segurança.

- Ah, mas não vai mesmo!

- O que vai fazer?! Me expulsar? Eu vou gritar, fazer um escândalo e contar a verdade!

- Por que está fazendo isso?!

- Porque é o meu aniversário e essa droga de plano vai arruiná-lo! Então vou com você!
Afinal de contas, seremos duas e para encontrar o que quer que seja que está procurando, seremos mais rápidas!

- Sofia vai te matar.

- Não, Sofia vai matar você! – ela diz ajeitando a franja no espelho – Então é melhor irmos logo, o relógio está correndo.

Clara está certa, o tempo está passando e qualquer segundo importa para a busca incessante de Aurora que desiste de discutir e também coloca o cinto de segurança dando partida no carro. Jonas chega à festa e pagava o Uber no momento em que Clara estava apoiada no teto do Corolla, o motorista conversa sobre mais alguma merda do governo e Jonas concorda enquanto assiste Clara entrando no Toyota. Jonas pega o troco guardando no bolso da frente da calça jeans e enquanto desce do Uber, ele avista Clara e Aurora saindo. Ele não entende aonde iam, e pensa que talvez fossem só comprar algo para a festa. O amigo pega o presente de Clara do banco traseiro do Uber e entra na casa onde logo é distraído por JV e Léo que discutem sobre o tempero da carne. Jonas vai até eles no quintal dos fundos para separar o que estava quase se tornando uma briga.

- NÃO PODE COLOCAR CEBOLAS EM TUDO O QUE VÊ PELA FRENTE! – grita Léo.

- Ah, pelo amor de Deus! Eu coloco cebola em tudo e você come e nem percebe! – berra JV.

André está no meio deles com as duas mãos esticadas tentando mantê-los separados.

- Você é um cozinheiro, diga a ele que o paladar dele é infantil! – diz JV.

No caminho para a casa de André, Aurora mantém os olhos fixos na rodovia. Clara procura algo para ouvir no rádio.

- Então... – Clara diz – Você e Thabata hein...

Aurora a encara espantada.

- O que?! – Clara diz – Não me olhe como se não soubesse que minha esposa é fofqueira.

Aurora sorri e permanece em silêncio.

- Não sente medo de estar fazendo tudo isso apenas por estar com ciúmes dela? – Clara pergunta.

- O tempo todo...

- Então por que ainda insiste?

- Porque eu posso estar certa! – Aurora engole em seco – E se eu estiver, então significa que terei o culpado pela morte de oitenta e duas pessoas preso e ele finalmente pagará por seus crimes e farei meu trabalho, e eu devo isso ao Alexandre!

- Mas você pode estar errada...

- Aí vou ter que pagar fraldas para seus filhos por um ano – Aurora responde sorrindo.

Na casa da policial, André tenta cessar a discussão entre Léo e JV e com isso explica aos rapazes alguns segredos para tempero de carnes de churrasco. Léo se esquece completamente do porquê estava brigando conforme se concentra no delicioso perfume do cozinheiro e nos olhos azuis dele que se parecem com um céu de verão. Thabata toma uma cerveja sentada na varanda na frente da casa, Sofia se aproxima sentando-se na cadeira ao lado.

- Ei.

- Olá – Thabata sorri retirando os óculos de sol.

- Então... Acho que essa festa é mais parada do que os eventos que vocês normalmente frequentam, não é?

- Do que está falando? Léo jogou sal no JV, não tem nada de parado nisso!

As duas sorriem. Thabata continua:

- As pessoas acham que ser casado com alguém famoso é só glória e alegria, mas a verdade é que para mim, ele só é meu marido! – ela diz balançando os ombros e dando mais um gole na long neck.

- Achei que estivessem se divorciando... Pelo menos você já chegou à parte de sair com outras pessoas.

Thabata a encara. Há um momento de silêncio entre elas, um beija-flor pousa sobre o bebedor pendurado no alto da varanda. Thabata engole em seco.

- Espero que você não esteja tentando machucar a Aurora – continua a policial.
- Aurora está machucando a si mesma fuçando nos traumas de André!
- É só um aviso... – Sofia se levanta. – Aproveite a festa!

Aurora e Clara finalmente chegam à casa de André, ou melhor, à mansão Marconi. A casa é imensa, daquelas que você acha só ser possível existir nos cinemas. Aurora desce do carro colocando a senha no sistema de segurança que abre o enorme portão preto de grades com espetos no topo. Clara está ansiosa dentro do carro e balança com as pernas conforme o portão se abre. Há uma inclinação logo na entrada formada por um caminho de paralelepípedos que divide os jardins.

- Tem certeza de que quer fazer isso? – Clara pergunta a Aurora que retorna para o banco do motorista.

- Eu preciso fazer isso! Mas se quiser, pode ficar no carro.

- Vamos nessa!

Aurora dirige pela inclinação. Ela observa o jardim impecável que parece um palácio. Há dezenas de plantas, uma plantação de rosas que cerca todas as oito grandes janelas na lateral da mansão, uma plantação de alecrim, cactos espalhados, seis grandes pinheiros em cada lado do caminho de paralelepípedos que projetam dezenas de sombras conforme o Corolla passa até a entrada principal. Aurora estaciona. Elas descem do carro e uma leve brisa as atinge na nuca fazendo-as arrepiar. Clara engole em seco indo até Aurora. Elas sobem os dois degraus que separam o caminho de paralelepípedos da entrada principal. Ali, há um belo piso branco onde é possível ver seu próprio reflexo de tão limpo. Elas estão em frente a gigante porta pivotante pintada de cinza fosco. Aurora empurra a maçaneta entrando no que pode ser o covil do leão.

O interior da mansão é bem iluminado. O pé direito é bastante alto e exhibe um lindo e grande lustre de cristais no topo que tilintam conforme a porta é aberta e a brisa adentra a casa.

Ao lado direito de Aurora, há uma larga escada curvada que leva para o segundo andar. Ao lado esquerdo, depois de dois degraus baixos, está a sala de estar que dispõe de um enorme sofá retroativo de couro marrom. Aurora caminha até lá. Há um lindo e macio tapete de fios egípcios cobrindo todo o chão. A cortina que se estende pela janela está aberta e também é de um tom marrom um pouco mais claro que o tapete. Aurora ouve os pássaros cantando no jardim e avista um beija-flor pela grande janela de vidro. Logo em frente ao sofá, abaixo de cinco prateleiras, há uma coleção de uísques The Macallan, e uma lareira.

- Nunca achei que gente rica realmente tivesse lareira – comenta Clara.

Aurora continua observando os porta-retratos que estão em prateleiras ao lado da lareira que tem um pouco de cinzas no queimador, André provavelmente a tinha usado recentemente.

- Vamos nos separar – diz Clara – Vou olhar lá em cima e você aqui embaixo, pode ser?

Aurora acena com a cabeça concordando. Ela permanece na sala onde observa que André também tem uma coleção de vasos que parecem pertencer à cultura oriental. Eles estão trancados em um armário fixado à parede ao lado esquerdo da lareira.

Aurora continua pela porta da sala de estar indo até o próximo cômodo que é a sala da TV, que para ser mais fiel à descrição, posso dizer que é a sala de cinema. A televisão na parede parece mais com um telão e o sofá retroativo parece ser bem mais confortável que o de couro no cômodo anterior. Aurora toca o braço do estofado conforme caminha. Ali, a claridade é um pouco menor e as cortinas marrom claro estão fechadas. Em cada lado do sofá, há duas pequenas mesas ovais com um abajur e um telefone em cima. Aurora se pega pensando se alguma vez André e Thabata sentaram-se ali assistindo algum filme e usaram aquele telefone para pedir uma pizza como um casal comum faria. Ela se pega pensando se aquele telefone alguma vez teria sido usado de qualquer modo desde que foi comprado. Ela chacoalha a cabeça voltando à realidade e segue em frente pelo mesmo corredor que a trouxe da sala de estar e logo se depara com a sala de jantar com uma bela e grande mesa de mármore branco com detalhes cinzas e brilhantes. Há dois vasos separados por um castiçal (que Aurora achou brega) em cima. Ali, há alguns quadros nas paredes e novamente um belo lustre de cristais no teto. A claridade adentra ao cômodo através de três grandes janelas com desenhos prismáticos nos vidros que fazem sombras coloridas sobre a mesa de mármore e por alguma razão faz com que Aurora se lembre das janelas de igrejas católicas, e ela sente novamente um arrepio na nuca. Há também uma grande vitrola com vinis do Elvis Presley separados por ordem de lançamento.

O cheiro da mansão é neutro. Não há absolutamente nenhum odor em especial e o interior da mansão é extremamente silencioso. Um silêncio estarrecedor do tipo que se caísse algo no cômodo vizinho, você pularia assustado com o barulho. Na parede em frente à mesa de jantar, há obras de arte penduradas. Os quadros não são muito grandes e trazem uma arte abstrata, Aurora se aproxima e percebe que eles estão assinados por Thabata.

No segundo andar, Clara escolhe em qual dos oito quartos entrará primeiro. Ela escolhe o terceiro que está com a porta fechada pensando que aquele poderia ser o de André e acerta ao entrar nele e se depara com um pôster em tamanho médio e emoldurado do homem na parede em frente à cama. No pôster, André segura o livro de receitas que bateu o recorde de livro gastronômico mais vendido do país, vinte milhões de cópias ao todo. Clara retira os sapatos para

pisar no tapete branco felpudo que pega toda a região dos pés dourados da cama até mais ou menos três centímetros da porta de entrada. Clara pisa nele mexendo com os dedos e sentindo a maciez. A cama de André é gigantesca e contém oito travesseiros posicionados perfeitamente em cima de um edredom branco extremamente confortável, limpo e sem um amassado sequer. Clara olha ao redor e não se segura jogando-se na cama que provavelmente dava a André (e a qualquer pessoa do mundo) a melhor noite dormida de suas vidas. Ela abre e fecha os braços como quem faz um boneco de neve, e mesmo deitada na transversal ainda sobra espaço para mais cinco pessoas deitarem-se ao seu lado.

No andar de baixo, Aurora havia chegado à cozinha onde há quatro enormes janelas de vidro que está tão limpo que parece quase transparente permitindo a luz natural passar. Ali, também há uma mesa de mármore que é um tanto menor que a mesa disposta na sala de jantar. A mesa está limpa e não há um pelo sequer sobre ela. Um enorme balcão separa os armários e o fogão do restante da cozinha. A geladeira de inox de duas portas tem um bebedouro na porta e o fogão também de inox tem os botões de Led que acionam seu funcionamento touch screen. Os armários têm as portas de vidro e Aurora observa a coleção de taças que provavelmente são de cristais, André tem dezenas delas. André tem dezenas de coleções, aparentemente. Do outro lado da porta que abriga as taças, há peças de porcelana como pratos, bule e xícaras.

Aurora continua caminhando pela cozinha de piso porcelanato branco muito parecido com o da entrada, entretanto o dali é mais claro. Ela vai até a área de lazer externa que é separada da cozinha por uma porta que abre e fecha com sensor de movimento, como aquelas de shoppings e supermercados. Passando por ela, Aurora é surpreendida por uma brisa quente. Ela encara a piscina atlética no quintal, um sofá feito de bambu com almofadas em cima, um bar onde André mantém outra coleção de bebidas e uma churrasqueira que tem ao seu lado um balcão com dezenas de temperos e especiarias, há um avental pendurado ao lado da churrasqueira e nele está escrito **O CHURRASQUEIRO PRECISA DE UMA BEBIDA**. O chão ali também é de porcelanato branco e dava para comer nele de tão limpo e brilhante, assim como a piscina que não tem uma folha sequer caída sobre a água. Em frente a ela, há seis espreguiçadeiras com um pequeno armário ao lado de cada uma com toalhas dobradas. O muro em volta da casa é de plantas, e é impossível ter visão da área de lazer do lado de fora da mansão.

No andar de cima, Clara está agora no banheiro da suíte de André. Ela cheira todos os produtos dele, estranha a escova de dentes elétrica e encara a bela banheira branca de porcelana no final do banheiro que é o único cômodo da casa com algum aroma e é o de tulipas. Clara não encontra nada do quarto de André que denuncia que ele seja um assassino em série e então

continua andando pelo corredor entrando em outros quartos que não são muito diferentes do anterior, exceto pelo poster e pelo tamanho da cama.

No segundo andar, também fica o escritório de André que se parece com uma pequena biblioteca. Prateleiras cobrem as paredes uma de cada lado abrigando coleções de livros que vai desde Adam Smith a contos de fadas dos irmãos Grimm, a coletânea dos mistérios de Edgar Allan Poe, os livros de Fiódor Dostoiévski e diversos poemas de Fernando Pessoa. E é claro, em uma prateleira atrás da aconchegante cadeira de couro preto, André mantém a coleção de livros de receitas que ele já lançou. Clara senta-se na cadeira confortável que já tem a marca do bumbum de André e esse pensamento a faz sorrir. Ela liga o notebook Mac Pro 16 em cima da mesa que logo pede a senha que Clara nem tenta adivinhar.

Enquanto isso, no churrasco na casa de Sofia, André ensina JV qual o padrão correto para cortar o pedaço de carne para que ela não fique borrachuda depois de fria. Thabata não se sente muito bem após os três shots de tequila e as cervejas que tinha tomado com Jonas e agora ela está no banheiro vomitando com o rapaz que segura seu cabelo.

- Precisa sempre cortar com a faca assim... – mostra André a JV – Se não a carne ficará estressada e automaticamente dura e borrachuda quando não estiver mais quentinha, e sempre tente usar a faca mais afiada da casa para que corte o pedaço de uma só vez... – ele é interrompido pelo celular que toca um alarme que se parece com um toque de alarme de incêndio – Ah, mas que chato! – diz soltando a faca e encarando o celular.

- O que foi? – pergunta Léo que está debruçado no balcão com o queixo apoiado sobre a mão admirando a beleza de André e de seus poros perfeitos.

- Eu tenho um especial que será lançado pela HBO e preciso ir agora para as gravações.

Sofia escuta aproximando-se.

- Mas não pode ir! – ela diz fazendo jus a missão de mantê-lo ocupado – Clara ainda não chegou e... Vamos admitir, você é o verdadeiro presente dela!

André sorri simpático mostrando os dentes perfeitos, brancos e alinhados respondendo:

- Agradeço a gentileza, mas é um especial americano e preciso pegar meu voo para a Austrália.

- Austrália? – Sofia pergunta dando graças que ele não iria para casa.

- Sim – ele responde pegando sua jaqueta – Já até trouxe minhas malas para não ter que voltar para casa. Sinto muito, achei que daria tempo de dar meus parabéns a Clara. Onde está Thabata?

- Ela está no banheiro – responde Jonas aproximando-se dos amigos – Vim pegar um refrigerante para ver se ela melhora.

- Eu digo que ela não pode tomar tequila, mas ela nunca me escuta! – André diz enquanto seu celular toca novamente – Eu realmente preciso ir! Você cuida dela?! – ele pergunta colocando as mãos no ombro de Jonas e o encarando com os olhos azuis profundos.

- Mas é claro!

- Muito obrigado novamente pelo convite – André agradece abraçando Sofia – Mas já estou atrasado e se perder este voo só tem outro amanhã de manhã e não posso me atrasar! Dê meus parabéns a Clara, vamos marcar um jantar qualquer hora, eu cozinho! – ele beija Sofia no rosto e dá as costas saindo pela porta dos fundos.

- Falando nisso, onde é que está a Clara? – Jonas pergunta – Ela e Aurora já saíram a quase uma hora!

- O que você disse?! – Sofia o encara.

- Ela e Aurora saíram a quase uma hora – Jonas repete – Eu as vi quando estava chegando!

- O QUE?! – Sofia de desespera. Isso não fazia parte do plano.

- O que está acontecendo?! – Léo pergunta não entendendo a euforia.

- Por que está gritando?! – JV a encara ainda praticando o corte como o chef havia ensinado.

Sofia coloca as mãos na cabeça encarando os amigos.

- O que está acontecendo?! – Léo repete preocupado.

- Aurora tem um plano... – Sofia revela.

De volta a mansão, Aurora também está no andar de cima procurando por Clara que está no escritório de André folheando alguns livros.

- Achou alguma coisa? – a promotora pergunta aproximando-se.

- Nada, e você?

- Nada! – Aurora responde decepcionada encostando-se à mesa de madeira no centro do escritório – Mas que metido a besta! – ela murmura enquanto observa as fotos de André ao lado de celebridades como Faustão, alguns atores e até Mariah Carey. Aurora encara o carpete no chão de madeira e repara que ao lado da estante há alguns arranhões como se alguém tivesse arrastado algo ali diversas vezes.

- Acho que devemos ir... – diz Clara se levantando – Já passou muito tempo desde que chegamos e nosso celular não tem área aqui, percebeu?

Aurora continua observando os arranhões no chão e vai até a estante onde começa a jogar os livros no chão como se tentasse descobrir algum tipo de porta secreta.

- O que está fazendo? – Clara pergunta recolhendo os livros que tem alguns desenhos de animais neles.

Aurora percebe então que em meio aqueles livros há uma única e pequena estátua no formato de uma coruja. Aurora a toca e sente a estátua pesada, como se estivesse grudada na prateleira. Ela mexe mais um pouco e então a coruja com dois grandes olhos de vidro se inclina para frente e a estante se move dando lugar a uma escadaria.

- Merda! – diz Clara.

Aurora engole em seco.

- Fique aqui! – ela diz.

- De jeito nenhum! – Clara segura o braço de Aurora – Ou vamos embora agora, ou descemos juntas!

Há um momento de silêncio espantoso muito parecido com o que fez a nuca de Aurora arrepiar quando ela estava na cozinha, e ali está novamente aquele arrepio seguido por um zunido em seu ouvido como se algo gritasse no profundo de seu subconsciente clamando para que pelo amor de Deus elas saíssem dali. Aurora não dá bola e nem tenta convencer Clara de ir embora. Parte porque ela mesmo está aterrorizada com a ideia de descer por aqueles degraus sozinha, e parte porque está ansiosa demais para ir embora e não ver o que acontece agora.

Na casa de Sofia, ela já tinha contado aos amigos o plano insano de Aurora, e tenta ligar para a esposa, mas a chamada vai direto para a caixa postal. Jonas está no banheiro e entrega o refrigerante a Thabata debruçada em cima da privada.

- Isso vai fazer você se sentir melhor – ele diz.

- Obrigada – Thabata bebe quase toda a latinha – Vou pedir para o André me levar para casa – diz levantando-se.

- Ah, então... O André já foi.

- Já foi para onde?! – Thabata o encara.

- Ele tem o especial da HBO, lembra? Ele disse que já trouxe as malas e que precisava pegar o avião para a Austrália.

- André não tem nenhum especial com a HBO! Do que está falando?!

Os olhos de Jonas arregalam instantaneamente.

De volta a mansão Marconi, Aurora e Clara chegam ao último degrau do porão subterrâneo e procuram por um disjuntor para acender a luz. Clara o encontra do seu lado esquerdo e quando o lugar é finalmente iluminado... Dezenas e dezenas de prateleiras podem ser vistas com jarros preenchidos com um líquido viscoso como aqueles de conserva. E dentro deles? Órgãos.

- MAIS QUE MERDA! – Clara começa a surtar – MAIS QUE MERDA!

Aurora engole em seco. Suas pernas estão trêmulas e seu coração pulsando na garganta. Aquele zunido está agora gritando, alertando, para ela cair fora dali. As mãos de Aurora estão geladas e ela sente um frio arrepiante causado por um grande ar-condicionado ligado nos 12°.

Com pequenos passos a jovem promotora caminha pelas prateleiras. Embaixo de cada jarro, há o nome das vítimas gravadas em uma plaquinha de metal. Sua intuição estava certa, Aurora. Parabéns! Mas e agora?

- MERDA! MERDA! MERDA! – Clara continua surtando enquanto tenta ligar para a esposa. – PRECISAMOS SAIR DAQUI! – ela grita ainda das escadas – AURORA, PRECISAMOS SAIR DAQUI!

Aurora permanece em silêncio observando mais uma coleção do assassino. Ela lê todos os nomes nas prateleiras e vê jarros com rins, pedaços de intestino, pulmão, dedos, olhos, fígado e línguas e chega até o final de uma das prateleiras onde percebe que há uma porta de ferro no fim daquele corredor. Ainda encarando os jarros, vê um vazio e embaixo dele seu próprio nome cravado em uma plaquinha de metal dourada “*Aurora*”. Seus olhos arregalam e ela engole em seco. Se lembra de todas as ligações do assassino, se lembra do casaco de Liza, se lembra dele

entregando o presente de casamento de Clara e Sofia no apartamento de Thabata, só os dois sozinhos e ele rindo da cara dela enquanto fingia chorar. Se lembra dele no almoço para a irmã de Alexandre, e ah, meu Deus, Alexandre! E em seguida vem a lembrança de André, sorrindo como o anfitrião perfeito servindo aquela refeição em memória de uma de suas próprias vítimas que teve o coração arrancado. Aurora fecha os punhos. Ela vai até a porta de ferro caminhando ferozmente esquecendo-se do perigo em que está vivendo e abre a porta se deparando com o que parece ser uma sala de cirurgia.

- AURORA, PRECISAMOS SAIR JÁ DAQUI! – Clara continua implorando aos gritos perto das escadas, ela não tem coragem de ir mais a fundo naquele maldito porão.

Aurora observa a sala que é ainda mais gelada do que o restante do porão. Há uma mesa de ferro e vários utensílios cirúrgicos, tudo muito limpo.

André chega à mansão. O toque em seu celular foi o sistema de segurança secundário que tinha na casa que era ativado toda vez que alguém passava pela porta da cozinha para a área externa. E assim que André chega reconhece o carro da promotora. Ele estaciona a Range Rover atrás do Corolla e se aproxima da janela do motorista que está aberta. André suspira e vê que a chave ainda está na ignição e a retira guardando as chaves no bolso.

- AURORA PELO AMOR DE DEUS PRECISAMOS SAIR DAQUI! – Clara continua pedindo em meio às lágrimas – QUERO IR EMBORA, POR FAVOR!

Na casa de Sofia, ela também berra em direção a Thabata.

- COMO ASSIM ELE NÃO TEM NENHUM ESPECIAL?!

- André não tem um contrato com a HBO! – Thabata responde – Mas de qualquer forma, por que se importa para onde ele está indo?

Os amigos ficam em silêncio. Thabata percebe o que está acontecendo lendo os olhares nervosos.

- Aurora está fazendo alguma coisa, não é? – pergunta quase retoricamente por que já sabe a resposta.

- Ela invadiu a casa dele! – revela Léo.

- O QUE?! – Thabata sente o estômago embrulhar novamente.

André caminha pelo saguão de entrada. Ele vai até a sala de estar vendo que Aurora não está ali e olha ao redor tentando decifrar se algo está fora do lugar. André morde o lábio inferior

e seus olhos estão atentos e profundos. O assassino se direciona para as escadas indo até o segundo andar trotando pelos degraus com o pescoço esticado tentando visualizar o que há lá em cima. Ele percebe o silêncio e ainda nada de Aurora. Seu peito está arfando quando chega ao fim da escada e ao passar por seu quarto, vê a cama desarrumada. Sua expressão se transforma de cozinheiro querido da família brasileira para a do assassino em série que assombra o país.

- AURORA! – o homem berra e desfere um murro contra a parede.

Aquelas duas nuvens preguiçosas que pairavam no céu começam a correr tapando o sol. Há uma nova brisa agora um pouco mais densa e gelada. Os pinheiros balançam com os pássaros que voam assustados com o grito de André.

Do porão, Clara e Aurora ouvem o berro que pareceu sair da boca de um urso furioso. Clara desaba a chorar encarando Aurora que se aproxima fazendo um sinal com o dedo indicador em frente a boca pedindo silêncio.

- AURORA EU SEI QUE VOCÊ ESTÁ AQUI! – o homem continua berrando no longo corredor.

- Fique aqui! – Aurora diz baixinho para Clara que está sentada agarrada às próprias pernas no último degrau.

- Não pode ir lá! – Clara responde com o rosto vermelho e molhado – Esse homem é um assassino!

- Fique de olho na porta! – Aurora aperta as mãos de Clara que estão suadas e ao mesmo tempo geladas – Eu vou distraí-lo, e na primeira oportunidade que tiver, você corre até meu carro e dá o fora daqui. Entendeu?!

- AURORA! NÃO ME FAÇA PERSEGUIR VOCÊ! – André continua enquanto bate nas portas dos quartos procurando por ela.

- Entendeu?! – Aurora repete para Clara que acena com a cabeça concordando.

- AURORA! – outro berro seguido por outro murro.

Aurora sobe as escadas do tenebroso esconderijo. No escritório, ela pega uma das estatuetas de prêmios que André tinha, pensando que poderia usá-la para se defender. Ela engole em seco e deixa a sala. André a encara no fim do corredor. Aquele silêncio ensurdecedor os atinge novamente e eles se encaram por um minuto. Presa e predador. André com os olhos azuis mortais focados no verde desesperado dos olhos de Aurora. Ele nota as mãos dela tremendo e vê a estátua. Inclinando a cabeça e esboçando um sorriso debochado, André pergunta:

- O que vai fazer com isso?

Aurora está frente a frente com o homem que caçava. Ela estava certa de todas as suas suspeitas e agora tem provas. Não estava louca, e obcecada, estava certa! Mas Aurora só havia pensado no que poderia fazer para provar que o homem era culpado, e não pensou no que faria depois que isso acontecesse. Ela se aproxima cuidadosamente dele enquanto aponta a estátua para o assassino que a encara como se ela fosse uma piada.

- O que estava fazendo no meu escritório?

Os dois começam a andar em formato de círculo no largo corredor no segundo andar da mansão Marconi. Essa é a tentativa de Aurora de tirar a atenção de André do escritório para que Clara tenha a oportunidade de fugir.

- Achei o seu esconderijo! – Aurora responde enquanto mantém as mãos firmes segurando a estátua – Você matou oitenta e duas pessoas!

- Oitenta e três. – André corrige – Não está contando você!

André parte para cima de Aurora como um leão que caça um cervo frágil. Ela tenta acertá-lo, mas é impedida pela força grotesca dele que arranca a estátua de sua mão e a joga para longe. Aurora solta um grito abafado e assiste a estátua que cai pelo corrimão e estrçalha lá embaixo. André se vira a segurando pelos braços e a arrastando até a parede onde ela bate com a cabeça e grita.

- Eu te disse, Aurora! – os olhos dele são tenebrosos. Dois grandes buracos azuis que parecem sugar o ar da sala – Ia se arrepender quando me conhecesse – ele a aperta pelo pescoço agora – Já está sentindo isso?! – a mão envolta da traqueia da promotora impede sua respiração.

Aurora tenta se debater sem sucesso para se soltar. André desfere um soco no rosto dela que cai desmaiada no chão.

Alguns minutos se passam e a jovem promotora com um olho roxo e inchado finalmente acorda. Aurora está com uma tremenda dor de cabeça e o olho direito parece tão grande prestes a explodir. Sua visão está embaçada e conforme abre os olhos, por alguns segundos se esquece de onde estava. Finalmente recobra a consciência e percebe que está amarrada em uma cadeira na cozinha da mansão Marconi. O cômodo está mais escuro agora, as grandes nuvens ainda cobrem o sol e mais algumas se juntaram e o tempo rapidamente se tornou nublado do jeito que só São Paulo consegue ficar em questão de segundos. Aurora está amordaçada e presa por uma corda passada várias vezes em seu tórax e braços amarrando até suas mãos presas por trás da cadeira. Ela se sacode tentando se soltar, seus braços arranham e ela sente um ardor infernal e

sente um filete de sangue escorrendo. Quando olha para a outra ponta da mesa, vê Clara na mesma situação, mas com a testa sangrando e o rosto banhado por lágrimas. Aurora se desespera e começa a murmurar na tentativa de soltar um grito enquanto se mexe na cadeira que cai no chão.

- Até que fim! – André diz aparecendo por detrás dela. Ele segura um copo com uísque na mão esquerda e na direita uma longa e afiada faca – Sua amiguinha ali tentou fugir, mas... – André se senta em cima da mesa, as pernas balançando e o copo de uísque na mão – Ninguém pode fugir de mim! – ele dá um gole na bebida deixando o copo de lado – Sabe, Aurora... – se inclina apoiando os cotovelos sobre o joelho a fitando – Eu estou muito chateado com você! Eu tinha tantos planos para nós! – ele se levanta. Aurora estremece o corpo. Clara choraminga mais alto – Eu ia arruinar a sua carreira! Matar um, talvez dois dos seus amigos... fazer você se sentir insana e sozinha e aí sim, eu ia te matar! – André passa a ponta da faca pelo rosto de Aurora. Seu corpo todo está arrepiado e ela sente uma pontada assim que a faca passa pelo hematoma de seu olho – Mas você tinha que arruinar tudo, não é?!

Aurora continua murmurando com a mordaça de pano na boca.

- Ah... – ele bufa irônico – É impossível te ouvir com isso – André retira a mordaça.

- SEU FILHO DA PUTA MALDITO! – Aurora grita – SOCORRO! SOCORRO!

- Ninguém vai te ouvir...

- Por que está fazendo isso?! – Aurora pergunta enquanto sente a corda cortar seus braços – Por que diabos está fazendo isso?!

André não diz nada e apenas permanece parado em frente a ela com a expressão sarcástica e macabra.

- Não vai conseguir se livrar disso! – a promotora continua – Existem outras pessoas que sabem que estou aqui. Todo mundo vai descobrir quem você é!

- Ah, Aurora... – o homem diz coçando a testa com a ponta da faca – Esse é o problema com você. Acha que alguém sempre vai te salvar, não é? – ele se afasta caminhando para perto de Clara ficando por detrás da cadeira onde a médica está amarrada. Ele ajeita o longo cabelo preto dela para trás deixando seu pescoço à vista.

- NÃO TOQUE NELA! – Aurora se chacoalha violentamente – TIRE SUAS MÃOS IMUNDAS DELA! NÃO TOQUE NELA!

André sorri. Ele está parado com as mãos nos ombros trêmulos de Clara, o cabo da faca sendo segurado pelo polegar e dedo indicador. Ele continua com o sorriso nos lábios carnudos e então beija o rosto de Clara e a esfaqueia no estômago.

- NÃO! – Aurora berra pulando na cadeira – NÃO!

Mais uma facada. Clara grita e se debate cuspiendo sangue pela boca. André sorri com o olhar focado em Aurora o tempo todo.

- PARE! PARE! – Aurora berra e esperneia – POR FAVOR, PARE!

Clara sangra abundantemente e sua camisa passa de branca para vermelha em questão de segundos. O chão está sujo e o sangue escorre pelo piso que ficaria marcado para sempre. André retira a faca a limpando em sua calça jeans. Ele continua com os olhos vidrados em Aurora no final da longa mesa de mármore.

- POR FAVOR... – Aurora implora e chora. Ela está com a cabeça baixa agora e não consegue acreditar que estes são os resultados de sua busca – PARE, POR FAVOR...

Clara respira com dificuldade, ela está com a cabeça jogada por cima do corpo e sangue escorre de seus lábios. Ela ainda está viva, mas a hemorragia é fatal e ela sabe. André esboça um sorriso maníaco. André se inclina ao lado de Clara.

- Feliz aniversário, docinho – diz no ouvido da médica, e puxando o cabelo dela para trás deixando seu rosto assim como seu pescoço bem visível para Aurora, ele corta sua garganta.

- NAAAAAAAAAAAAAAAAAAAAAAO! – Aurora berra. A cadeira cai no chão.

André permanece de pé, fitando a promotora caída do outro lado da mesa na cozinha.

O pescoço de Clara está dilacerado e jorra sangue por todo seu corpo. Há sangue nas vestes e no rosto de André e mesmo assim ele sorri monstruosamente soltando o pescoço de Clara que cai para frente com tudo. Segurando a faca, pingando sangue no piso branco pelo caminho, ele vai até Aurora e a levanta a segurando pelo cabelo. Com a cadeira de pé, a encara.

- E agora... – André se curva em frente ao rosto paralisado de Aurora – O que eu vou fazer com você?

AGRADECIMENTOS

Quero agradecer primeiramente a Luiz Ricardo da Silva Pereira que permaneceu ao meu lado durante todos os períodos em que achei que não seria capaz de terminar esse livro quando os bloqueios criativos me atacavam como o assassino atacou Aurora.

Agradeço a minha querida e belíssima amiga Isabelle Carvalho que leu cada capítulo assim que finalizado, me apontou melhorias e me ajudou com os votos de casamento no capítulo 15 (pois ela é uma romântica nata e eu fã de Edgar Allan Poe). Obrigada Isa, você é foda.

Agradeço aos meus melhores amigos, Luan Diego Vasques e João Vítor de Boni Custódio por servirem de inspiração para a criação dos personagens, Léo e JV. Espero ter captado a essência autêntica deles da maneira correta. Minha vida seria um completo tédio sem eles.

Agradeço a Edgar Allan Poe, autor do conto “O barril de amontillado” que foi o primeiro conto de terror que li e me fez me apaixonar pelo gênero terror e suspense.

E o mais importante dos agradecimentos, é para você leitor por ter chegado até aqui na história de Aurora.

A parte II de Como Consertar um Coração sairá em breve.

Espero que tenha gostado.

NOTA DO AUTOR

Os personagens e enredo utilizados nessa história são fictícios.

Como não faço parte dos grandes departamentos de justiça, os processos relatados podem não ser fiéis ao que realmente acontece em uma investigação criminal, e ao meu favor uso a carta de obra de ficção.

Este é um livro independente e peço desculpas por eventuais erros ortográficos.

Embora a Serra da Bocaina realmente exista na divisa dos estados Rio de Janeiro e São Paulo, não há nenhum indício de corpos enterrados lá.

Pelo menos não por enquanto.

05 de junho, 2020.